

matri patrique, quia me firme sustinent

\* \* \*

Duit, mo chride, mo grían ocus mo ríched rétlannach



## **Lista de Abreviaturas**

AT: STOKES, Whitley (ed. e trad.), “The Annals of Tigernach, Third Fragment (AD 489-766)”, *Revue Celtique*, 17, 1896, pp. 133-136.

AU: MAC AIRT, S. & MAC NIOCAILL, G. (ed. e trad.), *The Annals of Ulster (to AD 1131)*, Dublin, 1983.

DIL: *Dictionary of the Irish Language, based mainly on Old and Middle Irish materials*, Royal Irish Academy, Dublin, 1913-1976.

ThLL: *Thesaurus Linguae Latinae*, Leipzig, 1900-.

VSC: *Vita Sancti Columbae*.



*Sínidh mo phenn beg bráenach  
Tar aonach lebar lígoll  
Gan sgor fri selba ségann  
Dían sgíth mo chrob ón sgríbunn*

In *Zeitschrift für celtische Philologie*, xiii, p. 8

Estendo a minha pequena pena humedecida  
Sobre o ponto de encontro de belos livros;  
Sem pausa para as possessões de homens excelentes,  
Tão cansada de escrever, a minha mão.

## **Prefácio**

Quando, por volta do século V, a língua latina, de mãos dadas com o Cristianismo, desembarca efectivamente na Irlanda, ilha até então além dos confins do mundo latinizado, o efeito produzido seria muito diferente daquele que resultara das conquistas do período clássico. Se no contexto da romanização as culturas e idiomas indígenas cederam rapidamente o lugar à língua colonizadora, na Hibernia esta actuou como catalizador de uma reacção oposta, cujo produto foi o emergir de uma cultura original e de uma língua antiga antes mergulhadas nas trevas da iliteracia. Assim, por um lado, nasceu uma literatura latina diferente, porquanto o latim, aprendido artificialmente nas obras dos gramáticos, se tornou uma língua reservada à erudição, e, por outro, floresceu a primeira literatura vernácula da Europa.

Mas essa realidade literária, despertada pela introdução da língua da Igreja do Ocidente, só se torna palpável no século VII, do qual datam os mais antigos textos escritos por irlandeses na Irlanda. No *corpus* destas obras, ainda maioritariamente escritas em latim, sobressaem as hagiografias. Se mais tarde proliferariam os textos hagiográficos anónimos, redigidos quer em latim, quer no antigo idioma gaélico, ou mesmo numa combinação de ambos, o século VII ficaria marcado por quatro grandes hagiógrafos: Cogitoso, para Santa Brígida; Muirchú e Tírechán, para São Patrício; e Adomnán, para São Columba.

Sem negar o mérito das obras produzidas por cada um dos restantes autores, indispensáveis para a compreensão do tempo em que escreveram, foi Adomnán quem mais suscitou a admiração daqueles que, muitos séculos depois, se entregaram à leitura da sua *Vita S. Columbae*. Demonstrou não só um domínio exemplar da língua latina, que excedeu o dos seus contemporâneos, como também uma notável mestria na aplicação dos cânones hagiográficos continentais à sua composição, conjugando-os com a originalidade da sua cultura nativa. Demais, a qualidade por vezes gráfica das suas descrições dos acontecimentos, que surpreendem amiúde pela sua simplicidade de quotidiano em que o carisma do santo se manifesta igualmente singelo, contribui para a construção de um retrato em que a santidade e a humanidade de Columba caminham lado a lado.

Por tudo isto, estamos convictos de que a obra de Adomnán de Iona, que nos propusemos aqui apresentar em tradução parcial, deve ser contada entre tantos outros textos hagiográficos nos quais o leitor benevolente se comprazerá mesmo na ausência de fé.

# Introdução

## 1. Uma ilha, muitos tronos: esboço político da Irlanda de São Columba a Adomnán

*Totius Scotiae regnatorem*: assim adjectiva Adomnán o rei Díarmait mac Cerbaill, assassinado por Áed Dub, em 565<sup>1</sup>. Esta designação corresponde ao título de *rí Temro*, rei de Tara<sup>2</sup>, nunca utilizado na *Vita*, mas do qual foram detentores outros monarcas nela mencionados. Um deles é Áed Sláne, filho de Díarmait, presente nas listas dos reis de Tara, e a quem São Columba previne contra um *peccatum parricidale*, sob pena de se ver privado do trono de toda a Irlanda e reinar apenas sobre a sua *gens*. As fontes dizem-nos que, no ano 600, depois de assassinar o seu sobrinho Suibne<sup>3</sup>, Áed partilhou o trono de Tara com Colmán Rímid. Os dois títulos não são pois necessariamente sinónimos, e o poder directo de um único rei supremo sobre toda a ilha da Irlanda nunca terá sido uma realidade, muito menos nos séculos de Adomnán e de São Columba.

A unidade política de base na Irlanda alto-medieval era a *túath*, conceito que pode ser definido, em sentido lato, como uma comunidade essencialmente agrícola, ocupando um território por norma bem delimitado e correspondendo, na maior parte dos casos, a um *mag* ou, em latim, a um *campus*, uma planície arável. Adomnán encontrou no vocábulo latino *plebs*<sup>4</sup>, termo que sublinha o seu carácter leigo, a tradução adequada para esta entidade. A realidade transmitida pelos textos legais irlandeses é a de uma sociedade em que cada indivíduo só possui uma identidade legal no seio da sua própria *túath*, à excepção

---

<sup>1</sup> *VSC*, I.36.

<sup>2</sup> Preferimos esta designação à de *ard-rí*, vertida em inglês por *high-king*, e que pode ser traduzida em português por rei supremo. É o título mais generalizado na literatura menos especializada para se referir à figura fictícia do rei da Irlanda, mas não só é pouco frequente nas fontes mais antigas, como é utilizado indiscriminadamente para designar outros reis que não o de Tara. Cf. BYRNE, 1973, p.42; CHARLES-EDWARDS, 2000, p. 519.

<sup>3</sup> *VSC*, I.14.

<sup>4</sup> *VSC*, II.45, III.23.

dos membros da Igreja e dos poetas, os *filid*, uma vez que o seu estatuto não dependia da posse de terra<sup>5</sup>.

À cabeça de cada um destes pequenos reinos, encontrava-se a primeira categoria de monarca prevista pelas leis, o *rí túaithe*, rei de uma só *túath*. Acima deste, o *rí buiden*<sup>6</sup> ou *rí túath*, o grande rei, senhor de três ou quatro *túatha*. Por fim, no topo desta hierarquia, o *rí ruirech*, rei de grandes reis, também referido por vezes como *rí cóicid*, rei provincial. Cada rei, porém, não obstante a sua posição nesta hierarquia, era, antes de mais, um *rí túaithe*, senhor da comunidade a que pertencia, e apenas sobre ela exercia autoridade directa<sup>7</sup>.

A última designação, a de *rí cóicid*, reflecte a memória de uma alegada pentarquia da Irlanda pré-histórica, dividida em cinco grandes províncias - Ulster, Leinster, Munster, Connacht e Mide. Mas, no período que nos ocupa, esta divisão provincial repousa num ideal de tradição, que já não pode corresponder a um mapa político efectivo, sem que deixe todavia de fazer parte estruturante da forma de conceber o território na Irlanda medieval, nem de constituir um fundamento para aspirações políticas concretas.

O que ao esquema que acima delineámos está subjacente é antes, nas palavras de Ó Cróinín, uma manta de retalhos composta por uma miríade de pequenos reinos assentes no conceito da *túath*, associando-se entre si por meio de uma lógica de subordinação contratual de reis menores a monarcas mais poderosos<sup>8</sup>. Uma fraca coesão entre estas federações de *túatha*, mesmo quando nelas participam laços familiares, resultaria numa significativa instabilidade nas alianças e rivalidades e, por conseguinte, na fluidez das fronteiras políticas. Tudo isto, ressalve-se, no interior de uma notável homogeneidade cultural e linguística, que seria, com grande probabilidade, o factor essencial para o equilíbrio deste sistema em aparência frouxo e potencialmente caótico.

Assim, é difícil conceber, neste panorama, a existência de um trono centralizador e de um título, ausente das leis de estatuto, como o de rei supremo da Irlanda, reclamado por Adomnán para Díarmait mac Cerbaill.

---

<sup>5</sup> Cf. BYRNE, 1973, p. 14, 39; CHARLES-EDWARDS, 2000, p. 103.

<sup>6</sup> Literalmente, rei de bandos armados.

<sup>7</sup> Cf. BYRNE, 1973, p.41.

<sup>8</sup> Lógica que reproduz a relação contratual entre um simples cliente e o seu senhor, relação estruturante da sociedade irlandesa alto-medieval.

O trono de Tara<sup>9</sup> era, afirma Francis Byrne, marcadamente cultural, imbuído de uma forte carga simbólica que advinha do seu prestígio enquanto um dos lendários centros do poder pagão<sup>10</sup>. Demais, a sequência de reis de Tara, que nos chega através das listas reais, dos anais e das genealogias, apresenta interregnos na sucessão, bem como reinados partilhados, o que parece demonstrar que esta era uma posição com contornos especiais. Já vimos também, pelo exemplo da comparação entre Diarmait e o seu filho Áed Sláne, que o poder do rei de Tara era variável e dependia menos do título em si do que de quem o detinha. Ainda assim, parece existir nas fontes evidências que apontam para o reconhecimento de um estatuto excepcional destes reis, mesmo que nem sempre tenham conseguido concretizar a influência potenciada pelo título de *rí Temro*. O real vigor do simbolismo concentrado em Tara não pode ser desprezado por completo<sup>11</sup>.

Nos séculos VI e VII, Tara e a história da Irlanda são dominados pela linhagem dinástica a que pertenciam quer São Columba, quer o seu biógrafo: os Uí Néill. Reclamando-se descendentes do lendário Níall Noígíallach, Níall dos Nove Reféns, os *Nellis nepotes* de Adomnán emergiram no século V e consolidaram o seu domínio sobre a metade setentrional da ilha durante os dois séculos seguintes. Ao longo deste período de ascensão, dividiram os territórios conquistados pelas várias linhagens de segunda geração e a unidade da dinastia foi sendo minada por disputas interinas.

Eram duas as linhagens dominantes no extremo norte durante estes dois séculos: o Cenél Conaill, fazendo recuar a sua ascendência a Conall Gulban, filho de Níall, ocupava os territórios a noroeste<sup>12</sup>; neles se filiavam São Columba, Adomnán e a esmagadora maioria dos abades de Iona. A nordeste destes, encontrava-se o reino do Cenél nEógain<sup>13</sup>,

---

<sup>9</sup> Tara, *Temair* em irlandês, era um dos grandes centros religiosos da época heróica retratada nas sagas, a par de Emain Macha, Crúachu, e Ailenn. Situada no reino de Brega, no actual Meath, Temair já se encontraria abandonada no século VI e a sua utilização seria apenas cerimonial e esporádica.

<sup>10</sup> Diarmait mac Cerbaill terá sido, em 560, o último rei supremo a celebrar a *Feis Temro*, Festa de Tara, que consistia no ritual pagão do casamento entre o monarca e a deusa da soberania.

<sup>11</sup> Cf. CHARLES-EDWARDS, 2000, pp. 469-521. Numa síntese que problematiza as questões em torno da monarquia de Tara, este autor faz amplo uso do livro I da *VSC*, estabelecendo um paralelo entre as menções feitas por Adomnán a reis de Tara e as listas reais transmitidas por outras fontes.

<sup>12</sup> Grande parte do actual condado de Donegal.

<sup>13</sup> Centrando-se sobretudo na península de Inishowen e territórios a sul desta, no condado de Donegal.

os descendentes de um outro filho de Níall, Eógan. Durante a segunda metade do século VI e a primeira do VII, o trono de Tara foi ocupado alternadamente por membros destes dois ramos setentrionais dos Uí Néill, quase todos mencionados por Adomnán no livro I da *Vita*<sup>14</sup>.

Díarmait mac Cerbaill é o mais antigo rei de Tara referido na obra e é uma exceção ao que acabámos de expor. Membro dos Uí Néill do Sul e com uma ascendência algo incerta em Conall Cremthainne, filho de Níall, os seus dois filhos dariam origem às linhagens detentoras dos territórios da região central da Irlanda: descendendo de Colmán Már, o Cland Cholmáin ocupava o Mide<sup>15</sup>, enquanto a leste desta região, o reino de Brega<sup>16</sup>, onde se encontrava Tara, era dominado pelos Síl nÁedo Sláne, a Semente de Áed Sláne, que vimos ter partilhado o trono com Colmán Rímid, do Cenél nÉogain.

Seria esta última linhagem a que monopolizaria Tara durante a segunda metade do século VII, mas, no ano anterior à sua morte, em 704, Adomnán ainda veria um parente seu, Loingsech mac Óengusa, reclamar o trono para o Cenél Conaill.

Os Uí Néill não se encontravam porém sozinhos nem sem oposição no norte. As regiões a nordeste<sup>17</sup> eram ainda ocupadas pelas várias facções dos Ulaid, antigos senhores do Ulster, que se viram privados de grande parte dos seus territórios com o avanço dos descendentes de Níall. Preservando até meados do século VII uma relativa independência dos seus rivais, os Ulaid estavam representados por três grupos principais. Os Dál Fíatach constituíam a força política preponderante, de tal modo que a grande maioria dos grandes reis dos Ulaid provinham deste povo. Rivalizavam com os Cruithni, que vemos vencidos por uma coligação do Cenél Conaill e do Cenél nÉogain<sup>18</sup>, em 563, na batalha de Móin

---

<sup>14</sup> Domnall e Fergus, do Cenél nÉogain, e Ainmire mac Sétnai, do Cenél Conaill, cf. *VSC*, I.7; Báetán e Eochaid, do Cenél nÉogain, cf. *VSC*, I.12; Áed mac Anmirech, do Cenél Conaill, cf. *VSC* I.11; Domnall mac Aéda, do Cenél Conaill, cf. *VSC*, I.10.

<sup>15</sup> Grande parte do actual condado de Meath.

<sup>16</sup> Estendendo-se de territórios no norte do condado de Dublin e no sul do condado de Louth, para oeste, penetrando no condado de Meath.

<sup>17</sup> Na actual Irlanda do Norte.

<sup>18</sup> A origem do conflito terá partido de uma disputa entre linhagens dos Cruithni, que resultou num pedido de auxílio aos Uí Néil do Norte, em troca de cedências territoriais. Cf. CHARLES-EDWARDS, 2000, p. 295; SHARPE, 1995, p. 268.

Daire Lothair, tema do capítulo I.7 da *Vita*. Entre os Cruithni, reinava a *gens* dos Dál nAraidi, a que pertencia Áed Dub, o responsável pela morte de Díarmait mac Cerbaill.

Báetán mac Cairill, dos Dál Fíatach, e Congal Cáech, dos Cruithni, terão sido reis de Tara, sinal, por um lado, de que o título não era uma prerrogativa dos Uí Néill<sup>19</sup>, e, por outro, de que os Ulaid não eram, até à primeira metade do século VII, um elemento despiciendo na dinâmica do poder no norte da Irlanda. Contudo, com a batalha de Mag Roth, em 637, e a derrota de Congal Cáech, apoiado pelo Cenél nÉogain, a Airmedach mac Conaill do Cland Cholmáin e aos Dál Ríata, perante as forças dos Cenél Conaill e dos SílnÁedo Sláne, os Cruithni foram definitivamente relegados para segundo plano.

Os Dál Ríata, que em Mag Roth quebram uma antiga aliança com os parentes de São Columba, contavam-se também entre os Ulaid. Este povo, que Adomnán conhece por Corcu Réti<sup>20</sup>, encontrava-se confinado a uma pequena porção da extremidade nordeste da Irlanda<sup>21</sup>, mas o seu reino prolongava-se além-mar na actual região escocesa de Argyll, à qual pertence a ilha de Iona. Era aqui que prosperavam e residiam os seus reis. Destes, Áedán mac Gabráin, contemporâneo de Columba e celebrizado pela *Vita*, é talvez o mais importante.

Áedán assume o poder em 574 e, ainda que seja improvável a sua ordenação divina mediada por São Columba, tal como relatada por Adomnán<sup>22</sup>, da relação deste monarca com o santo muito dependeu não só a posição privilegiada de Iona em território escocês, como também a posição periclitante dos Dál Ríata na Irlanda.

De feito, o momento conhecido por Convenção de Druimm Cete, o *regum in Dorso Cette conductum* a que o autor da *Vita* alude em quatro instâncias<sup>23</sup>, e cuja datação é problemática<sup>24</sup>, foi ocasião para o encontro de Áedán com Áed mac Ainmirech, rei dos Uí

---

<sup>19</sup> Ideia transmitida pela espessa camada de propaganda a favor dos Uí Néill que envolve amiúde as fontes. Cf. Ó CRÓINÍN, 2005, p. 209.

<sup>20</sup> Os *Korkureti* em *VSC*, I.47.

<sup>21</sup> Parte do actual condado de Antrim, na Irlanda do Norte.

<sup>22</sup> *VSC*, III.5.

<sup>23</sup> *VSC*, I.10, I. 49, I.50, II.6.

<sup>24</sup> Cf. SHARPE, 1995, p. 313. A Convenção foi registada nos Anais do Ulster no ano de 575. Sharpe, porém, argumenta a favor de uma data mais tardia, entre 586, ano em que Áed mac Ainmirech se torna rei dos Uí

Néill do norte, que obteve o trono de Tara, e primo de São Columba, também ele presente em Druimm Cete. Se é verdade que a *Vita S. Columbae* constitui, para este acontecimento, a nossa principal fonte de informação, o seu autor deixou, todavia, passar em silêncio o propósito do encontro e os seus frutos. Implícita parece estar uma aliança entre a linhagem de Áedán, o Cenél nGabráin, e a família do santo, o Cenél Conaill, talvez como resposta à pressão exercida pelo grande rei dos Ulaid, Báetán mac Cairill, dos Dál Fíatach, que pretendia estender o seu domínio aos territórios escoceses dos Dál Ríata pela submissão de Áedán. Em semelhante aliança, nenhum outro homem estaria melhor posicionado para desempenhar um papel mediador do que o fundador de Iona, já que, como Sharpe observou<sup>25</sup>, era, por um lado, parente próximo do rei de Tara, e, por outro, o mais eminente eclesiástico entre os Dál Ríata de Argyll.

Após a morte de Áedán, por volta do ano 608, os seus descendentes predominariam, durante o século VII, no seio do Cenél nGabráin e como reis dos Dál Ríata, ainda que uma certa alternância com os reis do ramo rival, o Cenél Comgaill<sup>26</sup>, tenha continuado a verificar-se. Estes últimos poderiam ser os *extranei* de que fala Cumméne Find, no excerto da sua obra adicionado ao texto de Adomnán, no manuscrito de Dorbénne<sup>27</sup>, quando narra uma advertência profética do santo a Áedán: que os seus descendentes não hostilizassem a sua família, sob pena de perderem o *sceptrum* e serem subjugados por estranhos. Com efeito, o neto de Áedán, Domnall Brecc, infringiria, em Mag Roth, a aliança com o Cenél Conaill, e seria substituído no trono dos Dál Ríata por um membro do Cenél Comgaill, Ferchar<sup>28</sup>.

Outra hipótese de identificação destes *extranei*, tomada por mais verosímil por Anderson & Anderson, porquanto esta adjectivação pode surpreender ao ser atribuída ao ramo dos Dál Ríata mais próximo do Cenél nGabráin, aponta para os Anglos da

---

Néill do norte e obtém o trono de Tara, e 597, o ano da morte de São Columba. Charles-Edwards parece concordar com esta datação, embora apenas a refira em nota. CHARLES-EDWARDS, 2000, p. 487, n. 79.

<sup>25</sup> *Ibid.*

<sup>26</sup> Os descendentes de Comgall, irmão de Gabrán, pai de Áedán e antepassado do Cenél nGabráin. Enquanto estes ocupavam os territórios da actual península escocesa de Kintyre, o reino do Cenél Comgaill situava-se a sul, na península de Cowal, que preserva o nome dos seus antigos senhores.

<sup>27</sup> Acrescentado após o capítulo III.5, que trata da ordenação divina de Áedán.

<sup>28</sup> Cf. FRASER, 2009, pp. 164-174.

Nortúmbria<sup>29</sup>. Os dois filhos de Etelfrido da Bernícia, Osvaldo e Oswiu, o primeiro intimamente ligado a Iona<sup>30</sup>, detiveram a supremacia sobre os reinos de anglos, bretões, pictos e irlandeses na Grã-Bretanha. Embora tenha sido Oswiu a atingir algo próximo a um poder hegemónico da ilha, Adomnán, antes de Beda, reconhece Osvaldo como *totius Britanniae imperator a deo ordinatus*<sup>31</sup>, título porventura exagerado, mas que sugere que o abade de Iona reconhecia ainda um período em que o reino dos Dál Ríata não era independente. O estatuto tributário do reino gaélico para com os Anglos só terá findado com o fracasso do filho de Oswiu, Ecgfrith, em 685. Assim, quando, nos últimos anos do século, o biógrafo de São Columba encetou a composição da *Vita*, o passo da obra do seu predecessor não mais fazia sentido. Talvez o tenha voltado a adquirir no início do século seguinte, mesmo antes da morte de Adomnán em 704, com a ascensão de uma nova linhagem, o Cenél Loairn<sup>32</sup>, ao trono dos Dál Ríata.

## **2. Bispos e abades numa Igreja diferente: o exemplo de Iona nos séculos VI e VII**

Num dos últimos capítulos do Livro I da *Vita S. Columbae*<sup>33</sup>, Adomnán conta-nos como um bispo vindo do sul da Irlanda, Crónán, visitando Iona na condição de peregrino, procurou humildemente omitir o seu estatuto eclesiástico na presença de São Columba, sem que lograsse todavia preservar o seu segredo por muito tempo, pois nada podia permanecer

---

<sup>29</sup> Cf. ANDERSON & ANDERSON, 1991, pp. xxv-xxvii.

<sup>30</sup> Osvaldo, venerado como santo após a sua morte, terá sido baptizado em Iona, durante o seu exílio entre os Dál Ríata. Mais tarde, regressando à Bernícia como rei, pede aos irlandeses, provavelmente ao abade daquela fundação columbana, Ségéne, que lhe seja enviado um bispo. É-lhe enviado Áedán, um monge de Iona, que seria o responsável pela importante fundação monástica de Lindisfarne. Beda, *Hist. Ecc.*, 3. 3; Cf. SHARPE, 1995, pp. 252-253.

<sup>31</sup> *VSC*, I.1.

<sup>32</sup> Um ramo setentrional dos Dál Ríata, brevemente mencionado por Adomnán em II.45.

<sup>33</sup> *VSC*, I.44

escondido perante a milagrosa presciência do santo. A revelação dá-se no decorrer de uma missa de Domingo, quando Columba convida o suposto presbítero visitante a celebrar o rito eucarístico na sua companhia. Assim que Crónán chega ao altar, o santo, ao olhá-lo, apercebe-se de que está perante um bispo e cede-lhe o lugar, para que o eminente peregrino parta sozinho o pão, segundo o rito episcopal (*episcopali ritu*)<sup>34</sup>.

Para o hagiógrafo de Columba, o aspecto relevante deste episódio é a manifestação da presciência divina concedida ao santo, como fica claro no final convencional do episódio, em que Crónán venera Cristo no fundador de Iona (*Christum in sancto ueneratus est*). Para a nossa exposição, este capítulo apresenta um interesse acrescido pela posição eclesiástica dos seus dois protagonistas e a sua interação. Representam eles as duas vertentes estruturantes da organização eclesiástica na Irlanda alto-medieval: a episcopal e a monástica.

O modelo diocesano, centrado na autoridade do bispo, foi o primeiro a ser instaurado. Trazido, num primeiro momento, pela missão de Paládio, em 431<sup>35</sup>, foi, pouco depois, em data incerta, consolidado por São Patrício e pelos seus sucessores imediatos. Mas, se na Gália do primeiro bispo dos irlandeses, e na Bretanha romanizada daquele que viria a ser aclamado Apóstolo da Irlanda, a antiga unidade administrativa do Império, a *ciuitas*, servira de molde à *diocesis*, na ilha bárbara, até então à margem do mundo romanizado, desprovida de centros urbanos, forçoso foi encontrar uma solução que favorecesse a assimilação do modelo importado numa realidade que lhe era estranha.

Os cânones do que terá sido o primeiro sínodo irlandês, associado a Patrício, transmitidos no texto conhecido por *Synodus Episcoporum*, revelam uma organização de tipo episcopal já bem definida<sup>36</sup>, que encontrou na tradicional *túath* uma alternativa

---

<sup>34</sup> REEVES, 1857, p. 85 e, citando-o, SHARPE, 1995, p. 306, relembram o cânone do Concílio de Arles, em 314, onde se estabelece que seja concedida a um bispo visitante a celebração da missa.

<sup>35</sup> Paládio, clérigo de Auxerre, foi enviado pelo Papa Celestino como primeiro bispo aos *Scottos in Christum credentes*, o que parece pressupor a preexistência de uma comunidade cristã na Irlanda. A notícia é-nos dada por Próspero, no seu *Chronicon*. Cf. CHARLES-EDWARDS, 2000, pp. 202-214, para uma argumentação a favor de uma possível relação entre a missão de São Germano contra o Pelaginismo na Bretanha e a missão de Paládio.

<sup>36</sup> HUGHES, K., “The church in Irish society, 400-800”, in Dáibhí Ó Cróinín (ed.), *A New History of Ireland I - Prehistoric and Early Ireland*, Oxford, 2005, p. 309.

adequada à *ciuitas* romana. A *túath*, ou *plebs*, terá passado a ser, mesmo nos séculos seguintes, o âmbito da autoridade do bispo<sup>37</sup>, no topo de uma hierarquia de clérigos não obrigados ao celibato, à qual vemos o jovem Columba pertencer na qualidade de diácono, sob o bispo Findbarr, no primeiro capítulo do Livro II da *Vita*. Esta Igreja de finais do século V e início do VI é, no entanto, uma Igreja à parte de uma sociedade em que resistem elementos pagãos, regidos por uma lei secular que ainda não reconhece o estatuto dos membros da recém-chegada instituição cristã<sup>38</sup>.

Se é certo que já Patrício falava da existência de monges e de virgens de Cristo<sup>39</sup>, às quais o missionário bretão dava especial importância, estes parecem ter sido apenas os representantes de um movimento ascético ainda pouco estruturado, não concentrado em fundações cenobíticas. É na geração de São Columba, a partir de meados do século VI, que assistimos à emergência de um fervor ascético que se expressa na fundação de muitos dos grandes centros monásticos que assumiriam um tão grande peso na Igreja irlandesa, entre os quais se contam os exemplos célebres de Iona, Clonmacnois, Clonard e Bangor.

Com a morte do fundador de uma destas casas monásticas, designado por *patronus*, ou, em irlandês, *érlam*, cada abade sucessor era considerado o seu *comarbae*, o seu herdeiro. A aplicação ao contexto monástico deste termo vernáculo, usado nas leis seculares que regulavam a transmissão do património herdado, é significativa, pois reflecte uma tendência para a permanência da autoridade abacial no seio da família ou da linhagem do *patronus*.

Tomemos como exemplo os abades de Iona entre Columba e Adomnán, o nono a ocupar o cargo. O sucessor imediato do santo foi o seu primo directo, Baíthéne, tal como informa o segundo capítulo do Livro I da *Vita*. Tendo falecido em 598, apenas um ano após a morte de Columba, o seu lugar é ocupado pelo filho de outro primo directo dos seus predecessores, Laisrén, filho de Feradach, protagonista de um capítulo da obra de Adomnán e abade até 605. Sucede-lhe, até 623, Fergna, provavelmente oriundo da Bretanha, sem que

---

<sup>37</sup> Charles-Edwards ressalva, porém, que não é possível afirmar que houvesse um bispo para cada *túath*, nem que cada *túath* não incluísse mais do que um bispo em simultâneo. CHARLES-EDWARDS, 2000, pp. 271-72.

<sup>38</sup> HUGHES, 2005, p. 310.

<sup>39</sup> Patrício diz serem filhos e filhas de reis irlandeses: *quo modo (...) filii Scottorum et filiae regulorum monachi et uirgines Christi esse uidentur?*; PATRIC., *conf.*, 41.

se lhe conheça qualquer ligação à família do santo, no tempo do qual fora monge<sup>40</sup>. O quinto abade devolve o posto ao Cenél Conaill com a nomeação um sobrinho de Laisrén, Ségéne, uma das fontes orais mencionadas por Adomnán e cujo óbito é registado em 652. É sucedido por Suibne moccu Urthri, de ascendência desconhecida, mas certamente não filiado no Cenél Conaill. Cummène, sobrinho de Ségéne e primeiro hagiógrafo de Columba, torna-se o sétimo abade após a morte de Suibne, em 657. O predecessor imediato de Adomnán, ele próprio descendendo de Sétne, tio de Columba, é Fáilbe, primo em terceiro grau de Cummène. Assim, dos nove abades de Iona desde os derradeiros anos do século VI até ao virar do século VII para o VIII, com Adomnán, apenas dois não pertencem ao Cenél Conaill, enquanto todos os outros gozavam de um estreito parentesco com o seu *érlam*.

A justificação para o carácter hereditário do poder monástico encontrar-se-á, em grande parte, na própria definição desse poder. Ao contrário do bispo, cuja autoridade advém da sua dignidade episcopal, que lhe é consagrada pela Igreja, o poder do abade decorre da propriedade de que é senhor e que, incluindo mosteiros, igrejas e terras que lhes estão associadas, constituem a *paruchia* do seu patrono. Além disso, todos aqueles que, de algum modo, dependem da propriedade da *paruchia*<sup>41</sup>, e que formam a *familia* monástica, estabelecem uma relação com o abade comparável à prevista entre um senhor secular e os seus clientes<sup>42</sup>. Uma vez que a transmissão do cargo de abade de uma importante *familia* monástica acarretava também a transmissão de um vasto património material e humano, a aproximação à realidade secular prolongou-se também na questão da sucessão abacial<sup>43</sup>.

Este sistema, iniciado no século VI, desenvolveu-se a tal ponto que a composição das *familiae* monásticas se tornou deveras diversificada. Representativo desta diversificação é o uso abrangente do vocábulo latino *monachus*, que deu origem ao *manach* irlandês. Os *monachi*, ou *manaig*, eram todos aqueles que se haviam submetido a um

---

<sup>40</sup> O *Virgnous bonae indolis iuuenis* em *VSC* III.19.

<sup>41</sup> Variante ortográfica do latim ibérico para *paroecia* ou *parochia*.

<sup>42</sup> Tal como é definida nos textos legais irlandeses. Sempre que nos referimos a relações de clientelagem na Irlanda alto-medieval, não insinuamos nenhuma alusão anacrónica a um feudalismo *avant la lettre*.

<sup>43</sup> Cf. HUGHES, 2005, p. 316: *The abbot is not merely the spiritual father of his monks; he is the «princeps», the ruler of the community, and the «comarba», the heir to the property.*

abade<sup>44</sup>, considerados seus clientes, e não apenas os que haviam professado votos monásticos de celibato e pobreza<sup>45</sup>. Esta diversidade da *familia* monástica contribuía para uma certa auto-suficiência dos grandes mosteiros, pois entre os *monachi* encontravam-se aqueles que cultivavam as terras, os que cuidavam do gado, bem como os que se especializavam em vários ofícios necessários ao funcionamento da instituição.

Assim, os cânones do século VIII referem-se às grandes comunidades eclesiásticas, que podiam ser monásticas, quer masculinas, quer femininas ou mistas, ou não, como *ciuitas*, designação sintomática da sua complexidade e dos seus contornos quase urbanos. A *ciuitas* é, no entanto, apenas a casa principal da *familia*, excluindo a *paruchia*, entendida como o conjunto das igrejas e mosteiros dependentes da *ciuitas*. As maiores *ciuitates* parecem ter sido também sedes episcopais, o que não excluía uma vertente monástica<sup>46</sup>.

Não é este o caso de Iona, onde nunca residiu um bispo. Columba e os seus *comarbai* do século VII administravam uma federação de mosteiros disseminados por uma ampla área geográfica: Derry, no norte da Irlanda, Durrow, no sul do reino do Mide, Mag Luinge, na actual ilha escocesa de Tiree, e Hinba, ilha escocesa não identificada, todos eles mencionados por Adomnán, haviam sido fundados pelo santo e eram os principais membros da *paruchia* columbana. No decorrer do século VII, parecem ter sido acrescentadas apenas duas novas fundações importantes, ambas sob o abade Ségéne: o mosteiro de Rechra, provavelmente actual Lambay, ilha ao largo do reino de Brega<sup>47</sup>, e Lindisfarne, ao largo da Nortúmbria governada por Osvaldo<sup>48</sup>. Esta possibilidade de

---

<sup>44</sup> Note-se também que o termo *abbas* não é necessariamente, na terminologia eclesiástica irlandesa, um abade, pois recupera a semântica menos específica do vocábulo em tempos mais recuados do Cristianismo para se referir a um qualquer prelado eclesiástico. Uma alternativa a *abbas* parece ser *princeps*, que começou por ser sinónimo de bispo, para mais tarde poder ser atribuído a um eclesiástico à cabeça de uma qualquer igreja, monástica ou não. Cf. *Ibid*, p. 250.

<sup>45</sup> CHARLES-EDWARDS, 2000, p. 121.

<sup>46</sup> Kildare, fundado por Santa Brígida, é exemplo de uma fundação originalmente monástica, mista, que era também uma importante sede episcopal.

<sup>47</sup> Ao largo da região de Dublin.

<sup>48</sup> Apesar da sua importância no contexto da controvérsia pascal e nas relações entre irlandeses e anglos da segunda metade do século VII em diante, é incerta a natureza da sua posição na *paruchia* columbana. Irrelevante para a biografia de São Columba, Adomnán nunca lhe faz referência na *Vita* nem na sua obra anterior, *De locis sanctis*. Cf. HERBERT, 1988, pp. 44-45.

expansão geográfica, com a aquisição de novas dependências, distingue a *paruchia* da diocese, cujos limites se encontravam bem definidos e fixos.

O Livro I da *Vita* atesta a nomeação por São Columba de *praepositi*, priores, para a administração destes mosteiros submetidos à sua autoridade sediada em Iona. No capítulo 45, envia o seu tio Ernán, ancião a quem ele profetiza uma morte próxima, para ocupar a *praepositura* de Hinba, que um capítulo anterior sugere ser ocupada por Baíthéne<sup>49</sup>, noutra episódio referido como *praepositus* do mosteiro de Mag Luinge<sup>50</sup>. Também Laisrén, que viria a ser o terceiro abade de Iona, protagoniza o capítulo 29 como superior de monges no mosteiro de Durrow. O abade, não obstante a existência destes *praepositi*, não descuidaria a supervisão da administração da sua *paruchia*, como o parece testemunhar a presença do santo em Hinba, no mesmo capítulo em que vemos Baíthéne aparentemente responsável por este mosteiro.

Quanto às actividades a que se dedicavam os *monachi* ou *fratres* da *familia* de Columba, o texto de Adomnán é satisfatoriamente informativo. Os campos de Iona produziam cevada (*ordeum*)<sup>51</sup> e os trabalhos agrícolas levados a cabo pelos monges são referidos em duas instâncias: a colheita (*mesionis opera*) feita por *fratres*, a que o hagiógrafo alude como *mesores operari*<sup>52</sup>; e a moagem (*frugum trituration*)<sup>53</sup>. Que gado bovino era criado no exterior do recinto do mosteiro, ficamos a sabê-lo no Livro II, no episódio a respeito do monge Molua, incapaz de degolar um boi com uma adaga abençoada pelo santo<sup>54</sup>; e no capítulo anedótico sobre o jovem Colmán, que regressa da *uaccarum mulsionem*, da ordenha, com um demónio escondido no balde do leite<sup>55</sup>. A história do ladrão Erc dá também conta da criação de ovelhas (*berbices*) e da exploração de uma colónia de focas na ilha de Coll, que Adomnán afirma serem propriedade de Iona (*nostris marini uituli*)<sup>56</sup>.

---

<sup>49</sup> *VSC*, I. 21.

<sup>50</sup> *VSC*, I. 30.

<sup>51</sup> *VSC*, II. 3.

<sup>52</sup> *VSC*, I. 37.

<sup>53</sup> *VSC*, I. 28.

<sup>54</sup> *VSC*, II. 29.

<sup>55</sup> *VSC*, II. 16.

<sup>56</sup> *VSC*, I. 41.

Os monges surgem por três vezes envolvidos em trabalhos de construção: em Iona, no capítulo dedicado aos últimos momentos da vida do santo, em que são ditos *operarii fratres*<sup>57</sup>, e na construção de uma casa destinada a visitantes, o *hospitium*; mas também no mosteiro de Durrow, comandados pelo *praepositus* Laisrén na construção de um grande edifício (*in alicuius maioris domus fabrica*). Por fim, existem monges ferreiros, os *monaci experti* que fundem a adaga de Molua, abençoada pelo santo<sup>58</sup>.

Resta-nos mencionar os *nautae* presentes em tantos episódios da biografia, sem que possamos determinar se eram monges especializados na navegação, ou simples marinheiros leigos<sup>59</sup>. Quanto aos restantes, o texto não permite depreender com certeza quais haviam professado votos monásticos e quais seriam *monachi* num sentido menos restrito. Contudo, o episódio em que São Columba impõe o professar dos votos como condição a dois peregrinos que pretendiam permanecer em Iona durante um ano leva a crer que na ilha só residissem aqueles que eram monges religiosos<sup>60</sup>.

Pródigo no desvelar do quotidiano monástico de Iona, Adomnán é porém omissos quando se trata de elucidar o leitor sobre a regra monástica seguida pela *familia* a que pertencia. Certamente porque, como Charles-Edwards afirma, a vida monástica irlandesa dos séculos VI e VII regia-se por uma compilação de várias regras. O mesmo autor dá todavia crédito à afirmação contida na *Amra Cholluim Chille*<sup>61</sup>, em que o poeta diz que o santo usou os julgamentos de Basílio (*bassil bráthu*). O historiador vê neste verso uma referência à *Basilii Regula*, traduzida do grego por Rufino, e conhecida por São Columbano. O mesmo texto vernáculo também faz menção de Cassiano e é possível que Columba se tenha inspirado, em parte, no seu *De Institutis Coenobiorum*<sup>62</sup>.

A *Vita Columbae* é, por outro lado, um importante testemunho de duas práticas espirituais que distinguiram o Cristianismo irlandês do continental, ambas intimamente ligadas ao monaquismo: a penitência e a peregrinação.

---

<sup>57</sup> *VSC*, III. 23.

<sup>58</sup> *VSC*, II. 29.

<sup>59</sup> Cf. ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. li.

<sup>60</sup> *VSC*, I. 32.

<sup>61</sup> Poema em antigo irlandês em louvor de São Columba, provavelmente composto no início do século VII. Se esta datação estiver correcta, será a mais antiga fonte para a vida do santo.

<sup>62</sup> CHARLES-EDWARDS, 2000, pp. 286-287.

A prática penitencial irlandesa, centrada no indivíduo, parece ter subjacente o reconhecimento de uma subjectividade do pecado. A gravidade de um pecado, cometido em acção ou em intenção, dependia de vários factores inerentes à condição e à consciência de cada pecador. Assim se entende a existência da relação entre o penitente e o seu confessor pessoal, um *anmcharae*, literalmente o “amigo da alma”, aquele a quem cabia avaliar o pecado cometido e prescrever a penitência adequada. O ofício espiritual do confessor deu origem à literatura tipicamente irlandesa dos penitenciais. Estes textos utilitários eram verdadeiros manuais destinados ao *anmcharae*, listando exaustivamente as penitências necessárias à absolvição dos mais variados tipos de pecado.

O procedimento é por vezes comparado à prática medicinal e a penitência é considerada o remédio para os males da alma<sup>63</sup>. Encontramos este paralelo no capítulo 27 do Livro I, no qual um *miserabilis uir* procura obter de Iona alguns *carnalia medicamenta*, mas o santo incita-o antes a penitenciar-se, pois nos seus pecados residia o seu verdadeiro mal.

A existência de comunidades monásticas de penitentes é comprovada por Adomnán em alguns dos episódios relacionados com a ilha de Hinba, cujo mosteiro se afigura especialmente vocacionado para acolher os que procuravam assim curar a alma.

A *peregrinatio* é um dos temas recorrentes na *Vita*, o que não deve surpreender o leitor, já que São Columba é um modelo de peregrino e grande parte dos episódios da sua vida decorrem no contexto da sua *peregrinatio pro Christo*. Esta prática é talvez a que melhor traduz o ideal ascético dos primeiros dois séculos do monaquismo ibérico. Para compreendermos o seu significado na sociedade irlandesa, é necessário que relembremos que o homem irlandês só tinha estatuto e individualidade legal no seio da sua *túath*. Afastado dela, desprovido do seu estatuto e da protecção das leis dos homens, o peregrino submetia-se às leis de Deus e às suas provações, para apenas Nele viver<sup>64</sup>, e assim obter a salvação. Mas para um eclesiástico, abandonar a sua *túath* não era suficiente, porquanto a sua posição na hierarquia da Igreja não estava vinculada àquela unidade política secular. Ao abandonar o reino de que era oriundo, Columba terá certamente perdido as prerrogativas

---

<sup>63</sup> HUGHES, 2005, p. 324.

<sup>64</sup> HUGHES, p. 322: *Irish pilgrims sought to cast themselves entirely on God.*

legais que decorriam das suas origens aristocráticas, mas nunca o seu estatuto eclesiástico<sup>65</sup>. A solução era, como Santo Antão, procurar o ermo, a solidão, e, numa ilha, isto significava atravessar o oceano.

Em alguns casos, como o de São Columba entre os Pictos e o de São Columbano na Gália, a *peregrinatio* envolvia um aspecto missionário de evangelização. Noutros, tratava-se de uma simples busca por isolamento, como para Cormac Ua Liatháin<sup>66</sup> e para o célebre São Brandão de Clonfert<sup>67</sup>.

A frequência com que Adomnán fala de peregrinos de visita a Iona deixa pressupor que o mosteiro era um destino ou ponto de passagem de eleição para os que se entregavam a estas deambulações ascéticas.

É indiscutível que o quadro delineado pelas fontes dos primeiros séculos do Cristianismo irlandês coloca o monaquismo numa posição eminente da organização eclesiástica, parecendo delegar progressivamente a autoridade episcopal para um plano secundário.

Já no século VIII, Beda comentava que o sistema administrativo de Iona apresentava uma ordem invulgar (*ordine inusitato*), pois até os bispos se deviam submeter à autoridade do abade<sup>68</sup>. Kathleen Hughes elaborou, nos anos 60, a primeira teorização consistente da evolução da organização da Igreja irlandesa, desde Paládio e Patrício até ao dealbar do século VIII<sup>69</sup>. A autora encontrava nos textos alto-medievais evidências para uma substituição gradual do esquema diocesano pelo sistema das *paruchia* monásticas,

---

<sup>65</sup> Cf. HERBERT, 1988, p. 28, onde a autora cita T. S. CHARLES-EDWARDS, “The Social Background to Irish *Peregrinatio*”, *Celtica*, 11, 1976: *In sixth-century Irish society, as Christian «plebs» and secular «tuath» had become identical, and as the secular legal attitude to exile had been assimilated into a Christian framework, against this background «peregrinatio» has been seen to have been ‘the most intelligible form of ascetic renunciation available to Irishmen’*”.

<sup>66</sup> Cf. *VSCI* 6, II. 42, III. 17.

<sup>67</sup> Brendan moccu Altae. Cf. *VSCI* 26, III. 17.

<sup>68</sup> BEDA, *Hist. eccl.* 3. 4: *Habere autem solet ipsa insula rectorem semper abbatem presbyterum, cuius iuri et omnis prouincia, et ipsi etiam episcopi, ordine inusitato, debeant esse subiecti, iuxta exemplum primi doctoris illius, qui non episcopus, sed presbyter extitit et monachus.*

<sup>69</sup> Na sua obra *The Church in Early Irish Society*, dada à estampa em 1966. Para uma síntese das suas ideias, consultámos o seu contributo no primeiro volume da *New History of Ireland*, da responsabilidade de Daibhí Ó Cróinín, e publicado já muito depois da morte da historiadora.

cujos abades teriam passado a suplantar a autoridade episcopal, reduzida às suas funções sacramentais e litúrgicas. Hughes considerava que o processo se encontraria concluído por volta de 700.

Nos últimos anos a questão tem sido matizada, em particular no que diz respeito ao equilíbrio entre a autoridade abacial e a autoridade dos bispos. Charles-Edwards recorre, na sua argumentação, aos cânones do século VIII e à lei irlandesa, que passara a incluir os membros da Igreja e que entendia a sociedade como um conjunto de várias hierarquias paralelas (reis, clientes, poetas, eclesiásticos), tendendo o estatuto de cada degrau de uma hierarquia a corresponder, numa relação horizontal, ao estatuto do mesmo degrau das restantes hierarquias. Assim, o bispo deteria um estatuto equivalente ao de um rei de uma *túath*, e igual estatuto era conferido ao abade de uma importante *familia* monástica, um *excelsus princeps*. Esta correspondência entre estatutos legais reflecte-se nos participantes dos sínodos irlandeses. Bispos e abades compareciam em pé de igualdade, bem como os *scribae*, que representavam o estatuto mais elevado da hierarquia dos eclesiásticos versados nas leis bíblicas e responsáveis pela sua aplicação, nos casos mais simples que não justificavam a intervenção da autoridade sinodal. Esta pluralidade de poderes com acesso aos sínodos, observa Charles-Edwards, conferia a estes últimos um papel ainda mais destacado na coesão da Igreja irlandesa<sup>70</sup>.

O episódio da *Vita* com que abrimos este capítulo pode ser interpretado à luz desta perspectiva. Quando o bispo Crónán procura esconder a sua posição eclesiástica, o que está em causa não é um reconhecimento da superioridade autoritária de São Columba, mas a sua humildade. Demais, ele é um *humilis peregrinus* e, como vimos, a *peregrinatio* implica o abandono de todas as possessões e de todos os estatutos e privilégios. Crónán queria, pois, ser tratado como um peregrino, não como um bispo. Por outro lado, a atitude de São Columba, no momento da revelação do cargo do seu hóspede, exprime o reconhecimento de alguém que partilha o seu estatuto e cuja posição lhe confere privilégios especiais. Nem Columba pretende exercer qualquer tipo de autoridade sobre Crónán, nem este pretende exercer fora dos limites da sua diocese o poder que lhe foi consagrado.

---

<sup>70</sup> CHARLES-EDWARDS, 2000, p. 277: *Because it allowed for distinct sources of authority deployed by men of equal rank, it was obliged to give to the synod an even more central position than in Francia or in England. Only by focusing these different authorities in the one institution could cohesion be maintained.*

### 3. Columba: o homem por detrás do santo

Pouco depois da meia-noite do quinto dia antes dos Idos de Junho do ano 597, um Domingo, São Columba, melhor conhecido na sua língua nativa por Colum Cille, abandonou o século, prostrado no altar da sua igreja em Iona. Esta data, que corresponde ao dia 9 de Julho no calendário gregoriano, é o único marco cronológico aparentemente incontestável na vida deste homem santo. O ano do seu nascimento é calculado pelo cruzamento desta data com a notícia da sua idade ao falecer. Os anais (AU 595) dizem-nos que tinha setenta e cinco anos, enquanto Beda regista setenta e sete<sup>71</sup>, sem que seja possível asseverar qual das tradições é a correcta. Feitas as contas, o fundador de Iona terá nascido entre 520 e 522.

É Adomnán quem nos dá a conhecer a identidade dos pais de São Columba. O pai era Fedelmid mac Ferguso, como o patronímico indica, filho de Fergus, por sua vez filho de Conall Gulban, filho do lendário Níall Noígiallach e antepassado da dinastia dos Cenél Conaill, a que dá o nome. A genealogia de sua mãe, Eithne filha de Mac Naue, é mais problemática. Enquanto Anderson e Anderson<sup>72</sup> aceitam a sua filiação nos Corprige, um antigo povo do Donegal, Sharpe<sup>73</sup> mostra-se menos seguro e refere apenas a informação ambígua contida em genealogias dos séculos XI-XII, nas quais Eithne surge associada ao Cland Aillello, que ocupava territórios no actual condado de Fermanagh, no sul do Ulster<sup>74</sup>.

Uma tradição tardia, remontando apenas ao século XII<sup>75</sup>, situa a proveniência de São Columba na aldeia de Gartan, no Donegal, mas Sharpe<sup>76</sup> suspeita da veracidade desta informação, uma vez que essa área não se encontraria sob o domínio directo do Cenél Conaill.

Também tardia é a referência ao nome secular do santo, Crimthann, o vocábulo

---

<sup>71</sup> BEDA, *Hist. ecc.* 3. 4.

<sup>72</sup> ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. xxix.

<sup>73</sup> SHARPE, 1995, pp. 247-248.

<sup>74</sup> Charles-Edwards inclina-se para uma terceira hipótese que considera Eithne como fazendo parte dos Corprige do Leinster. Este autor relembra, como argumento, a presença de Columba nesta região quando era ainda diácono; CHARLES-EDWARDS, 2000, p. 291.

<sup>75</sup> Presente numa homilia em irlandês médio.

<sup>76</sup> SHARPE, 1995, p. 9.

irlandês para raposa. Sharpe<sup>77</sup> observa que, no início do século VI, eram grandes as probabilidades de a família de Columba ser ainda pagã, já que, como foi mencionado acima, até Diarmait mac Cerbaill todos os monarcas dos Uí Néill celebravam ainda a *Feis Temro*, a Festa de Tara, em que era inaugurada a posse do trono. Adomnán, que como outros hagiógrafos irlandeses procurou representar o seu patrono na plenitude da sua santidade desde a mais tenra infância<sup>78</sup>, poderá ter omitido intencionalmente qualquer referência a esse passado pagão, de que faria parte um nome como o de Crimthann. Isto poderia ainda ser uma das motivações por detrás da dissertação em torno do nome cristão Columba, que, a verificar-se a conjectura de Sharpe, teria sido concedido ao jovem aristocrata apenas no momento da sua conversão e conseqüente baptismo.

Na *Vita* encontramos tudo quanto é possível saber sobre a educação cristã do futuro abade. Tal como era prática corrente já na Irlanda pré-cristã, logo em criança (*beatus puer*) Columba foi acolhido e criado por um *nutritor*, uma sorte de pai adoptivo, um certo clérigo de nome Cruithnechán, de quem se terá tornado pupilo (*alumnus*)<sup>79</sup>. Vamos encontrá-lo mais tarde no Leinster, como *iuuenis diacon (sic)*, jovem diácono, junto do ancião Gemmán, com quem aprendia a *diuina sapientia*, a divina sabedoria<sup>80</sup>. Por fim, sabemos que, ainda diácono, estudou a sabedoria das Sagradas Escrituras (*sapientia sacrae scripturae*<sup>81</sup> e *sacrosancta misteria*<sup>82</sup>) sob a docência do bispo cujo nome, na *Vita*, varia entre Findbarr<sup>83</sup>, Finnio<sup>84</sup> e Vinniau<sup>85</sup>.

Os vários argumentos avançados para a sua identificação, muito discutida na bibliografia, favorecem São Finnian de Movilla em detrimento de São Finnian de Clonard<sup>86</sup>,

---

<sup>77</sup> *Ibid.* pp. 9-10.

<sup>78</sup> Como exemplo, para nos ficarmos pela hagiografia do século VII, refira-se Cogitoso, hagiógrafo de Santa Brígida.

<sup>79</sup> *VSC*, III. 2.

<sup>80</sup> *VSC*, II. 25.

<sup>81</sup> *VSC*, II. 1.

<sup>82</sup> *VSC*, I. 1.

<sup>83</sup> *VSC*, I. 1, II. 1.

<sup>84</sup> *VSC*, III. 4.

<sup>85</sup> *VSC*, II. 1.

<sup>86</sup> ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. xxix.

mas a questão permanece controversa, com autores a defenderem a existência de um único homem santo com este nome, de origem britânica, como indica a forma original do nome, Vinniau, cujo culto posterior teria originado uma divisão fictícia do mesmo personagem em dois santos distintos. Como Sharpe, na incerteza, preferimos falar de um São Vinniau, provavelmente bretão, bispo e santo fundador de mosteiros, proeminente na Irlanda do século VI como mestre de outros insignes bem-aventurados, entre os quais se contou Columba<sup>87</sup>.

Até ao ano de 563, nada mais sabemos de concreto a respeito da actividade do santo na Irlanda. Este foi o ano em que empreendeu a sua *peregrinatio pro Christo*, que Adomnán situa dois anos após a batalha de Cúl Dreimne<sup>88</sup>. A associação destes dois acontecimentos, que na *Vita* serve meramente o propósito de referenciação cronológica, assume contornos menos inocentes em fontes posteriores, ao ponto de se tornar um aspecto central na lenda de São Columba. Os Anais do Ulster (AU 561) e, mais detalhadamente, os Anais de Tigernach (AT560), relatam como a vitória dos Uí Néill do Norte sobre as linhagens meridionais lideradas por Diarmait mac Cerbaill foi conseguida por meio das orações do seu bem-aventurado familiar. Posteriormente, a história cresceu com a convicção de que fora mesmo Columba quem instigara os seus parentes a enfrentar os rivais. Um outro incidente, apresentado por Adomnán de forma vaga<sup>89</sup>, vem reforçar esta conjuntura: a condenação do santo por parte de um sínodo reunido durante a Feira de Taitiu (Teltown)<sup>90</sup> e que para o autor da *Vita* foi motivada por trivialidades (*pro quibusdam uenialibus et tam excusabilibus causis*) e que é por ele situada poucos dias antes da *peregrinatio* para a Grã-Bretanha. Neste contexto intrincado da lenda, gerou-se a crença de que São Columba ou fora forçado ao exílio, ou escolhera ele próprio penitenciar-se por meio de uma peregrinação.

A opinião mais generalizada na bibliografia recente é a de que nada consubstancia

---

<sup>87</sup> SHARPE, 1995, pp. 317-318.

<sup>88</sup> *VSC, Praef.* I, I. 7. Para uma interpretação das motivações e implicações desta batalha, ver CHARLES-EDWARDS, 2000, pp. 294-295.

<sup>89</sup> *VSC*, III. 3.

<sup>90</sup> Festividade de origem pagã, reunindo anualmente os povos sob a autoridade dos Uí Néill do Sul, cuja fama e grande afluência parece não ter sido desdenhada pelos membros eclesiásticos, como atesta este episódio da *Vita*. Cf. SHARPE, 1995, p. 353.

uma efectiva relação causal entre qualquer um destes acontecimentos.

A proposta de Máire Herbert procura conciliar o papel do santo enquanto membro da linhagem real a que pertencia e o ideal ascético subjacente à *peregrinatio*. Confrontado com a dificuldade em gerir as suas responsabilidades familiares e, por conseguinte, políticas, em conflito com as suas aspirações espirituais, Columba terá optado por abandonar a sua terra natal. Mas a verdade é que, na obra em que é celebrado, o vemos não poucas vezes exercer a influência política que lhe advinha do seu berço aristocrático<sup>91</sup>.

Se Anderson & Anderson fazem uma leitura da *Vita* no sentido de nela encontrarem uma relação explícita entre o sínodo em Tailtiu e o exílio de Columba<sup>92</sup>, Sharpe, ainda que considerando tentadora a sugestão de Herbert, prefere concluir que não existem evidências que sustentem a veracidade desta tradição tardia nas fontes<sup>93</sup>.

Desconhecemos as circunstâncias da chegada do peregrino ao território britânico, mas a julgar pelo capítulo I. 7 da *Vita*, Columba foi recebido, pouco tempo depois, por Conall mac Comgaill, que, em 560, ocupara o lugar do seu tio Gabrán mac Domongairt, no trono dos Dál Riata. É verosímil que o santo tenha tido desde logo a intenção de procurar o monarca daquele povo gaélico e cristão e que fosse já esperado por Conall. É, de resto, a este rei que as fontes irlandesas atribuem a cedência da ilha de Iona para a fundação de um mosteiro<sup>94</sup>. Uma outra tradição, veiculada por Beda, afirma terem sido os Pictos a oferecer Iona a Columba. Esta será, no entanto, com grande probabilidade, uma versão com origem em fontes pictas, que sabemos terem sido utilizadas em várias instâncias pelo historiador do século VIII<sup>95</sup>.

Essas fontes estarão igualmente por detrás da noção, transmitida por Beda, de que o objectivo de Columba ao embarcar para a Grã-Bretanha fora a evangelização dos Pictos dos Norte, uma vez que as províncias meridionais destes povos já seriam cristãs à chegada do

---

<sup>91</sup> HERBERT, 1988, pp. 28-29.

<sup>92</sup> ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. xxx-xxxi.

<sup>93</sup> SHARPE, 1995, p. 15.

<sup>94</sup> Há indícios de que a posição dos Dál Riata se encontrava, em 560, ameaçada pelos Pictos liderados por Bruide mac Máelchon. Não estaria, pois, fora dos interesses de Conall, receber e favorecer um membro eminente dos Uí Néill do Norte, vitoriosos não só em Cúl Dreimne, contra os seus parentes do sul, como também em Móin Daire Lothair, contra os Cruithni. Cf. CHARLES-EDWARDS, 2000, pp. 295-296.

<sup>95</sup> Cf. FRASER, 2004, p. 189.

santo irlandês. Mas esta perspectiva seria a vigente entre os Pictos do Sul, que assim poderiam reclamar maior antiguidade para a sua Igreja, e nenhum outro texto impõe explicitamente este limite geográfico ao contacto de São Columba com essas gentes.

A partir do texto de Adomnán, que Beda parece não ter conhecido, não é possível afirmar a realidade duma actividade missionária sistemática por parte do fundador de Iona. São escassos os episódios que nos falam da conversão de pagãos e o autor nunca nos diz se Bruide mac Máelchon, rei dos Pictos, com quem vemos o santo interagir, se tornou por fim cristão<sup>96</sup>. Ainda que o hagiógrafo não faça divisão entre as duas populações de Pictos, os episódios da *Vita* situam as suas deambulações nos territórios setentrionais deste povo, em especial junto ao rio Ness e ao lago do mesmo nome, onde residia a corte de Bruide.

A já mencionada eulogia conhecida por *Amra Choluimb Chille* diz-nos de Columba que ele é o mestre (*forcetlaid*) que ensinou as gentes do rio Tay (*tuatha toi*)<sup>97</sup>, em território picto, afirmação que, como Fraser comenta, não se refere necessariamente a uma acção evangelizadora, podendo significar que o abade de Iona procurou promover o seu ideal cristão, em que o monaquismo era central, junto de populações previamente cristianizadas<sup>98</sup>.

Qualquer que tenha sido o verdadeiro papel missionário do peregrino irlandês, certo é que a comunidade por ele fundada se tornou um elemento não despiciendo no seio da igreja picta e que no tempo de Beda persistia a memória de Columba enquanto um dos evangelizadores dos Pictos.

Não menos controversa é a suposta ordenação de Áedán mac Gabráin pelo santo, no ano 574, descrita por Adomnán no Livro III, capítulo 5. A argumentação em torno desta questão prende-se sobretudo com as intenções subjacentes à *Vita*, pelo que remeteremos para um próximo capítulo a sua discussão. Dos vários autores que a abordam, apenas Michael Meckler defende a historicidade do acontecimento, que representaria o primeiro momento da história europeia em que um membro eclesiástico interferiria formalmente na

---

<sup>96</sup> Charles-Edwards procura demonstrar que sim. Cf. CHARLES-EDWARDS, 2000, pp. 305-306.

<sup>97</sup> *Amra Choluimb Chille* 18.

<sup>98</sup> FRASER, 2009, pp. 103-105.

ordenação de um monarca<sup>99</sup>. Porém, mesmo pondo de parte a ordenação de Áedán, é incontestável que o patrono de Iona foi uma figura de relevo na dinâmica do poder político quer na sua terra natal, quer na terra que o acolheu como *peregrinus*, tida em consideração por reis gaélicos, pictos e bretões. A sua participação na Convenção dos Reis em Druimm Cete, que já tivemos oportunidade de referir<sup>100</sup>, como mediador entre os seus poderosos familiares, representados pelo rei de Tara, seu primo, e os Dál Ríata de Áedán mac Gabráin, é talvez a maior prova do alcance da sua influência.

A dedicação de São Columba ao trabalho de *scriptorium* tornou-se num dos traços mais marcantes da sua lenda, de tal modo que durante muitos séculos lhe foram erroneamente atribuídos alguns dos mais famosos manuscritos que a Irlanda produziu, como o Livro de Kells e o Livro de Durrow. Adomnán mostra-nos por vezes o seu patrono compenetrado na escrita, actividade a que se entregou mesmo momentos antes de morrer, copiando um Livro de Salmos que sabia não poder terminar<sup>101</sup>. Não obstante a sua reputação de escriba, não sobreviveu nem manuscrito, nem obra original que possamos afirmar ser da sua autoria. Existe apenas a possibilidade, muito debatida, de ser Columba o poeta por detrás do complexo hino latino *Altus Prosator*.

#### **4. Adomnán: o homem por detrás da obra hagiográfica**

Da vida daquele que Beda qualificou de *uir bonus et sapiens et scientia scripturarum nobilissime instructus e uir unitatis ac pacis studiosissimus*<sup>102</sup> pouco de concreto se sabe antes de 679, ano em que passa a ocupar o cargo de abade de Iona, vagado com a morte do seu predecessor Fáilbe, o oitavo a suceder ao fundador. Nos Anais do Ulster (AU704), a sua morte, aos setenta e sete anos de idade, encontra-se registada a 23 de

---

<sup>99</sup> MECKLER, Michael, “Colum Cille’s Ordination of Aedán mac Gabráin”, *Innes Review*, 41, 1990, pp. 139-150.

<sup>100</sup> Ver pp. 11-12.

<sup>101</sup> *VSC*, III. 23.

<sup>102</sup> BEDA, *Hist. eccl.*, 5. 15.

Setembro de 704. Esta informação, que faz datar o seu nascimento de 627 ou 628, contradiz uma outra entrada, menos fiável, para o ano de 625, em que é apontada a *natiuitas Adomnani abbatis Iae*.

Como Columba e grande parte dos seus predecessores, Adomnán era um membro do Cenél Conaill, descendendo pelo seu pai, Rónán mac Tinne, de um irmão do rei Ainmire mac Sétna, primo de Columba. Isto tornava-o mais próximo da linhagem real do Cenél Conaill do que qualquer um dos restantes abades. A sua mãe era Ronnat, do Cenél nÉndai, uma linhagem do leste do Donegal. A referência feita pelo hagiógrafo, na *Vita Columbae*, à Irlanda como *nostram Scotiam*<sup>103</sup> é a base da crença não contestada de que terá nascido naquela ilha. Recentemente, têm vindo a ser apresentados argumentos para uma localização mais restrita da sua naturalidade na terra natal de sua mãe, perto da actual cidade de Raphoe, no leste do Donegal<sup>104</sup>.

Da sua educação nada se sabe que não seja conjectura. É o próprio Adomnán quem nos diz, na *Vita*, que, ainda *iuuenis*, ouviu de um monge em *dorsum Tómmie* (Druim Tuama) o relato de uma visão revelada no momento da morte de São Columba<sup>105</sup>. O mosteiro de Druim Tuama, em território do Cenél Conaill, no sudoeste do Donegal, fazia parte da *familia* columbana no século VII, e é possível que o futuro nono abade de Iona tenha começado aí a sua carreira eclesiástica. Outra suposição, fundamentada no conhecimento que o autor da *Vita* parece ter do mosteiro de Durrow, especula a sua presença nessa casa monástica durante os seus anos de estudo<sup>106</sup>.

Por Adomnán não fazer menção de contactos pessoais com outros abades de Iona que não o seu predecessor imediato, Failbe, Anderson e Anderson observam que não terá ido para Iona antes do período em que aquele ocupou o cargo (669-79), colocando ainda a hipótese de se terem conhecido aquando de uma viagem de Failbe à Irlanda, época em que Adomnán, com 45 ou 46 anos de idade, poderia ser *praepositus* de uma casa columbana<sup>107</sup>.

---

<sup>103</sup> *VSC*, III. 23.

<sup>104</sup> Cf. LACEY, Brian, “Adomnán and Donegal”, in Wooding (ed.), 2010, pp. 20-35.

<sup>105</sup> *VSC*, III. 23.

<sup>106</sup> A fragilidade desta suposição reside no conhecimento que Adomnán pode ter adquirido de Durrow nas fontes que utilizou ou que decorreria da sua experiência enquanto superior da *familia* columbana, cargo que, como vimos, podia implicar a visita do abade às casas monásticas que administrava.

<sup>107</sup> ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. xl.

Autores como Sharpe<sup>108</sup> e Wooding<sup>109</sup>, porém, consideram que esta omissão do hagiógrafo não pode ser usada como prova de que ele não se encontrava em Iona antes de 669.

A partir de 679, a sua carreira como herdeiro de Columba é sobretudo marcada pela relação com a Nortúmbria. Desde que os contactos entre Iona e os herdeiros da coroa do reino da Bernícia, Osvaldo e Oswiu, se estreitaram, culminando na missão do bispo irlandês Aidan, fundador de Lindisfarne, muito tinha mudado.

O conflito pascal, que opunha os que seguiam o cálculo insular (*Hibernenses*) e os que haviam já adoptado as tabelas do culto romano (*Romani*), veementemente promovidas na Nortúmbria pelo bispo Wilfrith, exacerbou-se no Sínodo de Whitby, em 664<sup>110</sup>. São Columba e a sua *familia* liderada pelo abade de Iona, firme nas suas tradições, foram severamente repudiados, e o partido romano, que defendia também a tonsura canónica<sup>111</sup>, distinta da irlandesa, vingou entre os Anglos.

No campo político, o reinado de Ecgríth incluía dois momentos determinantes para o futuro de Adomnán: em 684, o ataque ao reino irlandês de Brega, dos Uí Néill do Sul, e, no ano seguinte, a batalha de *Nechtansmere*, contra os Pictos, resultando na morte do monarca anglo e apressando a sucessão do seu meio-irmão Aldfrith, filho de Oswiu e de uma mulher irlandesa dos Uí Néill hospedado em Iona em 685 e que fora educado na Irlanda.

O primeiro facto a ser registado nos anais irlandeses (AU 687) a respeito da actividade do nono *comarbae* de Columba é justamente uma viagem à corte de Aldfrith, em 686 ou 687, como enviado dos Uí Néill, incumbido de recuperar os prisioneiros de guerra capturados em 684 por Ecgríth. O novo monarca, considerado um *amicus* por Adomnán<sup>112</sup>,

---

<sup>108</sup> SHARPE, 1995, pp. 44-45.

<sup>109</sup> WOODING, 2010, pp. 12-13.

<sup>110</sup> No tempo de Adomnán, Roma seguia o sistema estabelecido por Dionísio Exíguo, que viera substituir o de Vitorino da Aquitânia. Para uma explicação resumida e relativamente recente da complexa controvérsia pascal, ver CHARLES-EDWARDS, 2000, pp. 391-415.

<sup>111</sup> A tonsura atribuída ao apóstolo Pedro, circular como a coroa de espinhos. A tonsura irlandesa era associada pelos seus detractores a Simão Mago e, por conseguinte, a uma prática não cristã. Sobre a forma desta tonsura ver MCCARTHY, DANIEL P., “On the shape of the insular tonsure”, *Celtica*, 24, Dublin, 2003, pp. 140-167.

<sup>112</sup> *VSC*, II. 46.

entrega-lhe sessenta cativos que são reconduzidos à Irlanda<sup>113</sup>.

O hagiógrafo refere ainda uma segunda visita à Nortúmbria, dois anos depois da primeira viagem com fins diplomáticos. Terá sido nesta segunda viagem ao reino de Aldfrith que o abade de Iona visitou os mosteiros de Wearmouth-Jarrow, onde privou com o abade Ceolfrith, mestre de Beda. É este último quem nos informa mais pormenorizadamente a respeito da estadia de Adomnán e das suas consequências<sup>114</sup>, incluindo, perto do final da sua *Historia Ecclesiastica*, uma carta na qual Ceolfrith se dirige ao rei picto Nechtan e reproduz uma conversa com o seu hóspede<sup>115</sup>.

Segundo o relato de Beda e as palavras de Ceolfrith por ele citadas, o irlandês terá sido exortado na Nortúmbria a converter-se à *catholica temporis paschalis obseruantia*, bem como ao uso da tonsura de Pedro. Se fica em aberto a sua aceitação da tonsura canónica, porquanto o vemos recusar a associação da sua tonsura pátria à simonia, o autor anglo-saxónico não só insinua que Adomnán celebrou, na Nortúmbria, a Páscoa segundo o cálculo romano, como também afirma que posteriormente viajou para a Irlanda com o fim de advogar a ortodoxia junto daqueles que, no norte da ilha, continuavam a observar a tradição pascal insular. Apesar do seu sucesso nesta região, em Iona falhou em convencer os seus monges, que continuaram a resistir à mudança depois da sua morte<sup>116</sup>.

Não existem, no entanto, evidências que apontem para uma relação difícil entre o abade e os seus subordinados, e em nenhuma das suas obras Adomnán se entrega a uma defesa explícita da sua posição na questão pascal. Isto tem levado a que se pense que, também neste assunto, ele tenha agido de forma conciliatória e diplomática. De resto, já Herbert ressaltava a possibilidade de Beda ter exagerado o peso dos conselhos recebidos por Adomnán na Nortúmbria para a sua conversão à Páscoa romana, que poderia ter

---

<sup>113</sup> É verosímil que Adomnán tenha desempenhado um papel importante na protecção e favorecimento de Aldfrith como sucessor do seu irmão. Cf. YORKE, Barbara, “Adomnán at the court of King Aldfrith”, in Wooding (ed), 2010, pp. 36-40.

<sup>114</sup> BEDA *Hist.eccl.*, 5. 15.

<sup>115</sup> BEDA *Hist.eccl.*, 5. 21.

<sup>116</sup> Talvez porque São Columba observava a páscoa insular. Há indícios na *Amra* de que o *érlam* de Iona se dedicava ao cômputo pascal. Cf. STANCLIFFE, Clare, “‘Charity with peace’: Adomnán and the Easter question”, in Wooding (ed), 2010, p. 61.

ocorrido muito antes da primeira viagem<sup>117</sup> entre os Anglos. A verdade é que, desde o Sínodo de Whitby, Iona fora marginalizada no contexto eclesiástico da Grã-Bretanha e a sua influência, concentrada na figura do abade, estava em franco declínio. Não faltariam, assim, motivos para um desejo de consonância com a ortodoxia romana por parte de Adomnán, que via fragilizado o seu estatuto no seio da Igreja e dividida a sua comunidade<sup>118</sup>.

Em 697, o herdeiro de Columba provou ser uma das grandes personalidades do seu tempo, capaz de mobilizar representantes do poder político e da hierarquia eclesiástica para uma causa comum. Foi em Maio ou Junho desse ano que Adomnán se deslocou até Birr, no centro da Irlanda, para o sínodo onde seria promulgada a sua proposta legal conhecida por *Lex Innocentium* e, mais tarde, por *Cáin Adomnáin*, a Lei de Adomnán. A lei por ele concebida e redigida, que chegou até nós num texto compósito em irlandês, datável do século IX, previa a não agressão de crianças, mulheres e membros eclesiásticos, os *innocentes*, em circunstâncias bélicas, e o valor devido pela sua infracção deveria ser pago a Iona. A lista daqueles que a subscreveram e juraram garantir a sua observância incluía nomes de monarcas de toda a Irlanda, dos Dál Riata e até mesmo do rei dos Pictos, para além de vários clérigos com diferentes posturas em relação à dissensão pascal. Este foi, nas palavras de Sharpe, o primeiro exemplo de uma nova forma de lei, promulgada pela Igreja, mas favorecendo não só esta, como também a população leiga<sup>119</sup>.

A primeira obra cunhada por Adomnán foi um *De Locis Sanctis*, resultado do seu encontro com um certo bispo da Gália, de nome Arculfo, e de quem sabemos apenas aquilo que o autor da *Vita Columbae* nos diz. Terá chegado a Iona depois de uma peregrinação pela Terra Santa, tendo visitado também Alexandria, Constantinopla e Roma. Das notas que, no seu estilo inconfundível, o abade de Iona fez do relato de Arculfo, nasceu o texto<sup>120</sup>, acompanhado de alguns esboços feitos pelo próprio autor, que em 686 ou 688 ofereceria

---

<sup>117</sup> HERBERT, 1988, p. 49.

<sup>118</sup> Estes motivos são explorados em STANCLIFFE, 2010, pp. 51-68.

<sup>119</sup> SHARPE, 1995, p. 51. Para uma abordagem recente à *Cáin Adomnáin*, ver FRASER, James E., “Adomnán and the morality of war”, in Wooding (ed.), 2010, pp. 95-111.

<sup>120</sup> Para uma discussão das fontes literárias usadas por Adomnán no *De Locis Sanctis* e a forte componente exegética desta obra, ver AIST, Rodney, “Adomnán, Arculf and the source material of *De Locis Sanctis*”, in Wooding (ed.), 2010, pp. 162-180.

pessoalmente a Aldfrith. O rei da Nortúmbria terá apreciado sobremaneira o presente e ordenou que fosse difundido pelo seu reino. É Beda quem atesta a popularidade desta obra de Adomnán, citando-a na sua *Historia Ecclesiastica* e reescrevendo-a para a composição do seu próprio *De Locis Sanctis*.

Vários outros textos menores têm sido insatisfatoriamente atribuídos a Adomnán. Cingir-nos-emos, porém, a referir o poema *Adiutor Laborantium*, primeiro associado ao conhecido poema latino-hibérico *Altus Prosator* e, como este último, a São Columba. Num artigo recente, Gilbert Márkus sugere uma autoria da responsabilidade do nono sucessor do santo de Iona, considerando que o uso do diminutivo *homunculus* é não só característico do autor da *Vita*, como representa ainda a sua assinatura codificada, porquanto uma das etimologias possíveis para o nome Adomnán, que terá originado a sua forma tardia Adamnán, remete para o diminutivo irlandês de *Adam*, “pequeno Adão”<sup>121</sup>.

Quer aceitemos, ou não, também como poeta Adomnán, foi enquanto hagiógrafo que este notável irlandês se demarcou literariamente dos seus contemporâneos insulares, e são os aspectos da composição da sua *Vita Columbae* que importa em seguida abordar.

---

<sup>121</sup> MÁRKUS, G., “Adiutor Laborantium: a poem by Adomnán?”, in Wooding (ed.), 2010, pp. 145-161.

## 5. A *Vita S. Columbae*

### 5. 1. *Miracula per tris diuisa libros: estrutura, fontes e modelos*

Na *Vita*, Adomnán conta-nos como, ao regressar de um sínodo irlandês (*post euerniensis sinodi condictum*), São Columba respondeu às suas preces e tornou favoráveis os ventos que impediam o abade de Iona de estar presente nesta ilha a tempo para a celebração do *dies natalis* do seu patrono e de Baíthéne<sup>122</sup>.

Se estiver correcta a identificação deste *euerniensis sinodus* com o sínodo de Birr, em que Adomnán foi bem sucedido na promulgação da sua *Lex Innocentium*, é possível datar este episódio de 8-9 de Julho de 697. Não podemos afirmar que por essa data a composição da *Vita* ainda não tivesse sido encetada, mas é certo que ainda não se encontrava concluída. De resto, a aproximação do centenário da ascensão do *érlam* da *família* monástica ao Reino dos Céus seria ocasião apropriada para a consolidação da sua memória e do seu culto numa recolha de episódios exemplares da sua vida. Talvez as *fratrum flagitationes* que o autor afirma terem motivado a obra sejam mais do que um mero tópico apologético hagiográfico.

Quando confrontado com a tarefa de hagiógrafo, o já então autor de um *De Locis Sanctis* diz ter recorrido a dois tipos de fontes: escritas e orais<sup>123</sup>. Das primeiras, conhecemos uma em concreto, graças ao copista do mais antigo e mais relevante manuscrito da *Vita*<sup>124</sup>. Neste, foi introduzido, no fim do capítulo III.5, um excerto de um *liber de uirtutibus sancti Columbae*, atribuído ao sétimo abade de Iona, Cumméne, o Branco. Por muito verosímil que seja esta obra, escrita poucas décadas antes e que, a julgar pelo título, consistia numa simples recolha de milagres, uma das principais fontes de

---

<sup>122</sup> *VSC*, II, 45.

<sup>123</sup> Cf. *VSC*, *Praef.* 2.

<sup>124</sup> Adomnán nunca identifica as suas fontes escritas. A explicação avançada por Sharpe para este silêncio prende-se com a preferência dada aos testemunhos orais na lei vernácula irlandesa. Cf. SHARPE, 1995, pp. 56-57.

Adomnán, não é possível avaliar a extensão da sua influência na *Vita*<sup>125</sup>.

Os testemunhos orais são, segundo o autor, os seus *maiores* e outros *uiri fideles expertique*, em conjunto considerados *fideles antiqui*. São vários os momentos em que é especificada a linha de transmissão de um determinado episódio, por norma no fim do capítulo em que é contado, e de que Adomnán é o receptor final.

Herbert chamou a atenção para a grande percentagem de histórias que têm como fundo a comunidade monástica em Iona e noutros mosteiros da *paruchia* columbana, episódios que se caracterizam pelo detalhe descritivo e pelo relato de acontecimentos muitas vezes triviais, em que o poder taumatúrgico de São Columba se apresenta mais subtil e resultante de uma reinterpretação das realidades da rotina monástica. Para a autora, esta categoria de episódios, que constitui grande parte do Livro I, representa o conjunto da informação obtida por Adomnán na tradição oral, por vezes registada por escrito, preservada na memória da sua comunidade, e cujas fontes originais seriam os monges que vemos amiúde como personagens destas histórias e que terão certamente vivido o suficiente para transmiti-las a homens que o autor da *Vita* pôde conhecer e que por vezes refere explicitamente<sup>126</sup>. Esta preocupação em demonstrar a fidelidade da informação, recorrente no seu discurso, é, com tamanho grau de insistência, pouco comum no género hagiográfico.

Para as restantes narrativas, mais heterogéneas quanto ao cenário e em que os milagres do homem de Deus assumem contornos mais fantásticos, Adomnán nunca nos põe ao corrente da sua proveniência. Estas incluem histórias ocorridas na Irlanda, fora do contexto monástico, e em territórios dos Pictos, estas últimas ausentes do Livro I<sup>127</sup>.

Recolhido este *corpus* de episódios díspares da vida do seu patrono, o hagiógrafo deparou com a questão da sua organização. Descartando um seguimento cronológico da vida de Columba, optou pela distribuição temática por três livros das narrativas que tinha entre mãos. O seu plano, exposto aos leitores no segundo prefácio, destina um primeiro livro às *profeticae reuelationes*, um segundo às *diuinae uirtutes*, e um terceiro e último às

---

<sup>125</sup> Charles-Edwards considera, no entanto, que o texto de Cumméne terá servido a Adomnán sobretudo como fonte para o Livro II. CHARLES-EDWARDS, T. M., “The structure and purpose of Adomnán’s *Vita Columbae*”, in Wooding (ed.), 2010, p. 214.

<sup>126</sup> HERBERT, 1988, pp. 14-16.

<sup>127</sup> Para uma discussão das narrativas da *Vita* relacionadas com os Pictos e o uso de fontes pictas por parte de Adomnán, ver FRASER, 2004, pp. 183-198.

*angelicas apparitiones e caelestis claritudinis manifestationes.*

A tripartição helenística aplicada por Sulpício Severo na sua *Vita S. Martini* tem sido apontada como o modelo para esta estrutura<sup>128</sup>, mas uma aproximação ao segundo livro dos *Dialogi* de Gregório Magno, observada por Charles-Edwards<sup>129</sup>, afigura-se mais provável. De feito, na parte da sua obra dedicada à vida de São Bento, Gregório, após alguns capítulos iniciais, dispõe tematicamente os milagres do santo: onze capítulos dedicados às suas profecias e visões<sup>130</sup>, seguidos por outros onze capítulos em que são relatadas as suas *uirtutes*<sup>131</sup>. Os derradeiros capítulos relatam duas visões de almas ascendendo aos céus<sup>132</sup> e culminam nos últimos momentos de São Bento<sup>133</sup>. É clara a correspondência com a estrutura da *Vita Columbae*, cujo terceiro livro não só é o mais breve, como também encerra com um extenso capítulo dedicado aos últimos dias de São Columba, enquanto os dois primeiros livros pouco diferem em extensão. Partindo do esquema encontrado em Gregório, Adomnán desenvolve-o extensivamente e leva mais longe essa tripartição temática pela individualização de cada livro.

É, pelo contrário, o exemplo de Sulpício Severo que o hagiógrafo irlandês segue ao fazer preceder o texto da *Vita* de dois prefácios, em que o primeiro é menos extenso que o segundo. É certo que Adomnán também conhecia a *Vita S. Antonii* na tradução latina de Evágrio, que por vezes cita e em que Sulpício Severo terá encontrado a ideia de compor dois prefácios<sup>134</sup>, mas o conteúdo destes na *Vita Columbae* denuncia a influência dominante do texto da *Vita S. Martini*.

A lista de títulos dos capítulos do Livro I, que segue os prefácios, é reveladora no que diz respeito ao processo de composição do texto. Antes de mais, os títulos que introduzem quase todos os capítulos da obra devem ser considerados, com grande probabilidade, como sendo da responsabilidade de Adomnán, pois em muitos casos os

---

<sup>128</sup> Cf. SHARPE, 1995, p. 57.

<sup>129</sup> CHARLES-EDWARDS, 2010, p. 215.

<sup>130</sup> GREG. M., *dial.* 2, 12-22.

<sup>131</sup> GREG. M., *dial.* 2, 23-33.

<sup>132</sup> GREG. M., *dial.* 2, 34-35.

<sup>133</sup> GREG. M., *dial.* 2, 37.

<sup>134</sup> Que na tradução de Evágrio resultam de um primeiro prefácio do tradutor a preceder o prefácio original de Atanásio.

títulos contêm informação omitida no texto do capítulo respectivo. Mais significativos entre estes são os exemplos em que o autor, no texto do capítulo, remete explicitamente para o título<sup>135</sup>. A lista de capítulos inicial, por sua vez, não se encontra completa e nem sempre corresponde aos títulos encontrados no texto, mas algumas das omissões e falhas de correspondência parecem traduzir um estado da composição intermédio, em que Adomnán ora não tinha adicionado ainda um capítulo omitido na lista - como acontece para os capítulos 44 a 50 - ora estava ainda indeciso quanto a fazer de dois capítulos um só - situação de que é exemplo o capítulo I. 17, dividido em dois títulos na lista, mas desenvolvido no texto sob apenas um destes títulos.

Este é, no entanto, apenas um dos elementos presentes no texto da *Vita*, tal como chegou até nós, que levantam dúvidas quanto a Adomnán ter deixado a sua obra finalizada em 704<sup>136</sup>. O capítulo I.1, ainda que formalmente parte do Livro I, por consistir numa tentativa de antecipar resumidamente ao leitor os conteúdos desenvolvidos na obra, não pode ser tematicamente associado a nenhum dos livros, aparentando ter sido escrito depois destes<sup>137</sup>. Intrusivos parecem ser os dois episódios adicionados após o resumo propriamente dito, que não surgem em nenhuma outra parte do texto. Relatando milagres póstumos, encontrariam uma posição adequada no fim do Livro II, que encerra com episódios ocorridos no tempo do autor. Se Anderson & Anderson vêem neles uma adição tardia feita por Adomnán, Stansbury julga ser difícil compreender um tal descuido do autor<sup>138</sup>, sugerindo que foram posteriormente movidos da posição que lhes tinha sido de início destinada e desprovidos dos seus títulos por um copista que os desejava colocar em relevo no início da obra<sup>139</sup>.

A distribuição dos capítulos no interior de cada livro não é aleatória, como é patente no Livro I. Adomnán esforçou-se por agrupar as várias histórias que recolhera de acordo com os seus conteúdos, deixando por vezes bem clara a sua intenção ao introduzir

---

<sup>135</sup> Ver, a título de exemplo, I. 8, I. 12 e I. 14, entre outros casos no Livro I.

<sup>136</sup> Para uma análise detalhada dos aspectos de composição da *Vita*, e em especial das possíveis adições posteriores de material trabalhado por Adomnán, ver STANSBURY, M., “The composition of Adomnán’s *Vita Columbae*”, *Peritia* 17-18, Brepols, 2003-2004, pp. 154-182.

<sup>137</sup> Cf. ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. lvii.

<sup>138</sup> *Ibid.*

<sup>139</sup> STANSBURY, 2004, p. 169.

*partitiones*<sup>140</sup>, frases que introduzem conjuntos temáticos de episódios e que, sendo elementos de transição, surgem no fim do capítulo precedente. O fim do capítulo introdutório I. 1 apresenta o primeiro exemplo de uma *partitio*: o hagiógrafo anuncia que se seguem relatos das profecias de Columba a respeito de homens santos e eminentes, o que, com efeito, se verifica nos cinco capítulos que inauguram o tema deste livro. As *partitiones* são, todavia, mais frequentes no Livro II. No Livro I, a já discutida lista de capítulos prevê em alguns casos este tipo de organização interna. Os capítulos I. 7 e I. 8, separados no texto por títulos individuais e contendo profecias sobre batalhas, estão reunidos sob um único título na lista, *Profetationes eius de bellis*, e o mesmo acontece para os sete capítulos seguintes, subentendidos na lista sob o título *De regibus*.

Porém, perante uma tamanha heterogeneidade do material a incluir na *Vita*, nem sempre Adomnán conseguiu um agrupamento temático tão bem definido como nestes dois exemplos, nem pôde evitar, em cada livro, a interferência daquilo que esperaríamos encontrar apenas nos restantes.

## **5. 2. *Quasi unus profetarum Dei*: as profecias de São Columba no contexto das intenções da obra hagiográfica**

O Livro I da *Vita Columbae* é o mais coerente quanto à fidelidade à temática que lhe fora destinada. Dedicado inteiramente ao dom profético de Columba, apenas em I. 37 nos encontramos perante um conjunto de histórias que parecem deslocadas no contexto deste livro. Mas muito mais frequente é a intrusão do elemento profético nos livros seguintes, e esta componente da graça divina concedida ao santo é a mais enfatizada por Adomnán, quando consideramos a totalidade da obra. Afinal, é como *unus profetarum Dei* que um anjo do Senhor anuncia, num sonho, o santo à mãe que ainda o carregava no ventre<sup>141</sup>.

As *profetationes* de São Columba manifestam-se de duas formas distintas, mas que por vezes surgem lado a lado num mesmo episódio: *uisiones* que revelam acontecimentos

---

<sup>140</sup> O termo, retirado de Quintiliano, é proposto por STANSBURY, 2004, p. 168.

<sup>141</sup> *VSC*, III. 1.

distantes em curso; e profecias de *praescientia*, em que o santo prediz o futuro. Em I. 43, o autor transfere para palavras proferidas pelo santo um passo que retira, quase inalterado, de Gregório Magno, no qual São Bento, estando em Monte Cassino, revela como pôde ver a alma do bispo de Cápua levada por anjos no momento da morte. Na *Vita Columbae* esta citação assume outras proporções, porquanto é utilizada para explicar todas as *profeticas reuelationes*.

No Livro II, num passo importante para compreendermos a imagem que Adomnán desejava dar de Columba, o santo é comparado aos profetas Elias e Eliseu e aos Apóstolos Pedro, Paulo e João, por ter com eles em comum o milagre da ressurreição. James Bruce chamou a atenção para a adequação da escolha de Elias e Eliseu, que considera pertencerem a um grupo de profetas bíblicos, cujas profecias são normalmente acompanhadas de milagres e caracterizam-se por serem dirigidas a indivíduos e nunca a entidades colectivas<sup>142</sup>. Também as revelações proféticas de Columba acompanham por vezes os milagres do Livro II e são sempre de carácter individual. Demais, os Apóstolos, tal como Jesus, conjugavam em si o poder de operar milagres e o dom profético, ainda que neles maior ênfase seja dada ao primeiro.

Alicerçada nestas referências, nas quais confluem a tradição veterotestamentária, representada por Elias e Eliseu, mas também por Moisés<sup>143</sup>, a tradição Cristã do Novo Testamento e os grandes modelos da hagiografia, mais próximos dos tempos de Columba e dos quais São Bento parece ter sido o exemplo preferido, a faceta profética constitui um dos componentes com que Adomnán procura construir uma imagem do seu patrono como santo da Igreja universal.

Tem sido sugerido que esta ansiedade do hagiógrafo pode ser mais bem entendida na conjuntura da dissensão pascal no seio da *familia* columbana. Assumindo que Adomnán terá dado início à redacção da *Vita* apenas após as suas viagens à Nortúmbria, já se dera também a sua conversão ao cálculo romano, o que, apesar de não parecer ter sido dramático, causaria algum desconforto aos que insistiam em preservar a tradição insular, que o próprio São Columba havia certamente observado. Neste sentido, a *Vita* podia

---

<sup>142</sup> BRUCE, J., *Prophecy, miracles, angels and divine light: the eschatology, pneumatology and missiology of Adomnán's Life of Columba*, Paternoster, Milton Keynes, 2004, pp. 78-79.

<sup>143</sup> Em I.1, Columba profere ao rei Osvaldo palavras de Moisés.

constituir um argumento conciliatório, pois colocava o patrono da comunidade acima de qualquer diferença na observação da Páscoa, exaltando menos o seu envolvimento em questões pragmáticas e potencialmente fracturantes do que os seus méritos espirituais. O *érlam* devia ser a coluna da *familia* monástica, a figura de concórdia além de todas as dissensões.

Para além desta audiência alvo representada pelos monges da comunidade columbana, o autor poderá ter tido em vista também um público anglo-saxónico. Se acreditarmos em Beda, a santidade de Columba fora atacada pelos defensores da Páscoa romana no sínodo de Whitby, que puseram em causa o favor divino concedido ao fundador de Iona<sup>144</sup>. O texto de Adomnán é precisamente um repositório de provas que confirmam a presença da graça divina do bem-aventurado irlandês e o lugar que lhe é devido entre os demais santos da Igreja Cristã, e por isso mesmo serviria bem um propósito apologético junto daqueles que tinham passado a considerar Columba desfavoravelmente, como símbolo da não ortodoxia da tradição irlandesa. Talvez seja esta a motivação por detrás da inclusão da história póstuma da visão de Osvaldo numa posição inesperada, mas em relevo, na *Vita*.

Esta é também a primeira de um conjunto de narrativas que retratam a relação de São Columba com vários monarcas e que têm sustentado uma interpretação propagandística da obra. A discussão centra-se sobretudo num episódio do Livro III, no qual Áedán mac Gabráin é ordenado pelo santo, na ilha de Iona, rei dos Dál Ríata<sup>145</sup>, mas é no Livro I que se concentram as restantes histórias em que vemos Columba na presença de reis. O episódio descrito em I. 9, ainda que temporalmente posterior à ordenação de Áedán, está intimamente ligado a este, pois nele o santo profetiza a respeito do sucessor do rei, o seu filho Eochaid Buide.

Michael Enright<sup>146</sup> procura demonstrar, com base nestes dois capítulos que considera partirem do modelo bíblico da unção de David pelo profeta Samuel<sup>147</sup>, que a

---

<sup>144</sup> Cf. BEDA, *Hist. ecc.* 3. 25.

<sup>145</sup> *VSC*, III. 5.

<sup>146</sup> ENRIGHT, M. J., “Royal succession and abbatial prerogative in Adomnán’s *Vita Columbae*”, *Peritia* 4, 1985, Brepols, 1985, pp. 83-103.

<sup>147</sup> I Sm 16, 1-14 é o modelo proposto para o capítulo I. 9.

grande motivação de Adomnán ao escrever a *Vita* foi a reivindicação de um papel proeminente do *comarbae* de Columba na selecção e ordenação de reis das dinastias mais relevantes para a afirmação política e eclesiástica da comunidade monástica de Iona. A esta intenção estaria intimamente ligada a ameaça representada pela *familia* de São Patrício, cuja produção hagiográfica do século VII é claramente orientada para propaganda em favor da supremacia de Armagh sobre as igrejas da Irlanda.

Não obstante, se parece verosímil que essas narrativas representem uma concepção veterotestamentária do poder real por parte de Adomnán, é difícil aceitar que o hagiógrafo tenha concebido a *Vita* inspirado por tais motivações políticas, não só porque os episódios que encerram esta temática não dominam a obra, sendo até minoritários, como se dirigem quer a monarcas de linhagens importantes, quer a reis menores e cuja relevância imediata para Iona não é plausível, como é o caso de Óengus Bronbachal<sup>148</sup> e Rhydderch ap Tudwal<sup>149</sup>.

Além disso, uma rivalidade entre Iona e Armagh afigura-se anacrónica: apesar de serem evidentes os esforços propagandísticos dos hagiógrafos de São Patrício, Muirchú e Tírechán, contemporâneos de Adomnán, o bispo de Armagh surge como primeiro subscritor na lista de membros eclesiásticos que apoiaram a *Lex Innocentium*, em que também encontramos Muirchú<sup>150</sup>. Por fim, a leitura da *Vita* desmente um ambiente de rivalidade entre São Columba e outros bem-aventurados do seu tempo, e até mesmo com São Comgall de Bangor, o principal santo dos Cruithni, rivais dos Uí Néill, mantém uma relação de amizade.

Não pondo de parte a hipótese de o hagiógrafo ter, em certa medida, procurado o favor de reis, como fez ao longo da sua carreira de diplomata, nesses episódios a ênfase é colocada no papel de São Columba como instrumento de Deus junto do poder secular, mais uma prova significativa da sua santidade, cuja demonstração julgamos ser o principal desígnio que norteia a obra na sua totalidade.

---

<sup>148</sup> *VSC*, I.13.

<sup>149</sup> *VSC*, I.15.

<sup>150</sup> Cf. SHARPE, 1995, p. 63.

### 5. 3. Apontamentos sobre a prosa de Adomnán

A reputação moderna de Adomnán enquanto o mais letrado autor irlandês do século VII deve-se em muito à impressão causada pelo seu estilo elaborado e sempre claro, considerado, todavia, por vezes demasiado rebuscado e afectado<sup>151</sup>, mormente pela excentricidade do vocabulário e pelo uso recorrente do hipérbato. Especial relevo foi dado ao vocabulário não latino, como marca principal do hibernismo do seu latim, mas sempre reconhecido como mais continental e superior ao dos seus contemporâneos insulares<sup>152</sup>. Porém, o estudo mais atento da linguagem das duas obras do nono abade de Iona têm vindo a matizar o alcance da sua erudição, sem negar o domínio exemplar que tinha de uma língua que não era a sua<sup>153</sup>.

A chave para a compreensão do estilo de Adomnán parece ser a procura constante de *uariatio* e a grande parte do vocabulário aparentemente excêntrico utilizado na *Vita* pode ser atribuída essa intenção, uma vez que os vocábulos menos comuns tendem a ocorrer a par de formas sinonímicas mais correntes.

Jean-Michel Picard<sup>154</sup> identifica vários tipos distintos de *uariatio*: o recurso aos diminutivos, que, como Brüning já observara<sup>155</sup>, não traduz matizes semânticas, porquanto em vários casos encontramos, no mesmo capítulo, o substantivo e o seu diminutivo

---

<sup>151</sup> BRÜNING, 1917, p. 237: (...) *ist zuweilen in der Vita der Bilderreichtum etwas gesucht, und das Streben nach glänzender und eleganter Ausdrucksweise, oft nicht ganz frei von Schwulst (...). Aber unklar wird Adamnan an keiner Stelle (...).*

<sup>152</sup> Cf. BRUNHÖLZL, Franz, *Histoire de la Littérature Latine du Moyen Âge: Tome I - De Cassiodore à la fin de la renaissance carolingienne*, trad. H. Rochais, compléments bibliographiques par Jean-Paul Bouhotp, Brepols, 1991, p. 174: (...) *la langue et le style d'Adamnan traduisent les particularismes du latin irlandais. Parallèlement à quantité de néologismes, c'est à dire de mots sémantiquement décalqués sur l'irlandais, Adamnan utilise volontiers des mots étrangers grecs (...)* encore que de tels phénomènes soient très limités chez cet homme bien supérieur à un Tirechán ou à un Muirchú en matière de culture et de lettres."

<sup>153</sup> PICARD, Jean-Michel, "Eloquentia Exuberantia: Words and Forms in Adomnán's *Vita Columbae*", *Peritia* 6-7. 1987-1988, pp. 141-157.

<sup>154</sup> PICARD, 1988, p. 155, n. 34.

<sup>155</sup> BRÜNING, 1917, p. 239.

atribuídos à mesma pessoa ou objecto<sup>156</sup>; o recurso à derivação, processo de que são exemplos, no Livro I, *uenerabilis / uenerandus* (*praef.* 2, I. 1), *rex / regnator* (I. 1), *uaticinio / uaticinatio* (I. 14, I. 15, I. 49), *fur / furax* (I. 21, I. 41), entre outros; o uso de verbos frequentativos, como *clamitare* a par de *clamare* (I. 25, I. 43) e *lectitare* a par de *legere* (I. 24), e de verbos compostos, como *habitare / inhabitare* (I. 46), *leuare / subleuare* (I. 48) e *morari / demorari* (I. 38, I. 40).

A alegada preferência de Adomnán por substantivos em *-men*, que Brüning aponta como um dos traços característicos do estilo do hagiógrafo<sup>157</sup>, pode ser mais bem entendida no contexto da sinonímia, por derivação ou não, como forma de atingir *uariatio*. Assim, vemos *peccamen* alternar com *peccantia* (I. 30) e *peccatum* (II. 39), *lumen* com *lux* (I. 1), *carmen* com *canticum* (I. 1), *uocamen* com *uocabulum* (*praef.* 1), *solamen* com *consulatio* (I. 37) e *solacium* (II. 37), para citar apenas alguns exemplos.

O amplo emprego de grecismos, apresentado como um dos principais argumentos para a filiação estilística de Adomnán na corrente mais exuberante do latim hispérico<sup>158</sup>, é também relativizado por Picard. Este autor observa<sup>159</sup>, com pertinência, que surgem apenas dois vocábulos de origem grega cujo uso é explicitamente característico dos autores irlandeses: *craxare*<sup>160</sup> e *onoma*. Os restantes 130 grecismos presentes na *Vita* encontram-se atestados, com o mesmo valor semântico, na literatura latina cristã. Demais, também nesta categoria de palavras o autor se mostra preocupado com a *uariatio*, ao alternar não só os vocábulos gregos com sinónimos latinos - *onoma / nomen* (*praef.* 1), *foca / uitulus* (I. 41), *hydria / aquarium uas* (I. 24), *herimum / desertum* (I. 6, I. 20) - como também fazendo a mesma palavra observar a declinação grega original e a declinação latina, em diferentes ocorrências - acusativo plural grego *onomata* (*praef.* 1), mas genitivo singular latino *onomatis* (III. 12), nominativo singular *diacon* (II. 1, II. 35), mas também *diaconus* (I. 1). Nos casos do nominativo *omonimon* (*praef.* 2), em lugar da forma latinizada *homonymum*,

---

<sup>156</sup> Os exemplos que ocorrem no Livro I são *nauis / nauicula* (I. 18), *ouis / ouicula* (I. 20), *consulatio / consultiuncula* (I. 21), *liber / libellus* e *uas / uasculum* (I. 24), *domus / domuncula*, *riuus / riuiulus* e *uicus / uiculus* (I. 34), *pars / particula* (I. 38), *miser / misellus* (I. 41), *fons / fonticulus* (I. 49).

<sup>157</sup> BRÜNING, 1917, pp. 238-239.

<sup>158</sup> Desta os *Hisperica Famina* são o exemplo paradigmático.

<sup>159</sup> PICARD, 1988, p. 144.

<sup>160</sup> Ver p. 53, n. 6.

e do genitivo singular *diociseos* (I. 35), Adomnán parece apenas interessado em exibir os seus conhecimentos rudimentares da morfologia grega. Da mesma forma pode ser entendido o uso exclusivo do género feminino para *eremus* (I. 6, I. 20, II. 42), que em latim tende a ser masculino.

Igualmente variado é o tratamento dos numerosos vocábulos do seu idioma nativo. Se no nominativo encontramos, quer as formas originais, quer formas com terminações latinas, no acusativo todos os nomes próprios apresentam terminação latina. Quanto ao genitivo, este é o caso em que mais frequentemente encontramos preservada a declinação irlandesa.

Influências poéticas e o gosto por uma linguagem arcaica podem estar subjacentes ao uso significativo da terminação secundária da terceira pessoa do plural do perfeito do indicativo, em *-ere*, ocorrendo em oito passos no Livro I e, como Picard notou, sempre em fim de período<sup>161</sup>. Marcas de arcaísmo e de um recurso à linguagem poética são também os ordinais em *-ensimus* (II. 39, III. 21); a substituição de ordinais por adjetivos em *-ales*, como *binales*, *trinales*, *quinales* e *septinales*; a predominância de *tris* em relação a *tres*; o uso do genitivo arcaico *duum* (II. 36; mas também *duorum*), o acusativo plural em *-i*, preservado em *manifestationis* (*praef.* 2)<sup>162</sup>; o genitivo arcaico *iteris* (mas também *iteneris*). Ressalve-se que todos estes elementos contribuem também para a *uariatio*.

Foi Picard o primeiro a proceder a uma análise estatística das cláusulas métricas na prosa da *Vita Columbae*<sup>163</sup>. Tomando como amostra a totalidade do Livro I, este investigador demonstrou que Adomnán não recorre ao *cursus* utilizado pelos autores de prosa rítmica. Identifica antes um sistema métrico baseado em *clausulae* construídas por combinações de crético, anapesto, espondeu e dáctilo, mostrando preferência pelo dicrético, pelo anapesto-espondeu e pelo espondeu-anapesto. Ao mesmo tempo que vigoram os pés isorrítmicos, são evitadas as cláusulas com três ou mais sílabas breves e a *clausula heroa*. Picard considera a prática utilizada pelo hagiógrafo irlandês comparável à *Kunstprosa* da

---

<sup>161</sup> Perfazendo 36,4% dos verbos conjugados na terceira pessoa do plural do perfeito do indicativo. Picard compara esta percentagem com a observada em Gregório de Tours, de 23%. PICARD, 1988, p. 150.

<sup>162</sup> Neste caso, não podemos excluir a possibilidade da justificação fonética, traduzida na ortografia, da substituição de i por e, frequente nos manuscritos insulares.

<sup>163</sup> PICARD, Jean-Michel, “The metrical prose of Adomnán’s *Vita Columbae*: an unusual system”, in P. Ní Catháin e M. Richter (eds), *Ireland and Europe: The Early Church*, Stuttgart, 1984, pp. 258-271.

escola ática seguida por Salústio e Tito Lívio, cujos preceitos conservadores poderão ter chegado à Irlanda por intermédio dos gramáticos<sup>164</sup>.

#### **5. 4. *Humana onomata aut gentium obscura uocabula: fórmulas onomásticas na Vita S. Columbae***

No primeiro prefácio à obra, na sua maior parte dedicado aos tópicos de uma *captatio benevolentiae* bem ancorada na tradição hagiográfica, Adomnán surpreende numa das suas advertências a futuros leitores: que não desdenhem o verdadeiro valor do conteúdo da sua narrativa, por causa de alguns vocábulos em língua irlandesa designando pessoas, gentes e lugares. Semelhante apelo à paciência do leitor, porém, talvez o não preparasse para a profusão de tais palavras no texto que em breve principiaria a ler.

Poder-se-ia dizer que a solução teria passado por evitar a menção de tão numerosos nomes de uma língua desconhecida dos continentais, uma vez que pouco relevam para a função edificante do texto hagiográfico. Mas para um irlandês do século VII, ainda que um eclesiástico, o nome, com todos os seus possíveis componentes, continha informação que legitimava o estatuto de cada indivíduo nas hierarquias sociais, o seu direito ao trono ou ao património herdado; era, em suma, a síntese da sua identidade social. Nem mesmo a ascendência de São Columba, que em nada poderia contribuir para a afirmação da sua santidade, podia ser descurada.

Curiosamente, volvidos tantos séculos, encontramos expressa amiúde, nas modernas obras que se debruçam sobre a Irlanda medieval, esta mesma ansiedade. Cite-se, a título de exemplo, Dáibhí Ó Cróinín, quando nos diz que os recém-chegados ao estudo da Alta Idade Média irlandesa *come to grief in the quagmire of names that faces them almost from the start*<sup>165</sup>. Confrontados, ao encetarmos a tradução de um dos textos mais relevantes para a compreensão deste período, com esse problema que o mesmo historiador apelida de

---

<sup>164</sup> Picard encontra um sistema métrico semelhante ao de Adomnán na *Vita Patricii*, escrita pelo seu contemporâneo Muirchú. *Ibid.*, p. 264.

<sup>165</sup> Ó CRÓINÍN, 1995, p. 63.

barreira onomástica<sup>166</sup>, julgámos ser relevante esclarecer sucintamente as várias estruturas onomásticas de que Adomnán se serviu na *Vita*. O propósito é não só o de fornecer aos que as desconhecem mais um elemento para uma melhor compreensão das realidades subjacentes ao texto, mas também o de justificar algumas opções de tradução que se prendem com esta questão.

O simples patronímico após um nome próprio é a forma de identificação pessoal mais generalizada na obra. Talvez por ter encontrado uma segura correspondência com a onomástica latina, Adomnán optou por utilizar a fórmula *filius* seguido de um genitivo, tradução exacta do irlandês *mac*, igualmente seguido de um genitivo. Nas três instâncias em que ocorre no texto, o substantivo *mac* surge não como elemento de uma fórmula patronímica, mas tão-só como elemento de antropónimos que não remetem para uma qualquer ascendência paterna - *Mac Naue* e o genitivo *maic Erce*<sup>167</sup> são os exemplos presentes no Livro I.

Outra forma de identificação pessoal, que pode ou não complementar o patronímico, é a filiação do indivíduo a uma *gens* ou a uma linhagem dinástica. Neste aspecto particular, a *Vita* constitui um testemunho de grande valor. A fórmula mais frequente é a construída com o vocábulo irlandês *moccu*, regendo um antropónimo em genitivo e que Adomnán faz normalmente preceder do ablativo latino *gente*, numa expressão redundante, mas que se tornaria todavia mais compreensível para o leitor que desconhecesse o vernáculo.

*Moccu* define a pertença a um grupo do tipo designado pelos nomes colectivos *corcu* ou *dál*. Se alguns autores vêem nestes grupos populacionais os representantes da antiga estrutura tribal da sociedade irlandesa pré-histórica<sup>168</sup>, outros são menos assertivos, considerando ser difícil definir a verdadeira natureza destes grupos a que o biógrafo de São Columba faz equivaler o termo latino de *gens*<sup>169</sup>.

Certo parece ser que, nos dias de Adomnán, essas entidades para as quais remete o termo *moccu* haviam perdido já a sua relevância política e social<sup>170</sup>, dando lugar às novas

---

<sup>166</sup> *Ibid.*

<sup>167</sup> *VSC*, I.7.

<sup>168</sup> *Ibid.*, pp. 41-44.

<sup>169</sup> Cf. CHARLES-EDWARDS, 2000, pp. 96-100. Há, no entanto, uma ocorrência que parece ser uma excepção a esta equivalência: em I.20, Adomnán fala-nos de um “Baitanus gente nepos niath Taloirc”.

<sup>170</sup> cf. SHARPE, 1995, p. 239.

linhagens varonis de carácter dinástico, que disputariam o poder na Irlanda nos séculos seguintes. Esta transição, qualquer que tenha sido o seu real significado, ficou plasmada na *Vita S. Columba*, cujo autor, nas palavras de Charles-Edwards, terá pertencido à derradeira geração para a qual ainda faria sentido referenciar um indivíduo nestes moldes<sup>171</sup>.

Na *Vita*, essas linhagens estão subjacentes às fórmulas onomásticas estruturadas em torno do termo latino *nepos* ou, no plural, *nepotes*, tradução do irlandês *ua* ou *uí*, respectivamente, com o sentido de “descendente de” ou “descendentes de”. O antropónimo em genitivo corresponde ao antepassado comum reclamado por cada linhagem. Nesta categoria, se é que assim nos é lícito chamar-lhe, encontramos a linhagem emergente dos Uí Néill, a que pertenciam tanto Columba como Adomnán, que os menciona como *Nellis nepotes*.<sup>172</sup> Menos frequentes são as alusões a grupos de parentesco designados em irlandês pelo substantivo *cenél*, que o abade de Iona traduz pelo latim *genus*.

O *forainm*, que corresponde ao *cognomentum* latino, encontra-se também no universo onomástico da obra. O uso de um *forainm* era prática corrente na Irlanda medieval e a sua importância social podia ir muito além da sua função de distinguir pessoas com os mesmos nomes próprios: um *forainm* desfavorável era um potencial obstáculo para um pretendente ao trono<sup>173</sup>. Não será este o caso dos filhos do rei Áedán, Eochaid Find, ou Eochaid o Louro, e Eochaid Buide, ou Eochaid o Belo, mas viria a ser este último o sucessor do monarca dos Dál Ríata<sup>174</sup>. Outros *cognomenta* na *Vita* não são tão lisonjeiros, como *Lugudius Clodus*, Lugaid o Coxo<sup>175</sup>, e o do alegadamente sanguinário rei *Aidus Niger*, Áed o Negro<sup>176</sup>, dos quais Adomnán apenas nos dá a tradução latina do *forainm*.

Os dois nomes que acabámos de referir, Lugaid e Áed, foram latinizados pelo hagiógrafo como *Lugudius* e *Aidus*. A latinização de antropónimos no idioma nativo, quando acontece, dá-se pela simples adição de terminações latinas ao vocábulo irlandês, que conserva a sua forma original e observa as variações fonéticas características da

---

<sup>171</sup> Cf. CHARLES-EDWARDS, 2000, p.97.

<sup>172</sup> *VSC*, I.49.

<sup>173</sup> Cf. CHARLES-EDWARDS, 2000, pp. 25-26.

<sup>174</sup> *VSC*, I.9.

<sup>175</sup> *VSC*, I.38.

<sup>176</sup> *VSC*, I.36.

declinação irlandesa, a par da flexão latina aplicada à terminação<sup>177</sup>. Não existindo, em português, uma norma para a tradução de antropónimos irlandeses, optámos por seguir Sharpe e converter as formas arcaicas presentes na *Vita*, latinizadas ou não, nas formas irlandesas<sup>178</sup> com ortografia normalizada, em uso na historiografia moderna<sup>179</sup>. Contudo, divergimos deste autor ao não revertermos as fórmulas onomásticas, traduzidas para latim por Adomnán, para as expressões irlandesas. Neste ponto seguiremos Anderson e Anderson, traduzindo para português tudo aquilo que Adomnán verteu para latim. Remeteremos, porém, para nota de rodapé as designações generalizadas na bibliografia moderna.

---

<sup>177</sup> A ortografia do vocabulário irlandês presente na *Vita*, e dos antropónimos em especial, atesta um estágio arcaico da língua, que se terá prolongado até ao século VIII, altura em que se transita progressivamente do Irlandês Antigo para o Irlandês Médio. Para uma discussão dos antropónimos irlandeses nos principais manuscritos da *Vita*, ver ANDERSON & ANDERSON, 1991, pp. lxxv-lxxviii.

<sup>178</sup> Em Irlandês Antigo.

<sup>179</sup> Seguimos assim, em parte, o exemplo de Aires A. Nascimento, na sua edição crítica da versão portuguesa da *Nauigatio Brendani*; cf. NASCIMENTO, Aires. A. (ed. e trad.), *Navegação de S. Brandão nas fontes portuguesas medievais*, Edições Colibri, Lisboa, 1998.

## 5.5. Da tradução

A nossa tradução da *Vita Columbae* tem por base o texto estabelecido por Alan Orr Anderson e Marjorie Ogilvie Anderson, em 1961, revisto e reeditado pela última autora nos Oxford Medieval Texts em 1991 (ANDERSON, Alan Orr; ANDERSON, Marjorie Ogilvie (ed.), *Adomnán's Life of Columba*, Oxford, Clarendon Press, 1991).

Esta edição apresenta, porém, algumas incoerências, uma vez que ao mesmo tempo que procura ser fiel ao texto transmitido pelo manuscrito A, de que preserva rigorosamente a ortografia, insere também passos que só se encontram no grupo de manuscritos B e que são tidos por genuínos. No entanto, os editores hesitam em corrigir, com base em B, lições dúbias de A, mesmo quando assumem em aparato crítico uma preferência por lições de B.<sup>180</sup>

Assim, sempre que, na tradução, optarmos por uma lição de B, remeteremos para nota de rodapé um comentário que justifica a nossa preferência, ainda que mantenhamos sempre o texto latino da edição já referida.

---

<sup>180</sup> Sobre a transmissão do texto da *Vita Columbae*, ver Anexo I.



**Vida de São Columba**  
**Livro I**

## **In nomine Iesu Christi Orditur praefatio**

BEATI nostri patroni Christo sufragante uitam discripturus, fratrum flagitationibus obsecundare uolens, in primis eandem lecturos quosque ammonere procurabo ut fidem dictis adhibeant conpertis et res magis quam uerba perpendant, quae ut estimo inculta et uilia esse uidentur. Meminerintque regnum dei non in eloquentiae exuberantia sed in fidei florulentia constare. Et nec ob aliqua scoticae uilis uidelicet lingae aut humana onomata aut gentium obscura locorumque uocabula, quae ut puto inter alias exterarum gentium diuersas uilesunt linguas, utilium et non sine diuina opitulatione gestarum dispiciant rerum pronuntiationem.

Sed et hoc lectorem ammonendum putauimus quod de beatae memoriae uiro plura studio breuitatis etiam memoria digna a nobis sint praetermissa, et quasi pauca de plurimis ob euitandum fastidium lectorum sint craxata. Et hoc ut arbitror quisque haec lecturus forte annotabit quod minima de maximis per populos fama de eodem beato uiro deuulgata disperserit ad horum etiam paucorum comparationem quae nunc breuiter craxare disponimus.

Hinc post hanc primam praefatiunculam de nostri uocamine praesulis in exordio secunde deo auxiliante intimare exordiar.

## Em nome de Jesus Cristo

### Tem início o prefácio

Pretendendo narrar, com o favor de Cristo, a vida do nosso bem-aventurado patrono e desejando corresponder às demandas dos irmãos, em primeiro lugar, cuidarei de prevenir todos os que a lerem que dêem crédito aos relatos que foram comprovados e que considerem mais as acções do que as palavras, que, em meu entender, parecem ser rudes e de pouco valor; que se lembrem que o reino de Deus não reside na exuberância do discurso, mas antes no florescimento da fé<sup>1</sup>; que não desprezem<sup>2</sup> a divulgação dos feitos úteis e não sem assistência divina, por causa de alguns nomes de pessoas ou de vocábulos obscuros de povos ou lugares da língua irlandesa, sem dúvida vulgar, os quais, penso eu, são de pouco valor entre as outras diversas línguas de povos estrangeiros<sup>3</sup>.

Mas também julgámos dever prevenir o leitor<sup>4</sup> de que muitas coisas acerca do homem de bem-aventurada memória, pela preocupação em sermos breves, foram omitidas por nós, ainda que dignas de memória, e que, como que para evitar o enfado dos leitores, poucas coisas de entre muitas<sup>5</sup> foram escritas<sup>6</sup>. E, como penso, cada um dos que as ler

---

<sup>1</sup> Adomnán segue de perto Sulpício Severo. Compare-se *Mart. Praef. 3: bona uenia id a lectoribus postulabis, ut res potius quam uerba perpendant (...) quia regnum Dei non in eloquentia, sed in fide constat*; e 1. 9: *obsecro autem eos qui lecturi sunt, ut fidem dictis adhibeant*.

<sup>2</sup> A ortografia hibernica preservada pelos editores, em que a vogal e é frequentemente substituída por i, causa, neste caso, uma ambiguidade com o verbo *dispicio*, “ver com clareza, distinguir”. O contexto, porém, não é ambíguo, pelo que deve ser entendido o verbo *despicio*.

<sup>3</sup> Sharpe, citando Bullough, chama a atenção para a associação de palavras que evoca Gildas, em *De Excidio Britanniae*, 17: *ne (...) nomen Romanorum quod (...) exterarum gentium opprobrio obrosus uilesceret*. Cf. SHARPE, 1995, p. 242.

<sup>4</sup> Brüning regista a semelhança desta formulação com a de Dionísio Exíguo, *epist. de pasch. 1: Hoc praeterea lectorem putauimus admonendum*. Cf. BRÜNING, 1917, p. 244.

<sup>5</sup> Novo recurso à *Vita S. Martini*. Compare-se *Mart. 1. 8: ex his, quae conperta nobis erant, plura omisimus (...). Simul et legentibus consulendum fuit, ne quod his pareret copia congesta fastidium*; e 19. 5: *Sufficient haec uel pauca de plurimis, satisque sit nos et in excellentibus non subtrahere ueritatem et in multis uitare fastidium*.

<sup>6</sup> Do grego *χαράσσω*, o verbo *c(h)araxo* ou *craxo* surge latinizado no século IV, em autores como Apício, Prudêncio e Gregório de Tours, com a acepção “gravar”, “arranhar”. Michael Herren demonstrou que o uso deste grecismo como simples sinónimo do verbo *scribo* - uma das acepções secundárias de *χαράσσω* - é

## In nomine Iesu Christi

### Secunda praefatio

VIR erat uitae uenerabilis et beatae memoriae monasteriorum pater et fundator, cum Iona profeta omonimon sortitus nomen. Nam licet diuerso trium diuersarum sono linguarum unam tamen eandemque rem significat hoc quod ebreice dicitur *iona*, greccitas uero *peristera* uocatur, et latina lingua *columba* nuncupatur. Tale tantumque uocabulum homini dei non sine diuina inditum prouidentia creditur. Nam et iuxta euangeliorum fidem spiritus sanctus super unigenitum aeterni patris descendisse monstratur in forma illius auiculae quae columba dicitur. Vnde plerumque in sacrosanctis libris columba mystice spiritum sanctum significare dinoscitur. Proinde et saluator in euangelio suis praecipit discipulis, ut columbarum in corde puro insertam simplicitatem contenerent. Columba etenim simplex et innocens est auis. Hoc itaque uocamine et homo simplex innocensque nuncupari debuit, qui in se columbinis moribus spiritui sancto hospitium praebuit. Cui nomini non inconuenienter congruit illud quod in prouerbiis scriptum est: Melius est nomen bonum quam diuitiae multae. Hic igitur noster praesul non inmerito non solum a diebus infantiae

---

inaugurado, em meados do século VII, por Virgílio Gramático, tanto quanto sabemos, um irlandês. Neste mesmo século, apenas outros dois autores, ambos insulares, empregam *caraxo* neste sentido: o anglo-saxónico Aldhelm, que conhecia a obra de Virgílio Gramático, e Adomnán. O abade de Iona usa o verbo em nove instâncias na *Vita Columbae*, e três no seu *De Locis Sanctis*, sempre como sinónimo de *scribo*. É também em Adomnán que encontramos pela primeira vez o *nomen agentis* deste verbo, *craxator*, em *De Locis Sanctis*, III 6, 6. Cf. HERREN, M., “Insular Latin C(h)araxare (Craxare) and its derivatives”, *Peritia 1*, Brepols, 1982, pp. 273-280.

reparará eventualmente que a fama deste santo homem, difundida entre os povos, espalhou uma ínfima parte dos seus numerosíssimos feitos, mesmo em comparação com o pouco que agora nos dispomos a escrever com brevidade.

Em seguida, após este pequeno primeiro prefácio, no segundo exórdio começarei por falar, com o auxílio de Deus, do nome do nosso prelado.

## **Em nome de Jesus Cristo**

### **Prefácio Segundo**

Era um homem de vida venerável<sup>7</sup> e bem-aventurada memória, pai e fundador de mosteiros, a quem calhou em sorte o mesmo nome que o profeta Jonas. Na verdade, não obstante a sonoridade distinta das três diferentes línguas, aquilo que em hebraico se diz *Iona*, a que o grego chama *peristera*, e que em latim é dito *columba*<sup>8</sup>, significa contudo uma mesma coisa. Acredite-se que um nome de tão grande valor não terá sido dado a um homem de Deus sem providência divina. Segundo a doutrina dos Evangelhos, o Espírito Santo é representado a descer sobre o Unigénito do Pai Eterno na forma daquela pequena ave a que chamam pomba<sup>9</sup>. Daí que muitas vezes se perceba que, nos livros sacrossantos, pomba significa misticamente Espírito Santo. Da mesma forma, no Evangelho, o Salvador recomendou aos seus discípulos que conservassem a simplicidade das pombas encerrada no coração puro<sup>10</sup>. E a verdade é que a pomba é uma ave simples e inocente. É por isso que também tinha de ser designado com este nome um homem simples e inocente, que pelo seu carácter de pomba abrigou em si o Espírito Santo. O que está escrito nos Provérbios concorda de forma adequada com este nome: “É melhor um nome bom do que

---

<sup>7</sup> Cf. GREG. M., *dial. 2, Prol.*, 1: *Fuit uir uitae uenerabilis (...)*.

<sup>8</sup> Para preservar o jogo de palavras pretendido por Adomnán, optamos por não traduzir os três vocábulos para “pomba”.

<sup>9</sup> Cf. Mt. 3, 16; Mc. 1, 10; Lc. 3, 22; Io. 1, 32.

<sup>10</sup> Mt. 10, 16.

hoc uocabulo deo donante adornatus proprio ditatus est, sed etiam praemis multorum cyclis annorum ante suae natiuitatis diem cuidam Christi militi spiritu reuelante sancto quasi filius repromissionis mirabili profetatione nominatus est. Nam quidam proselytus brito homo sanctus sancti Patricii episcopi discipulus Maucteus nomine ita de nostro profetizauit patrono sicuti nobis ab antiquis traditum expertis conpertum habetur. “In nouissimis” ait “ saeculi temporibus filius nasciturus est cuius nomen Columba per omnes insularum ociani prouincias deuulgabitur notum, nouissimas orbis tempora clare inlustrabit. Mei et ipsius duorum monasteriorum agelluli unius sepisculae interuallo disternabuntur. Homo ualde deo carus et grandis coram ipso meriti.”

Huius igitur nostri Columbae uitam et mores describens in primis breui sermonis textu in quantum ualero strictim conpraehendam et ante lectoris oculos sanctam eius conuersionem pariter exponam; sed et de miraculis eius succinte quaedam quasi legentibus auide praegustanda ponam, quae tamen inferius per tris diuisa libros plenius explicabuntur; quorum primus profeticas reuelationes, secundus uero diuinas per ipsum uirtutes effectas, tertius angelicas apparationes contenebit et quasdam super hominem dei caelestis claritudinis manifestationis. Nemo itaque me de hoc tam praedicabili uiro aut mentitum estimet aut quasi quaedam dubia uel incerta scripturum; sed ea quae maiorum fideliumque uirorum tradita expertorum cognoui relatione narraturum et sine ulla ambiguitate craxaturum sciat, et uel ex his quae ante nos inserta paginis repperire potuimus, uel ex his quae auditu ab expertis quibusdam fidelibus antiquis sine ulla dubitatione

que muitas riquezas”<sup>11</sup>.

Assim, merecidamente, este nosso prelado não só foi enriquecido desde os dias da infância com o adorno deste nome próprio dado por Deus, mas também, muitos anos antes do dia do seu nascimento, foi designado numa profecia milagrosa como um filho de promessa<sup>12</sup>, por revelação do Espírito Santo a um soldado de Cristo. Com efeito, um visitante<sup>13</sup> bretão, homem santo, discípulo do bispo São Patrício, de nome Mochta, profetizou acerca do nosso patrono aquilo que nos foi transmitido pelos antigos que o sabiam e que é tido como comprovado: “Nos últimos tempos do mundo há-de nascer um filho, cujo nome Columba tornar-se-á célebre em todas as províncias das ilhas do oceano e iluminará com esplendor os últimos tempos da terra. As propriedades dos dois mosteiros, o meu e o dele, serão separados somente pelo espaço de uma pequena sebe. Será um homem muito caro a Deus e de grande mérito perante Ele.”<sup>14</sup>

Descrevendo, em primeiro lugar, a vida e o carácter deste nosso Columba num breve discurso, abarcarei sumariamente, na medida em que for capaz, e, ao mesmo tempo, exporei aos olhos do leitor a sua santa conduta. Mas também apresentarei aos leitores, de forma sucinta, alguns dos seus milagres, como que para serem previamente degustados com avidez. Estes, porém, serão mais à frente desenvolvidos de forma mais completa, divididos por três livros. Destes, o primeiro conterà as revelações proféticas; o segundo, os divinos milagres levados a cabo por intermédio dele; o terceiro, as aparições angélicas e algumas manifestações do esplendor divino sobre o homem de Deus.

Assim sendo, que ninguém julgue que, a respeito deste homem tão louvável, eu estou a mentir ou que escreverei coisas de certa forma dúbias e incertas<sup>15</sup>; mas que

---

<sup>11</sup> Prv. 22, 1.

<sup>12</sup> Rm. 9, 8; Gal. 4, 28.

<sup>13</sup> Cf. NIERMEYER, J. F., *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*, p. 865, s. v. *proselytus*.

<sup>14</sup> O óbito de São Mochta é registado, nos Anais do Ulster, no ano 535. É tradicionalmente associado à igreja de Louth, em cuja vizinhança não se conhece qualquer fundação columbana.

<sup>15</sup> Mesma ideia de Sulpício Severo, cf. *Mart.*, 1. 9: *neque me quicquam nisi conpertum et probatum scripsisse arbitrentur*.

narrantibus diligentius sciscitantes didicimus. Sanctus igitur Columba nobilibus fuerat oriundus genitibus, parem habens Fedilmithum filium Ferguso, matrem Aethneam nomine, cuius pater latine filius nauis dici potest, scotica uero lingua mac naue. Hic anno secundo post Cúle drebinae bellum, aetatis uero suae xlii, de Scotia ad Britanniam pro Christo perigrinari uolens enauigauit.

Qui et a puero christiano deditus tirocinio et sapientiae studiis, integritatem corporis et animae puritatem deo donante custodiens, quamuis in terra positus caelestibus se aptum moribus ostendebat. Erat enim aspectu angelicus sermone nitidus opere sanctus ingenio optimus consilio magnus. Per annos xxxiiii insulanus miles conuersatus nullum etiam unius horae interuallum transire poterat quo non aut orationi aut lectioni uel scriptioni uel etiam alicui operationi incumberet. Ieiunationum quoque et uigiliarum indefesis laborationibus sine ulla intermissione die noctuque ita occupatus ut supra humanam possibilitatem uniuscuiusque pondus specialis uideretur operis. Et inter haec omnibus carus hilarem semper faciem ostendens sanctam, spiritus sancti gaudio in intimis laetificabatur praecordiis.

saiba que narrarei aquelas de que tomei conhecimento, transmitidas pelo relato dos meus predecessores e de homens de boa-fé que as sabiam, e que as registarei sem qualquer ambiguidade; e quer as que conseguimos recuperar das que, antes de nós, foram postas por escrito, quer aquelas de que ficámos a saber, ao ouvi-las de certos anciãos de boa-fé que as sabiam, quando nos procurámos informar com rigor, as relataram sem qualquer hesitação.

São Columba proviera de uma família nobre, sendo seu pai Fedelmid, filho de Fergus<sup>16</sup>, e sua mãe Eithne, cujo pai pode ser chamado, em latim, “filho de barco”, mas em irlandês *Mac Naue*<sup>17</sup>. No segundo ano após a batalha de Cúl Dreimne<sup>18</sup>, com quarenta e dois anos de idade, embarcou da Irlanda para a Bretanha, desejando peregrinar por Cristo.

Ele, mesmo desde criança entregue ao noviciado cristão e aos estudos de erudição, preservando, com a ajuda de Deus, a integridade do corpo e a pureza da alma, ainda que colocado na terra mostrava-se apto à vida celestial. Era dotado de um rosto angelical, claro no seu discurso, santo na sua obra, excelente no seu engenho, magnânimo nos seus conselhos<sup>19</sup>. Vivendo como soldado insular durante trinta e quatro anos, não conseguia passar um único momento, ainda que de uma hora, em que se não dedicasse quer à oração, quer à leitura ou à escrita, ou ainda a qualquer outra actividade<sup>20</sup>. Dia e noite, sem qualquer interrupção, de tal maneira se entregava também a incansáveis esforços de jejuns e vigílias, que o peso de cada um destes trabalhos parecia ser superior à capacidade humana. E no meio de tudo isto, caro a todos, mostrando a sua santa face sempre sorridente<sup>21</sup>,

---

<sup>16</sup> *Ferguso*, genitivo singular de *Fergus*, observa a declinação irlandesa dos substantivos de tema em u.

<sup>17</sup> Ortografia arcaica do substantivo feminino irlandês de tema em a *nó*, “barco”, aqui em genitivo singular, *noe*.

<sup>18</sup> Ver “Introdução”, pp. 25-26.

<sup>19</sup> Adomnán cita os *Actus S. Siluestris: in terra positus, caelestibus se aptum moribus ostendebat. Erat enim aspectu angelicus, sermone nitidus, opere sanctus, corpore integer, ingenio optimus, consilio magnus*. Cf. BRÜNING, 1917, p. 253.

<sup>20</sup> Cf. Sulp. Sev., *Mart.*, 26, 3: *Numquam hora ulla momentumque praeteriit quo non aut orationi incumberet aut insisteret lectioni*. É curioso notar que Adomnán acrescenta *scriptoni* às actividades levadas a cabo por Columba. A este respeito, já Brüning comentara o seguinte: *Bei den Worten, die Adamnan für den Schluss der 2. Vorrede entlehnt, ist ein Zusatz bezeichnend, der Rolle entsprechend, die das Schreiben in den irischen Klöstern spielte*. BRÜNING, 1917, p. 247.

<sup>21</sup> Cf. EVAGR., *vita Anton.*, 40: *nam semper hilarem faciem gerens*.

## **Nunc primi libri kapitulationes ordiuntur.**

De uirtutum miraculis breuis narratio.

De sancto Finteno abbate Tailchani filio, quomodo de ipso sanctus Columba profetauit.

De Erneneo filio Craseni profetia eius.

De aduentu Cainnichi quomodo praenuntiauit.

De periculo sancti Colmani gente mocu Sailni sancto Columbe reuelato.

De Cormaco nepote Letha⟨ni⟩

Profetationes eius de bellis:

De regibus.

De duobus pueris ⟨quorum⟩ secundum uerbum eius in fine septimanae unus mortuus est.

De Colcio filio Aido Draigniche, et de quodam occulto matris ipsius peccato.

De signo mortis eiusdem uiri.

Profetia sancti Columbae de Laisrano hortulano.

De ceto magno quomodo profetauit.

De quodam Baitano qui cum ceteris ad maritimum remigauit desertum.

De quodam Nemanio ficto penetente qui postea secundum uerbum sancti carnem equae furtiuae comedit.

De illo infelici uiro qui cum sua genitrice peccauit.

De .I. uocali littera quae una in salterio defuit.

De libro in ydriam cadente.

De corniculo atramenti inclinato.

regozijava-se no fundo do seu coração com a alegria do Espírito Santo.

### **Têm agora início os títulos dos capítulos do Livro Primeiro**

[I.1] Breve narração dos milagres de poder

[I.2] Sobre o abade São Fintan, filho de Tulchán: como São Columba profetizou a respeito dele

[I.3] A sua profecia a respeito de Ernéne, filho de Crasén

[I. 4] Da chegada de Cainnech: como ele a predisse

[I. 5] Do perigo, revelado por São Columba, que São Colmán dos moccu Sailni correu

[I. 6] Sobre Cormac, descendente de Lethán

[I. 7; I. 8] As suas profecias a respeito de batalhas

[I. 9-15] Sobre reis

[I. 16] Sobre dois rapazes, dos quais um morreu no fim da semana, de acordo com as palavras do santo

[I. 17] Sobre Colgu, filho de Áed Draigíche, e um pecado secreto da sua mãe

[I. 18] A profecia de São Columba a respeito do jardineiro Laisrén

[I. 19] Como profetizou a respeito de uma grande baleia

[I. 20] Sobre um certo Báetán, que navegou com outros para um lugar deserto no mar

[I. 21] Sobre Neman, um falso penitente, que posteriormente comeu carne de uma égua roubada, de acordo com a palavra do santo

[I. 22] Sobre aquele homem infeliz que pecou com a sua mãe

[I. 23] Da letra I, que era a única em falta num Livro de Salmos

[I. 24] Sobre um livro que caiu num jarro de água

[I. 25] De um tinteiro de chifre que tombou

De aduentu alicuius Aidani qui ieiunium soluit.  
De aliquo misero uiro qui ad fretum clamitabat mox morituro.  
De ciuitate Romaniae partis super quam ignis de celo cecidit.  
De Laisrano filio Feradaig quomodo manacos probauit in labore.  
De Fechno Binc.  
De Cailtano monaco.  
De duobus perigrinis.  
De Artbranano sene quem in Scia insula bapuzauit.  
De nauiculae transmutatione iuxta stagnum Lochdae.  
De Gallano filio Fachtni quem daemones rapuere.  
De Luidio claudo.  
De Enano filio Gruthriche.  
De prespitero qui erat in Triota.  
De Erco furunculo.  
De Cronano poeta.  
De Ronano filio Aido filii Colcen, et Colmano cane filio Aileni, profetia.

- [I. 26] Da chegada de um certo Áedán, que aliviou o jejum
- [I. 27] Sobre um pobre homem que gritava na direcção do estreito e que em breve morreria
- [I. 28] De uma cidade do território romano sobre a qual fogo caiu do céu
- [I. 29] Sobre Laisrén, filho de Feradach: como submeteu os monges a provações no trabalho
- [I. 30] Sobre Fiachnae Becc<sup>22</sup>
- [I. 31] Sobre o monge Cailtan
- [I. 32] Sobre dois peregrinos
- [I. 33] Sobre Artbranan, um ancião que São Columba baptizou na ilha de Sci
- [I. 34] Da mudança de um barco, junto ao lago Lochdae<sup>23</sup>
- [I. 35] Sobre Gallán, filho de Fachtnae, que os demónios arrastaram
- [I. 38] Sobre Lugaid, o Manco
- [I. 39] Sobre Enan<sup>24</sup>, filho de Gruthrech
- [I. 40] Sobre um presbítero que estava em Trioit
- [I. 41] Sobre o ladrão Erc
- [I. 42] Sobre o poeta Crónán
- [I. 43] A profecia do santo a respeito de Rónán, filho de Áed, filho de Colgu, e Colmán Cão, filho de Ailén

---

<sup>22</sup> Seguimos aquela que parece ser a lição do manuscrito B2, que apesar dos danos que impossibilitam a leitura da consoante final, sugere *biuc*, em lugar de *binc*. *Biuc* corresponde ao adjectivo *becc*, “pequeno”, no preposicional singular. No título do capítulo o nome é dado apenas como *Fiachnae*, enquanto aqui estamos perante o *cognomen*, que pode ser traduzido por *Fiachnae*, o Pequeno.

<sup>23</sup> Ver I. 34, n. 134.

<sup>24</sup> No título do capítulo, o nome é *Neman*.

## **Incipit primi libri textus de profeticis reuelationibus**

### **I.1 De uirtutum miraculis breuis narratio**

VIR itaque uenerandus qualia uirtutum documenta dederit, in huius libelli primordiis secundum nostram promissam superius promisiunculam, breuiter sunt demonstranda.

Diuersorum namque infestationes morborum homines in nomine domini Iesu Christi uirtute orationum perpessos sanauit. Daemonumque infestas ipse unus homo, et innumeras contra se belligerantes cateruas oculis corporalibus uisas et incipientes mortiferos super eius cenubialem coetum inferre morbos hac nostra de insula retrotrusas primaria deo auxiliante repulit. Bestiarum furiosam rabiem partim mortificatione partim forti repulsione Christo adiuuante conspicuit. Tumores quoque fluctuum instar montium aliquando in magna tempestate consurgentium ipso ocius orante sedati humiliatique sunt. Nausique ipsius in qua et ipse cassu nauigabat tunc temporis facta tranquillitate portum adpulsa est optatum. In regione Pictorum aliquantis diebus manens, inde reuersus, ut magos confunderet contra flatus contrarios uenti erexit uelum; et ita ueloci cursu eius nauicula enatans festinabat acsi secundum habuisset uentum. Aliis quoque temporibus uenti nauigantibus contrarii in secundos ipso orante conuersi sunt. In eadem supra memorata regione lapidem de flumine candidum detulit quem ad aliquas profuturum benedixit sanitates; qui lapis contra naturam in aqua intinctus quasi pomum supernatauit.

## **Tem início o texto do primeiro livro, sobre revelações proféticas**

### **I.1 Breve narração dos milagres de poder**

De acordo com a promessa que acima fizemos, devem ser brevemente apresentadas no início deste livro quais as provas que o venerável homem deu dos seus poderes.

Em nome do Senhor Jesus Cristo, curou, com o poder das orações, homens padecendo os ataques de diversas doenças. E ele próprio, um só homem, com o auxílio de Deus, rechaçou inúmeros batalhões hostis de demónios, vistos com os seus olhos físicos, lutando contra ele e começando a espalhar doenças mortais sobre a sua comunidade monástica, expulsas assim desta nossa principal ilha<sup>25</sup>. Com a ajuda de Cristo, reteve a raiva descontrolada de animais, infligindo a morte a uns e rechaçando outros energicamente<sup>26</sup>.

Também as ondas intumescidas, erguendo-se certa vez à semelhança de montanhas numa grande tempestade, foram prontamente aplacadas e aplanadas com as suas orações, e o barco em que por acaso ele próprio navegava, instalada a calma, foi conduzido ao porto desejado<sup>27</sup>. Tendo permanecido alguns dias na região dos Pictos, ao regressar de lá para confundir os feiticeiros, içou as velas contra ventos contrários, e assim escapando, o seu barco apressava-se progredindo velozmente, como se tivesse vento favorável<sup>28</sup>. Também noutras ocasiões, ventos contrários para aqueles que navegavam foram tornados favoráveis por meio das suas orações<sup>29</sup>.

Naquela mesma região acima mencionada, tirou uma pedra branca do rio, que benzeu para que viesse a servir para algumas curas. Esta pedra, contra o que é natural,

---

<sup>25</sup> Cf. *VSC*, III. 8.

<sup>26</sup> Cf. *VSC*, II. 26; II. 27.

<sup>27</sup> Cf. *VSC*, II. 12.

<sup>28</sup> Cf. *VSC*, II. 34.

<sup>29</sup> Cf. *VSC*, II. 15; II. 45.

Hoc diuinum miraculum coram Brudeo rege et familiaribus eius factum est. In eadem itidem prouincia, cuiusdam plebei credentis mortuum puerum suscitauit, quod est maioris miraculi, uiuumque et incolumem patri et matri adsignauit. Alio in tempore idem uir beatus iuuenis diaconus, in Ebernia apud Findbarrum sanctum episcopum commanens, cum ad sacrosancta misteria necessarium defuisset uinum, uirtute orationis aquam puram in uerum uertit uinum. Sed et caelestis ingens claritudinis lumen et in noctis tenebris et in luce diei super eum aliquando quibusdam ex fratribus diuersis et separatis uicibus apparuit effusum. Sanctorum quoque angelorum dulces et suauiissimas frequentationes luminosas habere meruit. Quorumdam iustorum animas crebro ab angelis ad summa caelorum uehi sancto reuelante spiritu, uidebat. Sed et reproborum alias ad inferna a daemonibus ferri sepe numero aspiciebat. Plurimorum in carne mortali adhuc conuersantium futura plerumque praenuntiabat merita, aliorum laeta, aliorum tristia. In bellorumque terrificis fragoribus hoc a deo uirtute orationum inpetrauit, ut alii reges uicti et alii regnatores efficerentur uictores. Hoc tale praeuilegium non tantum in hac praesenti uita conuersanti, sed etiam post eius de carne transitum, quasi cuidam uictoriali et fortissimo propugnatori a deo omnium sanctorum condonatum est honorificatore.

Huius talis honorificentiae uiro honorabili ab omnipotente caelitus conlatae etiam unum proferemus exemplum, quod Ossualdo regnatori saxonico pridie quam contra Catlonem Britonum regem fortissimum proeliaretur ostensum erat.

quando mergulhada em água flutuava como se fosse uma maçã. Este milagre divino foi feito na presença do rei Bruide e dos seus próximos<sup>30</sup>. Também nesta mesma província, ressuscitou o filho morto de um plebeu crente – um acto de grande milagre – e entregou-o vivo e incólume ao pai e à mãe<sup>31</sup>.

Noutra ocasião, o mesmo homem santo, jovem diácono vivendo na Irlanda junto do santo bispo Findbarr<sup>32</sup>, como faltasse o vinho necessário aos mistérios sacrossantos, transformou água pura em vinho verdadeiro com o poder das suas orações<sup>33</sup>.

Mas também apareceu por vezes a alguns dos irmãos, em várias ocasiões distintas, quer na escuridão da noite, quer na claridade do dia, uma enorme luz de esplendor celestial espalhada sobre ele. Mereceu ainda receber doces e agradabilíssimas visitas luminosas de anjos santos<sup>34</sup>.

Por revelação do Espírito Santo, via com frequência as almas de alguns homens justos serem levadas por anjos para a parte superior dos céus<sup>35</sup>. Mas também via, várias vezes, outras almas de condenados serem arrastadas por demónios para o inferno<sup>36</sup>.

Predizia muitas vezes as recompensas futuras de muitos homens vivendo ainda em carne mortal. De uns predisse-as boas, de outros más. E no terrível fragor das guerras, conseguiu de Deus, através do poder das suas orações, que uns reis fossem vencidos e outros soberanos se tornassem vencedores<sup>37</sup>. Um tal privilégio, não só enquanto permaneceu nesta vida terrena, mas também após a sua morte, foi-lhe adjudicado, como se a um vigorosíssimo e vitorioso combatente, por Deus, que concede honra a todos os santos.

Desta excepcional honra, conferida pelo Omnipotente a partir do céu ao

---

<sup>30</sup> Cf. *VSC*, II. 33.

<sup>31</sup> Cf. *VSC*, II. 32.

<sup>32</sup> Ver Introdução, pp. 24-25.

<sup>33</sup> Cf. *VSC*, II. 1.

<sup>34</sup> Temas principais do Livro III.

<sup>35</sup> As visitas angélicas do Livro III.

<sup>36</sup> Cf. *VSC*, I. 35; I. 39; II. 23; II. 25.

<sup>37</sup> Cf. I. 8.

Nam cum idem Ossualdus rex esset in procinctu belli castrametatus quadam die in sua papillione supra puluillum dormiens sanctum Columbam in uisu uidet forma coruscantem angelica cuius alta proceritas uertice nubes tangere uidebatur. Qui scilicet uir beatus suum regi proprium reuelans nomen in medio castrorum stans eadem castra, excepta quadam parua extremitate, sui protegebat fulgida ueste. Et haec confirmatoria contulit uerba, eadem scilicet quae Dominus ad Iesue ben Nun ante transitum Iordanis mortuo Moyse proloquutus est, dicens: ‘Confortare et age uiriliter. Ecce ero tecum,’ et cetera. Sanctus itaque Columba haec ad regem in uisu loquens addit: ‘Hac sequenti nocte de castris ad bellum procede. Hac enim uice mihi dominus donauit ut hostes in fugam uertantur tui, et tuus Catlon inimicus in manus tradatur tuas, et post bellum uictor reuertaris et feliciter regnes.’

Post haec uerba expergitus rex senatui congregato hanc enarrat uisionem; qua confortati omnes totus populus promittit se post reuersionem de bello crediturum et bapulum suscepturum. Nam usque in id temporis tota illa Saxonia gentilitatis et ignorantiae tenebris obscurata erat, excepto ipso rege Ossualdo cum xii. uiris qui cum eo Scotos inter exsolante bapulati sunt. Quid plura? Eadem subsequuta nocte Ossualdus rex sicuti in uisu edoctus fuerat, de castris ad bellum cum admodum pauciore exercitu contra millia numerosa progreditur. Cui a domino sicut ei promissum est felix et facilis est concessa uictoria, et rege trucidato Catlone uictor post bellum reuersus postea totius Britanniae imperator a Deo ordinatus est.

honrado homem, apresentaremos também um exemplo que fora mostrado ao soberano saxão Osvaldo, na véspera do combate contra Cadwallon, o mais poderoso rei dos Bretões<sup>38</sup>.

Certo dia, quando o mesmo rei Osvaldo estava acampado e preparado para a batalha, dormindo sobre a almofada na sua tenda, viu, numa visão, São Columba cintilando numa forma angélica, cuja alta estatura parecia aflorar as nuvens com a cabeça. Este homem santo revelou o seu nome próprio ao rei e estando no meio do acampamento protegia-o com o seu hábito luminoso, à excepção de uma pequena extremidade. Dirigiu-lhe as palavras de garantia que o Senhor proferiu a Josué ben Nun antes da travessia do Jordão, após a morte de Moisés, dizendo: “Sê forte e age virilmente; eis que estarei contigo<sup>39</sup>”, e por diante. E assim, São Columba, dizendo em sonho estas coisas ao rei, acrescentou: “Nesta noite que vem, sai do acampamento para a batalha, pois desta vez o Senhor concedeu-me que os teus adversários sejam postos em fuga, que o teu inimigo Cadwallon seja entregue nas tuas mãos e que, depois da batalha, te tornes vitorioso e reines com felicidade.”

Acordando após estas palavras, o rei relatou a visão ao seu conselho, que reunira. Todos ficaram reconfortados por ela, e todo o povo prometeu que, depois de regressar da batalha, acreditaria e receberia o baptismo. Com efeito, até esta altura, toda aquela Saxónia estava obscurecida pelas trevas do paganismo e da ignorância, à excepção do próprio rei Osvaldo, na companhia de doze homens, que com ele foram baptizados, quando se encontrava exilado entre os Irlandeses<sup>x40</sup>.

Porquê dizer mais? Nessa mesma noite seguinte, o rei Osvaldo, tal como fora

---

<sup>38</sup> O *Caedualla rex Brettonum* em BEDA, *Hist. eccl.*, 2. 20; 3. 1. Também referido na bibliografia como Catguollaun, discute-se se seria monarca do reino de Gwynedd, no País de Gales, ou membro da Casa de Ceneu, do já extinto reino de Elmet, no sudoeste do actual Yorkshire, cf. FRASER, 2009, pp. 167-168. Aliado ao rei da Mércia, Penda, matou Edwin em 633, deixando o trono da Bernícia vago para o regresso de Osvaldo. Mas Cadwallon rebelou-se contra o novo rei da Nortúmbria e foi por dele derrotado em 634, na batalha de Hexham.

<sup>39</sup> Ios. 1, 9.

<sup>40</sup> Sobre o exílio de Osvaldo entre os Dál Ríata, ver “Introdução”, pp. 12-13. Beda contradiz este passo de Adomnán, ao afirmar que o exército do rei da Nortúmbria era cristão antes da batalha, BEDA, *Hist. eccl.* 3. 1. Ambos omitem convenientemente o facto de Cadwallon ser também cristão.

Hanc mihi Adomnato narrationem meus decessor noster abbas Failbeus indubitanter enarrauit. Qui se ab ore ipsius Ossualdi regis Segineo abbati eandem enuntiantis uisionem audisse protestatus est.

Sed et hoc etiam non praetereundum uidetur, quod eiusdem beati uiri per quaedam Scoticae lingae laudum ipsius carmina et nominis commemorationem quidam quamlibet scelerati laicae conuersionis homines et sanguinarii, ea nocte qua eadem decantauerant cantica, de manibus inimicorum qui eandem eorumdem cantorum domum circumsteterant sint liberati; qui flammam inter et gladios et lanceas incolomes euassere. Mirumque in modum pauci ex ipsis, qui easdem sancti uiri commemorationis quasi paruipendentes canere noluerant decantationes, in illo emulorum impetu soli disperierant. Huius miraculi testes non duo aut tres iuxta legem sed etiam centeni aut eo amplius adhiberi potuere. Non enim in uno aut loco aut tempore hoc idem contegisse conprobatur; sed etiam diuersis locis et temporibus in Scotia et Britannia simili tamen et modo et causa liberationis factum fuisse sine ulla ambiguitate exploratum est. Haec ab expertis uniuscuiusque regionis, ubicumque res eadem simili contegit miraculo indubitanter didicimus.

instruído na visão, saiu do acampamento para a batalha contra numerosos milhares, com um exército muito inferior. Tal como lhe fora prometido, a ele lhe foi concedida uma vitória afortunada e fácil, e, com a morte do rei Cadwallon, regressando depois da batalha como vencedor, foi em seguida ordenado por Deus imperador de toda a Bretanha<sup>41</sup>.

Esta história, contou-ma com toda a verosimilhança, a mim Adomnán, o meu predecessor e nosso abade Failbe, que confirmou ter ouvido aquela mesma visão da boca do próprio rei Osvaldo, no momento em que este a relatava ao abade Ségéne.

Mas também me parece que não deve ser omitida a seguinte história: certos homens deste mesmo bem-aventurado<sup>42</sup>, ainda que criminosos sanguinários vivendo como bandidos<sup>43</sup>, por meio de alguns cantos de louvor a São Columba em língua irlandesa e da evocação do seu nome<sup>44</sup>, foram libertados, na mesma noite em que entoavam estes cânticos, das mãos dos inimigos que haviam cercado a casa destes cantores. Escaparam incólumes entre chamas, espadas e lanças. Surpreendentemente, os poucos de entre eles que não quiseram cantar estes cantos de evocação do santo homem, como se os julgassem de pouco valor, foram os únicos a perecer naquele ataque dos adversários.

Deste milagre puderam ser chamadas não duas ou três testemunhas, como diz

---

<sup>41</sup> Ver Introdução p. 13.

<sup>42</sup> A interpretação deste passo afigura-se problemática. Sharpe opta por omitir o genitivo *eiusdem beati uiri*, enquanto Anderson & Anderson traduzem literalmente, associando *eiusdem beati uiri* a *quidam homines*. Cremos ser esta última solução a correcta, que seguimos na nossa tradução, não obstante a estranheza de chamar “homens de São Columba” a “criminosos sanguinários”.

<sup>43</sup> Aceitamos a acepção latino-ibérica, defendida por Sharpe, para o adjectivo *laicus*, irlandês *láech*, que remete para o irlandês *díbergach*, “bandido, salteador”. Com efeito, esta é a única ocorrência do adjectivo em Adomnán, que prefere *plebeius* para se referir aos membros leigos do povo, ou da *túath*, a *plebs*. Cf. SHARPE, 1995, p. 253.

<sup>44</sup> Considerado por alguns como um vestígio de paganismo no Cristianismo insular, a crença no poder milagroso da recitação de hinos compostos por santos ou em seu louvor é frequente nos cultos insulares. Neste sentido, desenvolveu-se o género poético das *loricae*, destinado à invocação da protecção divina, de que o Hino de São Patrício, ou *lorica* de São Patrício, redigido em irlandês, é um exemplo paradigmático.

Sed ut ad propositum redeamus: inter ea miracula quae idem uir domini in carne mortali conuersans deo donante perfecerat, ab annis iuuenilibus coepit etiam profetiae spiritu pollere, uentura praedicere, praesentibus absentia nuntiare, quia quamuis absens corpore praesens tamen spiritu longe acta peruidere poterat. Nam iuxta Pauli uocem, ‘qui adhaeret domino unus spiritus est.’

Vnde et idem uir domini sanctus Columba, sicut et ipse quibusdam paucis fratribus de re eadem aliquando percunctantibus non negauit, in aliquantis dialis gratiae speculationibus totum etiam mundum ueluti uno solis radio collectum sinu mentis mirabiliter laxato manifestatum perspiciens speculabatur.

Haec de sancti uiri hic ideo enarrata sunt uirtutibus ut audior lector breuiter perscripta quasi dulciores quasdam praegustet dapes; quae tamen plenius in tribus inferius libris domino auxiliante, enarrabuntur. Nunc mihi non indecenter uidetur, beati uiri licet praepostero ordine profetationes effari quas de sanctis quibusdam et inlustribus uiris diuersis prolocutus est temporibus.

a lei<sup>45</sup>, mas mesmo centenas ou mais. Comprovou-se que o mesmo aconteceu não só num único local e momento, mas verificou-se também, sem qualquer ambiguidade, que teve lugar em vários locais e momentos, na Irlanda e na Bretanha, ainda que de modo semelhante e pelo mesmo motivo de libertação. Ficámos a saber estas coisas, com toda a certeza, a partir daqueles que as testemunharam em cada região, onde quer que o mesmo caso tenha acontecido com semelhante milagre.

Mas, para que voltemos ao nosso propósito, entre os milagres que este mesmo homem do Senhor, com a dádiva de Deus, realizou enquanto vivia em carne mortal, começou também, desde os seus anos de juventude, a ser poderoso no espírito profético, a predizer acontecimentos futuros e a anunciar acontecimentos distantes aos que estavam presentes. É que, ainda que fisicamente ausente, estando todavia presente em espírito, podia ver o que era feito à distância<sup>46</sup>. Com efeito, segundo as palavras de Paulo, “aquele que se une ao Senhor é um só espírito<sup>47</sup>”. Assim também o próprio homem do Senhor, São Columba, não o negou a alguns irmãos, que certa vez o interrogaram acerca disto, que em algumas contemplações de graça divina, com o âmago da sua mente milagrosamente expandido, chegava mesmo a contemplar o mundo inteiro, vendo-o com clareza, como se este estivesse concentrado num único raio de sol<sup>48</sup>.

Foram aqui narradas estas coisas acerca das virtudes do santo homem, para que o leitor mais ávido as deguste brevemente registadas por escrito, como que a um dulcíssimo repasto. Elas serão, porém, narradas de forma mais completa, com o auxílio do Senhor, nos três livros que se seguem. Agora, não me parece inapropriado relatar, ainda que desordenadamente, as profecias que o bem-aventurado homem proferiu, em diferentes momentos, a respeito de alguns homens santos e ilustres.

---

<sup>45</sup> Cf. Dt. 19, 15.

<sup>46</sup> I Cor. 5, 3.

<sup>47</sup> I Cor. 6, 17.

<sup>48</sup> Ver I. 43, n. 161.

## **I.2 De Sancto Finteno abbate filio Tailchani**

SANCTVS Fintenus, qui postea per uniuersas Scotorum ecclesias ualde noscibilis habetur est, a puerili aetate integritatem carnis et animae deo adiuuante custodiens studiis dialis sofias deditus, hoc propositum in annis iuuentutis conuersatus in corde habuit, ut nostrum sanctum Columbam Heuerniam deserens peregrinaturus adiret. Eodem aestuans desiderio, ad quendam uadit seniore sibi amicum in sua gente prudentissimum uenerandumque clericum qui scotice uocitabatur Colum Crag, ut ab eo quasi prudente aliquod audiret consilium. Cui sum suos tales denudaret cogitatus hoc ab eo responsum accipit: ‘Tuum ut estimo a deo inspiratum deuotumque desiderium quis prohibere potest, ne ad sanctum Columbam transnaigare debeas?’ Eadem hora cassu duo adueniunt monaci sancti Columbae qui de sua interrogati ambulatione, ‘Nuper,’ aiunt, ‘de Britannia remigantes hodie a roboreto Calgachi uenimus.’ ‘Suspes ane est’, ait Columb Crag, ‘uester Columba sanctus pater?’ Qui ualde inlacrimati cum magno dixerunt merore: ‘Vere saluus est noster ille patronus qui his diebus nuper ad Christum commigrauit.’ Quibus auditis, Finten et Columb et omnes qui ibidem inerant prostratis in terram uultibus amare fleuere. Fintenus consequenter percunctatur dicens: ‘Quem post se successorem reliquit?’ ‘Baitheneum’, aiunt, ‘suum alumnum.’ Omnibusque clamitantibus, ‘Dignum et debetum’, Columb ad Fintenum inquit: ‘Quid ad haec, Fintene, facies?’ Qui respondens ait: ‘Si Dominus permiserit ad Baitheneum uirum sanctum et sapientem enaigabo, et si me susciperit, ipsum abbatem habebo.’

## I.2 Sobre o abade São Fintan, filho de Tulchán<sup>49</sup>

São Fintan, que mais tarde foi tido em grande conta em todas as igrejas dos Irlandeses, conservando desde a infância, com o auxílio de Deus, a integridade da carne e da alma, e dedicado aos estudos da sabedoria divina, nos seus anos de juventude acalentou o propósito de ir ao encontro do nosso São Columba, deixando a Irlanda para peregrinar. Inflamado por este desejo, foi ter com um certo ancião seu amigo, clérigo sapientíssimo e venerando entre o seu povo, e que em língua irlandesa se chamava Columb Crag<sup>50</sup>, para que dele, como se de um sábio, ouvisse algum conselho. Ao revelar-lhe tais pensamentos, dele obteve esta resposta: “O teu desejo, como julgo, devoto e inspirado por Deus, quem o pode impedir e dizer que não devas navegar ao encontro de São Columba?” Nesse mesmo momento aconteceu chegarem dois monges de São Columba, que, interrogados acerca da sua viagem, disseram: “Chegámos hoje do Carvalhal de Calcach<sup>51</sup>, tendo vindo não há muito tempo da Bretanha num barco a remos.” E Columb Crag perguntou: “O vosso santo pai Columba está de boa saúde?”. Eles, inundados em lágrimas, responderam com grande tristeza: “O nosso patrono está verdadeiramente de boa saúde, ele que há apenas alguns dias partiu para Cristo.” Ao ouvi-los, Fintan e Columb, e todos os que ali estavam, choraram amargamente, com as suas faces prostradas por terra. Depois, Fintan inquiriu: “Quem deixou como seu sucessor?”. E eles retorquiram: “Baíthéne, seu discípulo<sup>52</sup>.”

---

<sup>49</sup> São Fintan mac Tulcháin, também conhecido como São Munnu de Taghmon (Tech Munnu), local da sua principal fundação monástica, no sul do Leinster. O seu óbito ocorre nos Anais do Ulster em 635. A *Vita S. Munnu* encontra-se editada em PLUMMER, C., *Vitae Sanctorum Hiberniae*, vol. II, Oxford, 1910, pp. 96-106. O texto, cujo capítulo 7 regista uma versão abreviada do episódio relatado por Adomnán, poderá datar do século VIII, segundo SHARPE, 1995, p. 255.

<sup>50</sup> De Columb Crag apenas sabemos o que Adomnán nos diz.

<sup>51</sup> Tradução do irlandês *Daire Calgaich*, nome de Derry, local possivelmente cedido por Áed mac Ainmirech a São Columba, que ali fundou aquele que viria a ser um dos mais importantes mosteiros da *familia* columbana. Pela sua situação geográfica favorável, poderá ter desempenhado um papel central na ligação marítima entre a Irlanda e a ilha de Iona, como parece demonstrar este episódio.

<sup>52</sup> Filho de Brénainn mac Ferguso, irmão do pai de Columba, Baíthéne terá nascido em 536, mas o ano da sua morte não é consensual. HERBERT, 1988, pp. 38-39 tende a aceitar o ano 598 fornecido pelos Anais do Ulster, enquanto SHARPE, 1995, p. 257 argumenta a favor do ano 600. Sobre as suas funções como *praepositus* antes de se tornar o segundo abade de Iona, ver “Introdução, p.18.

Tum deinde supra memoratum Columbum osculatus et ei ualedicens nauigationem praeparat et sine morula ulla transnauigans Iouam deuenit insulam. Et nec dum in id temporis usque nomen eius in his locis erat notum; unde et in primis quasi quidam ignotus hospes hospitaliter susceptus, alia die internuntium ad Baitheneum mittit eius allocutionem facie ad faciem habere uolens. Qui ut erat affabilis et perigrinis appetibilis iubet ad se adduci. Qui statim adductus primo ut conueniebat flexis genibus in terra se prostrauit. Iususque a sancto seniore surgit, et resedens interrogatur a Baitheneo adhuc inscio de gente et prouincia, nomineque et conuersatione, et pro qua causa inierit nauigationis laborem. Qui ita interrogatus omnia per ordinem enarrans ut susciperetur humiliter expostulat. Cui sanctus senior his ab hospite auditis, simulque hunc esse uirum cognoscens de quo pridem aliquando sanctus Columba profetice uaticinatus est, ‘Gratias,’ ait, ‘deo meo agere debeo quidem in tuo aduentu filii. Sed hoc indubitanter scito quod noster monachus non eris.’ Hoc audiens hospes ualde contristatus inquit: ‘Forsitan ego indignus tuus non mereor fieri monachus.’ Senior consequenter inquit: ‘Non quod ut dicis indignus esses hoc dixi, sed quamuis maluissem te apud me retinere, mandatum tamen sancti Columbae mei decessoris profanare non possum, per quem spiritus sanctus de te profetauit. Alia namque die mihi soli seorsum, sic profetico profatus ore inter cetera dixit: ‘Haec mea o Baithenee intentius debes audire uerba. Statim namque post meum de hoc ad Christum saeculo exspectatum et ualde desideratum transitum, quidam de Scotia frater qui nunc bene iuuenilem bonis moribus regens aetatem sacrae lectionis studiis satis inbuitur, nomine Fintenus, gente mocu Moie, cuius pater Tailchanus uocitatur, ad te inquam perueniens humiliter expostulabit, ut ipsum suscipiens inter ceteros adnumeres monacos.

Tendo todos exclamado “Digno e devido!”, Columb disse a Fintan: “Que farás, Fintan, perante isto?”. Ele, respondendo, disse: “Se o Senhor o permitir, navegarei ao encontro de Baithéne, homem santo e sábio, e se ele me receber, a ele o tomarei como meu abade.”

Depois disto, tendo beijado Columb, já mencionado, e despedindo-se dele, preparou a viagem por mar e, fazendo a travessia sem qualquer demora, chegou à ilha de Iona. Até àquela altura o seu nome ainda não era conhecido nestas paragens, e por isso foi primeiro recebido com a hospitalidade devida a um hóspede desconhecido. No dia seguinte, enviou um intermediário a Baithéne, desejando falar com ele face a face. Este, afável e disponível para peregrinos, ordenou que Fintan fosse trazido à sua presença. Imediatamente trazido até ele, prostrou-se por terra de joelhos flectidos, como convinha. Por ordem do santo ancião levantou-se e, sentando-se, foi questionado por Baithéne, que até então desconhecia quais as suas gentes, a sua província, o seu nome e modo de vida, e por que razão empreendera o esforço da travessia por mar. Assim questionado, relatou tudo por ordem e pediu humildemente que fosse recebido. Ao ouvir do seu hóspede estas coisas, e ao mesmo tempo reconhecendo ser aquele o homem acerca de quem, há algum tempo atrás, São Columba certa vez vaticinara profeticamente, o santo ancião disse-lhe: “Devo dar graças ao meu Deus, filho, pela tua chegada. Mas de uma coisa estou certo: não serás nosso monge.” Ouvindo isto, o hóspede, muito contristado, começou por dizer: “Talvez eu, indigno, não mereça tornar-me teu monge.” A isto o ancião replicou: “Eu não o disse por seres indigno, como disseste, mas ainda que preferisse manter-te junto de mim, não posso todavia profanar o mandamento do meu predecessor São Columba, por intermédio de quem o Espírito Santo profetizou a teu respeito. Com efeito, um dia, falando com palavras proféticas, ele disse-me a mim apenas, em privado, entre outras coisas: ‘Baithéne, deves ouvir estas minhas palavras mais atentamente. Logo após a minha esperada e muito desejada passagem deste século para Cristo, um irmão da Irlanda, chamado Fintan, dos moccu Moie<sup>53</sup> e cujo pai se chama Tulchán, que, presentemente, regendo a sua juventude por princípios virtuosos, está a ser bem instruído nos estudos da Sagrada Escritura, vindo

---

<sup>53</sup> Adomnán é a única fonte para esta *gens*, de novo mencionada em I. 18. A *Vita S. Munnu* reclama a pertença de São Fintan ao Cenél Conaill.

Sed hoc ei in dei praescientia praedestinatum non est, ut ipse alicuius abbatis monachus fieret, sed ut monachorum abbas et animarum dux ad caeleste regnum olim electus a deo est. Noles itaque hunc memoratum uirum in his nostris apud te retinere insulis, ne et dei uoluntati contraire uidearis. Sed haec ei intimans uerba ad Scotiam in pace remittas; ut in Laginensium uicinis mari finibus monasterium construat, et ibidem Christi ouinum pascens gregem innumeras ad patriam animas caelestem perducatur.’ Haec audiens sanctus iunior Christo lacrimas fundens agit gratias, inquit: ‘Secundum sancti Columbae profeticam fiat mihi et mirabilem praescientiam.’ Hisdemque diebus uerbis sanctorum obtemperans et a Baitheneo accipiens benedictionem in pace ad Scotiam transnauiat.

Haec mihi quodam narrante relegioso sene praespitero Christi milite Oisseneo nomine Ernani filio gente mocu Neth corb indubitanter didici; qui se eadem supra memorata uerba eiusdem ab ore sancti Finteni filii Tailchani audisse testatus est ipsius monachus.

ter contigo, pedir-te-á humildemente que o recebas e o incluas entre os restantes monges. Mas não lhe está predestinado na presciência divina que ele se torne monge de um qualquer abade. Foi há muito tempo eleito por Deus como abade de monges e guia de almas até ao reino dos céus. Assim, não quererás manter junto de ti, nestas nossas ilhas, este homem, não vá parecer que contrarias até a vontade de Deus. Mas dá-lhe a conhecer estas palavras e reenvia-o em paz de volta à Irlanda, para que construa um mosteiro nos territórios costeiros dos Laigin<sup>54</sup>, e aí, apascentando o rebanho das ovelhas de Cristo, conduza um grande número de almas à pátria celestial.” Ao ouvir estas coisas, o jovem santo deu graças a Cristo, vertendo lágrimas e dizendo: “Que me aconteça segundo a profética e miraculosa presciência de São Columba.” Poucos dias depois, obedecendo às palavras dos santos, e recebendo a bênção de Baithéne, navegou em paz para a Irlanda.

Fiquei a saber destas coisas com toda a certeza, quando me relatou um ancião religioso, presbítero e soldado de Cristo, chamado Oisséne, filho de Ernán, dos *moccu Néth Corb*<sup>55</sup>. Ele afirmou ter ouvido todas estas palavras acima mencionadas da boca do próprio São Fintan, filho de Tulchán, de quem foi monge.

---

<sup>54</sup> Povo que deu o nome à província do Leinster. Adomnán refere-se provavelmente à fundação de Tech Munnu.

<sup>55</sup> Única referência conhecida a Oisséne mac Ernáin. A identificação do seu povo, os *moccu Néth Corb*, não é segura, mas parecem ser os descendentes de Nia Corb, um antepassado das linhagens do reino de Osraige (Ossory), na fronteira do Leinster com o Munster, e não muito distante de Tech Munnu.

### **I.3 De Erneneo filio Craseni sancti Columbae profetia**

ALIO in tempore uir beatus, in mediterranea Eberniae parte monasterio<sup>(1)</sup>um quod scotice dicitur Dairmag diuino fundans nutu per aliquot demoratus menses, libuit animo uisitare fratres qui in Clonoensi sancti Cerani cenubio commanebant. Auditoque eius accessu uniuersi undequae ab agellulis monasterio uicinis, cum his qui ibidem inuenti sunt congregati, cum omni alacritate suum consequentes abbatem Alitherum sancto Columbae quasi angelo domini, obuiam, egressi uallum monasterii, unanimes pergunt; humiliatisque in terram uultibus eo uiso cum omni reuerentia exosculatus ab eis est; ymnisque et laudibus resonantes honorifice ad ecclesiam perducunt. Quandamque de lignis pyramidem erga sanctum deambulantem constringentes a quatuor uiris eque ambulantis subportari fecerunt, ne uidelicet sanctus senior Columba eiusdem fratrum multitudinis constipatione molestaretur.

Eadem hora quidam ualde despectus uultu et habitu puer familiaris, et necdum senioribus placens, retro in quantum ualuit se occultans accessit, ut uidelicet uel illius amfibali fimbriam quo uir beatus induebatur occulte, et si fieri possit ipso nesciente et non sentiente, tangeret. Sed hoc tamen sanctum non latuit; nam quod corporalibus oculis retro se actum intueri non potuit spiritalibus perspexit. Vnde subito restitit et post se extendens manum ceruicem pueri tenet; ipsumque trahens ante faciem suam statuit. Omnibusque qui ibidem

### I.3 A profecia de São Columba a respeito de Ernéne, filho de Crasén<sup>56</sup>

Noutra ocasião, fundando, por vontade divina, um mosteiro, que em irlandês se chama *Dairmag*<sup>57</sup>, na região central da Irlanda, e ali permanecendo por alguns meses, comprazeu-se em visitar os irmãos que viviam no mosteiro de Clóin de São Cíarán<sup>58</sup>. Ao ouvirem dizer que ele se aproximava, todos correram de toda a parte dos campos contíguos ao mosteiro, juntando-se aos que já ali se encontravam. Seguindo o seu abade Alither com grande entusiasmo, saíram do recinto do mosteiro<sup>59</sup> e, movidos pelo mesmo sentimento, foram ao encontro de São Columba, como se ele fosse um anjo do Senhor. Prostraram os rostos por terra quando o viram e cobriram-no de beijos com grande reverência. E entoando hinos e louvores, conduziram-no com honra à igreja. Não fosse o santo ancião Columba ficar incomodado com o aperto da multidão de irmãos, ataram uma barreira<sup>60</sup> de ramos que era erguida frente a ele por quatro homens que caminhavam ao passo do santo.

Nesse momento, um rapaz da comunidade, tido em muito pouca conta por

---

<sup>56</sup> O óbito de Érne mac Craséni é registado, nos Anais do Ulster, em conjunto com o de São Fintan, no ano 635, o que poderá justificar a ordem escolhida por Adomnán na organização destes dois episódios. Não obstante a fama que lhe é atribuída pelo autor, nada se sabe da sua carreira.

<sup>57</sup> O mosteiro de Durrow, no Mide. A menção ao abade Alither de Clonmacnoise fornece um possível *terminus post quem* para a sua fundação, pois sabe-se que terá assumido o cargo de abade em 585. Cf. HERBERT, 1988, p. 32.

<sup>58</sup> O mosteiro de Clonmacnoise foi fundado em 548, um ano antes da morte do seu patrono, São Cíarán, principal santo dos Connachta, povo homónimo da província do Connacht. Estrategicamente situado junto ao rio Shannon, a oeste de Durrow, tornou-se numa das mais importantes fundações monásticas irlandesas.

<sup>59</sup> Literalmente “do muro do mosteiro”. O *uallum* consistia por norma num muro de terra amontoada, com a finalidade de demarcar o recinto monástico. SHARPE, 1995, p. 261.

<sup>60</sup> *Piramis* ocorre duas vezes no *De Locis Sanctis*, como *lapidea piramis*, para descrever um muro ou cerca de pedra que rodeia (*circumdans*) os sepúlcros de David (II. 4, 3) e de Raquel (II. 7, 3), cf. ADOMNÁN, *De Locis Sanctis*, ed. e trad. D. Meehan, *Scriptores Latini Hiberniae* 3, Dublin, 1983, p. 77, n. 1. O vocábulo, que Sharpe afirma ser usado em latim hibernico sobretudo para se referir a estruturas funerárias (SHARPE, 1995, p. 261) é aqui aplicado fora desse contexto, retendo o significado relacionado com a forma quadrangular e a função de proteger aquilo que rodeia, para descrever uma espécie de cerca móvel de ramos destinada a proteger o santo.

circumstabant dicentibus, ‘Dimitte, dimitte, quare hunc infelicem et iniuriosum retines puerum?’, sanctus econtra haec puro pectore uerba depromit profetica: ‘Sinite, fratres, sinite modo.’ Ad puerum uero ualde tremefactum dicit: ‘O filii, aperi os tuum et porrege linguam.’ Iusus tum puer cum ingenti tremore aperiens os linguam porrexit, quam sanctus sanctam extendens manum deligenter benedicens ita profetice profatur dicens: ‘Hic puer quamuis uobis nunc dispicibilis et ualde uilis uideatur nemo tamen ipsum ob id dispiciat. Ab hac enim hora non solum uobis non displicebit sed ualde placebit; bonisque moribus et animae uirtutibus paulatim de die in diem crescet. Sapientia quoque et prudentia magis ac magis in eo ab hac die adaugebitur, et in hac uestra congregatione grandis est futurus profectus; lingua quoque eius salubri et doctrina et eloquentia a deo donabitur.’

Hic erat Erneneus filius Craseni, postea per omnes Scotiae ecclesias famosus et ualde notissimus; qui haec omnia suprascripta uerba Segineo abbati de se profetata enarrauerat, meo decessore Failbeo intentius audiente, qui et ipse cum Segineo praesens inerat. Cuius reuelatione et ego ipse cognoui haec eadem quae enarraui.

causa do seu aspecto e da sua atitude, e que ainda não tinha caído nas boas graças dos anciãos, aproximou-se por trás, escondendo-se o melhor que conseguia, para tocar dissimuladamente nem que fosse na fimbria do manto que envolvia o bem-aventurado homem<sup>61</sup>, e, se possível, sem que ele o soubesse ou sentisse. Mas isto, porém, não passou despercebido ao santo, pois aquilo que, feito nas suas costas, não pôde observar com os olhos físicos, viu claramente com os olhos do espírito. Parou então subitamente e, estendendo a mão atrás de si, agarrou o pescoço do rapaz; puxou-o e pô-lo diante de si. Quando todos os que ali estavam à sua volta disseram “Manda-o embora, manda-o embora! Porque reténs este rapaz infeliz e desrespeitador?”, o santo, pelo contrário, proferiu com coração puro estas palavras proféticas: “Deixai-o, irmãos, deixai-o.” E ao rapaz, que estava muito assustado, disse: “Ó filho, abre a tua boca e estica a língua.” Então o rapaz, tendo recebido esta ordem, abriu a boca com grande tremor e esticou a língua, que o santo abençoou cuidadosamente, estendendo a sua santa mão; e pronunciou-se assim profeticamente: “Este rapaz, ainda que agora vos pareça desprezível e de muito pouco valor, que ninguém todavia o despreze por isso. A partir deste momento, não só não vos causará desagrado, como até cairá nas vossas graças. A pouco e pouco, crescerá de dia para dia nos bons costumes e nas virtudes da alma. Nele também aumentarão, cada vez mais a partir de hoje, a sabedoria e a prudência, e há-de ser eminente nesta vossa comunidade. A sua língua será também dotada por Deus com a eloquência que ensina e salva<sup>62</sup>.

---

<sup>61</sup> Cf. Mt 9, 20; 14, 16.

<sup>62</sup> Na tradução deste passo procuramos ser fiéis à lição transmitida pelo grupo de manuscritos B: *et doctrinali*. Julgamos difícil aceitar a construção *salubri et doctrina eloquentia*, necessariamente em ablativo, em particular com a cópula a separar o adjectivo e o substantivo que qualifica, pois Adomnán respeita por norma a separação sintáctica marcada por *et*, que usa também frequentemente para construir pares de adjectivos em concordância com um mesmo substantivo. Anderson & Anderson, apesar de um comentário no aparato crítico a favor da lição de B, traduzem a lição de A por *will receive from God eloquence, with healthful doctrine*, solução que nos parece pouco rigorosa e resultando de um esforço artificial para aceitar A, cf. ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. 27. SHARPE, 1995, p. 261, parece também aceitar B como correcto, mas opta por uma tradução interpretativa que dispensa a decisão por uma das lições: *God will endow his tongue with eloquence to teach the doctrine of salvation*.

Sed et multa alia hisdem diebus quibus in Clonoensi cenobio sanctus hospitabatur reuelante profetauit sancto spiritu: hoc est de illa quae post dies multos ob diuersitatem paschalis festi orta est inter Scotiae ecclesias discordia; et de quibusdam angelicis frequentationibus sibi manifestatis, quibus quaedam intra eiusdem cenubii septa ab angelis tunc temporis frequentabantur loca.

#### **I.4 De aduentu sancti Cainnichi, abbatis de quo sanctus Columba profetaliter prenuntiauit**

ALIO in tempore, cum in Ioua insula die fragosae tempestatis et intollerabilis undarum magnitudinis sedens in domo sanctus, et fratribus praecipiens, diceret, ‘Praeparate ocus hospitium, aquamque ad lauandos hospitem pedes exaurite’ quidam ex ipsis frater consequenter, ‘Quis,’ ait, ‘hac die ualde uentosa et nimis periculosa licet breue fretum prospere transnauigare potest?’. Quo audito sanctus sic profatur: ‘Cuidam sancto et electo homini, qui ad nos ante uesperam perueniet, omnipotens tranquillitatem quamlibet in tempestate donauit.’ Et ecce eadem die aliquandiu a fratribus exspectata nauis in qua sanctus inerat Cainnechus, iuxta sancti profetationem peruenit. Cui sanctus cum fratribus obuiam uenit, et ab eo honorifice et hospitaliter susceptus est. Illi uero nautae qui cum Cainnecho inerant, interrogati a fratribus de qualitate nauigationis, sic retulerunt

Este rapaz era Ernéne, filho de Crasén, mais tarde famoso e muitíssimo conhecido por todas as igrejas da Irlanda. Ele contara ao abade Ségéne<sup>63</sup> todas estas palavras que escrevemos, profetizadas a seu respeito. Ouviu-o também atentamente o meu predecessor Faílbe<sup>64</sup>, que também estava presente com Ségéne. Foi porque ele mas revelou que também eu fiquei a saber estas mesmas coisas que contei.

Mas, naqueles dias em que o santo estava hospedado no mosteiro de Clóin, fez muitas outras profecias que lhe eram reveladas pelo Espírito Santo: uma delas, sobre aquela dissensão que, muitos dias depois, nasceu entre as igrejas irlandesas por causa da discrepância da festividade pascal<sup>65</sup>; outra, sobre certas visitas de anjos que lhe tinham aparecido, pelas quais ele se apercebeu que certos lugares dentro do recinto do mosteiro eram, naquele tempo, visitados por anjos.

#### **I.4. Da chegada do abade São Cainnech<sup>66</sup>, que São Columba predisse profeticamente**

Noutra ocasião, na ilha de Iona, num dia de violenta tempestade e de ondas de magnitude inexpugnável, quando o santo, sentado em casa e ditando ordens aos irmãos, disse “Preparai sem mais demora os aposentos dos hóspedes e trazei água para lavar os pés dos visitantes”, um dos irmãos retorquiu “Neste dia tão ventoso e demasiado perigoso, quem consegue fazer com sucesso a travessia do estreito, mesmo sendo ele pouco extenso?”. Ouvindo isto, o santo pronunciou-se assim: “O Onnipotente concedeu calma, ainda que no meio da tempestade, a um homem santo e eleito que virá até nós antes do anoitecer.” E eis que naquele mesmo dia, de acordo com a profecia do

---

<sup>63</sup> Ver “Introdução”, p. 16.

<sup>64</sup> Ver “Introdução”, p. 16.

<sup>65</sup> Ver “Introdução”, pp. 30-32.

<sup>66</sup> Fundador do mosteiro de Aghaboe, em Osraige, a que Adomnán se refere como *Ached Bou* (Achad Bó) em II. 13. É um dos quatro *monasteriorum sancti fundatores* que visitam Columba em Hinba, no capítulo III. 17, onde é identificado como membro dos moccu Dalann. A sua *Vita*, possivelmente do século VIII, considera este povo como parte dos Cíannachta do norte da Irlanda (*Vita S. Cainnici* 1). O episódio aqui contado por Adomnán é o modelo do capítulo 23 da *Vita S. Cainnici*. Uma versão deste texto encontra-se editada em PLUMMER, 1910, vol. I, pp. 152-169. São Cainnech terá morrido por volta do ano 600.

sicuti sanctus Columba prius de tempestate et tranquillitate pariter deo donante in eodem mari et hisdem horis mirabili diuisione praedixerat; et tempestatem eminens uisam non sensisse professi sunt.

### **I.5 De periculo sancti Colmani episcopi mocu Sailni in mari iuxta insulam quae uocatur Rechru**

ALIA itidem die sanctus Columba in sua commanens matrice ecclesia repente in hanc subridens erupit uocem, dicens: ‘Columbanus filius Beognai ad nos transnauigare incipiens nunc in undosis carubdis Brecaei aestibus ualde periclitatur; ambasque ad caelum in prora sedens palmas eleuat, turbatum quoque et tam formidabile pilagus benedicit. Quem tamen dominus sic terret, non ut nauis naufragio in qua ipse residet undis obruatur, sed potius ad orandum intentius suscitetur, ut ad nos deo propitio post transuadatum perueniat periculum.’

santo, chegou o barco há já muito tempo esperado pelos irmãos, no qual se encontrava São Cainnech. O santo foi ao seu encontro na companhia dos irmãos e recebeu-o com honra e hospitalidade. Os marinheiros que estavam com São Cainnech, interrogados pelos irmãos sobre como corra a travessia, responderam tal como o santo primeiro predissera a respeito da tempestade e da simultânea calmaria, por dádiva de Deus, naquele mesmo mar e àquelas mesmas horas, e da sua milagrosa separação; e declararam não ter sentido a tempestade que viam ao longe.

### **I.5 Do perigo que o bispo São Colmán moccu Sailni<sup>67</sup> correu no mar junto à ilha a que chamam Rechru<sup>68</sup>**

Do mesmo modo, num outro dia, São Columba estava na sua igreja matriz quando nela, sorrindo, exclamou subitamente: “Columbano, filho de Beogna, deixou o porto para navegar até nós e encontra-se agora em grande perigo, nas correntes encrespadas do redemoinho de Breccán<sup>69</sup>; eleva ambas as mãos ao céu, sentado na proa, e abençoa o mar agitado e temível. O Senhor, porém, assim o aterroriza, não para que o barco em que ele se encontra sentado seja submergido nas ondas em naufrágio, mas antes para que seja instigado a orar com maior devoção, e com o favor de Deus chegue até nós depois de ultrapassado o perigo.

---

<sup>67</sup> Melhor conhecido por São Colmán Elo, Adomnán também o menciona pelo seu patronímico, Colmán mac Beognai. É o fundador de Lann Elo (Lynally), igreja situada alguns quilómetros a sul da fundação columbana de Durrow. Embora a sua *Vita* (PLUMMER, 1910, vol. I, pp. 258-273) reclame uma pertença aos Uí Néill do Mide, é mais provável que Adomnán esteja correcto ao filiar São Colmán nos moccu Sailni, possivelmente um povo dos Dál nAiridi. Por outro lado, *episcopi* é talvez um lapso do autor, corrigido em II. 15, onde Colmán é apenas *prespiter*; cf. ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. 28, n. 28. O seu óbito é registado em 611, com 55 anos de idade.

<sup>68</sup> A ilha de Rathlin, ao largo de Antrim, no nordeste da Irlanda.

<sup>69</sup> Conhecido em irlandês por Coire Breccáin, “caldeirão de Breccán”, é um local onde convergem correntes contrárias, junto à extremidade oeste da ilha de Rathlin. Uma lenda do século X justifica o topónimo por ali ter naufragado um mercador dos Uí Néill, Breccán mac Máine.

## **I.6 De Cormaco**

ALIO quoque in tempore de Cormacco nepote Lethani, uiro utique sancto, qui tribus non minus uicibus herimum in ociano laboriosae quaesuit, nec tamen inuenit, sanctus Columba ita profetizans ait: ‘Hodie iterum Cormac desertum reperire cupiens enauigare incipit, ab illa regione quae, ultra Modam fluium sita, Eirros Domno dicitur. Nec tamen etiam hac uice quod quaerit inueniet; et non ob aliam eius culpam nisi quod alicuius relegiosi abbatis monacum ipso non permittente discessorem secum non recte comitari nauigio suscepit.’

## **I.7 De bellorum fragoribus longe commisorum beati profetia uiri**

POST bellum Cule Drebene sicut nobis traditum est duobus transactis annis, quo tempore uir beatus de Scotia peregrinaturus primitus enauigauit, quadam die, hoc est eadem hora qua in Scotia comisum est bellum quod scotice dicitur Ondemmone, idem homo dei coram Conallo rege filio Comgill in Brittannia conuersatus per omnia enarrauit, tam de bello comisso quam etiam de illis regibus quibus dominus de inimicis uictoriam condonauit, quorum propria uocabula Ainmorius filius Setni, et ii. filii maic Erce, Domnallus et Forcus. Sed et de rege Cruithniorum, qui Echodius Laib uocitabatur, quemadmodum uictus currui insidens euaserit, similiter sanctus profetizauit.

## I.6 Sobre Cormac

Noutra ocasião, São Columba profetizou também a respeito de Cormac, descendente de Lethán<sup>70</sup> – homem sem dúvida santo, que não menos de três vezes procurou penosamente<sup>71</sup> um ermo no oceano, sem que todavia o encontrasse – com as seguintes palavras: “Hoje, Cormac, desejando encontrar um lugar deserto, inicia uma segunda viagem por mar a partir daquela região situada para lá do rio Mód e a que chamam *Eirros domno*<sup>72</sup>. Mas desta vez também não encontrará o que procura; e não por qualquer outra culpa da sua parte senão a de ter aceitado, contra o que era correcto, que um monge de um abade religioso, partindo sem a permissão deste, o acompanhasse na sua embarcação.

## I.7 A profecia do bem-aventurado homem sobre o fragor de batalhas travadas ao longe

Passados dois anos após a batalha de Cúl Drebene, como nos foi transmitido, altura em que o bem-aventurado homem navegou pela primeira vez da Irlanda para peregrinar<sup>73</sup>, certo dia, no preciso momento em que na Irlanda se travou a batalha que em irlandês se chama *Ondemnone*<sup>74</sup>, o mesmo homem de Deus, estando na Bretanha, não só relatou

---

<sup>70</sup> Cormac Ua Liatháin é um dos quatro *monasteriorum sancti fundatores* referidos no capítulo III. 17, mas não se lhe conhece qualquer fundação monástica, surgindo normalmente associado ao mosteiro de Durrow. O seu povo, os Uí Liatháin, ocupavam territórios em Cork, no Munster.

<sup>71</sup> ANDERSON & ANDERSON, 1995, p. 30, n. 31 aceitam *laboriosae* como uma variante ortográfica do advérbio *laboriose*.

<sup>72</sup> O rio Moy, fronteira natural entre os actuais condados de Mayo e Sligo. Erris situa-se a oeste do rio, no litoral do condado de Mayo.

<sup>73</sup> Em 563. Ver “Introdução”, p. 25-26.

<sup>74</sup> Batalha de Móin Daire Lothair. Ver “Introdução”, p. 26, n. 94. ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. 31, n. 34 e SHARPE, 1995, p. 267 concordam na etimologia do topónimo dado por Adomnán: *Onde*, genitivo singular de *ond*, “pedra”, e *móne*, genitivo singular de *móin*, “turfeira”, resultando na tradução “da pedra da turfeira”. Porém, nenhum dos autores observa que o genitivo singular esperado para *móin*, substantivo de tema em -i, seria *móna*. Cf. DIL, s. v. *móin*.

## **I.8 De bello Miathorum**

ALIO in tempore, hoc est post multos a supra memorato bello annorum transcursus, cum esset uir sanctus in Ioua insula, subito ad suum dicit ministratorem Dermidium: ‘Clocam pulsa.’ Cuius sonitu fratres incitati ad ecclesiam ipso sancto praesule praeunte ocius currunt. Ad quos ibidem flexis genibus infit: ‘Nunc intente pro hoc populo et Aidano rege dominum oremus. Hac enim hora ineunt bellum.’ Et post modicum interuallum egressus oratorium respiciens in caelum inquit: ‘Nunc barbari in fugam uertuntur; Aidanoque quamlibet infelix tamen concessa uictoria est.’ Sed et de numero de exercitu Aidani interfectorum, ccctorum et iii. uirorum uir beatus profetice enarrauit.

ao pormenor, na presença do rei Conall, filho de Comgall<sup>75</sup>, a batalha travada, como também falou daqueles reis a quem o Senhor concedeu a vitória sobre o inimigo. Os seus nomes próprios são Ainmuire, filho de Sétne<sup>76</sup>, e dois filhos de Mac Ercae, Domnall e Forghus<sup>77</sup>. Mas também profetizou de igual modo a respeito do rei dos Cruithni, que se chamava Eochaid Láib<sup>78</sup>, revelando como, vencido, fugiu sentado num carro.

### **I.8 Da batalha dos Miathi<sup>79</sup>**

Noutra ocasião, decorridos muitos anos após a batalha acima mencionada, estando o santo homem na ilha de Iona, disse subitamente ao seu servidor Díarmait: “Toca o sino”. Movidos pelo seu som, os irmãos acorreram sem demora à igreja, indo à frente o próprio santo prelado. Ali, de joelhos, disse-lhes: “Agora oremos ao Senhor com fervor, por este povo e pelo rei Áedán<sup>80</sup>, pois neste momento travam uma batalha.” E saindo do oratório pouco tempo depois, olhou para o céu e disse: “Os bárbaros são agora postos em fuga. A vitória, ainda que funesta, foi todavia concedida a Áedán.” Mas o bem-aventurado homem também revelou em profecia o número de trezentos e três homens mortos no exército de Áedán.

---

<sup>75</sup> Ver “Introdução”, p. 26.

<sup>76</sup> Ainmuire mac Sétnai, primo de Columba, foi rei de Tara de 566 até à sua morte em 569. Participou na batalha de Cúl Dreimne, como rei do Cenél Conaill.

<sup>77</sup> Muirchertach mac Ercae, ou Muirchertach mac Muiredaig, foi monarca do Cenél nÉogain e possível rei de Tara, sendo o seu óbito registado no ano de 536. Os seus filhos Domnall e Forghus partilharam o trono de Tara por apenas um ano, em 565, como sucessores de Díarmait mac Cerbaill.

<sup>78</sup> Única referência conhecida a este rei dos Cruithni. Sabe-se apenas que um filho seu, Éogan, morreu em 611.

<sup>79</sup> A identidade deste povo é incerta e Adomnán é a única fonte para este etnónimo. A hipótese mais difundida relaciona-os com os *Maiatai* (τοῖς Μαίαταις; τῶν Μαιατῶν) referidos por Díon Cássio (D.C. LXXVI, 9), que os situa em territórios a norte da muralha atribuída a Antonino. Do conflito com Áedán mac Gabráin sabemos apenas o que é transmitido pela *Vita*.

<sup>80</sup> Áedán mac Gabráin. Ver “Introdução” pp.11-12.

### **I.9 De filiis Aidani regis sancti Columbae profetia**

ALIO in tempore ante supradictum bellum Sanctus Aidanum regem interrogat de regni successore. Illo se respondente nescire, quis esset de tribus filiis suis regnaturus, Arturius an Echodius Find an Domingartus, sanctus consequenter hoc profatur modo: ‘Nullus ex his tribus erit regnator; nam in bellis cadent, ab inimicis trucidandi. Sed nunc si alios iuniores habes ad me ueniant; et quem ex eis elegerit dominus regem subito super meum inruet gremium.’ Quibus accitis secundum uerbum sancti Echodius Buide adueniens in sinu eius recubuit. Statimque sanctus eum osculatus benedixit; et ad patrem ait: ‘Hic est superstes, et rex post te regnaturus, et filii eius post eum regnabunt.’ Sic omnia post suis temporibus plene adinpleta sunt. Nam Arturius et Echodius Fint non longo post temporis interuallo Miatorum superius memorato in bello trucidati sunt. Domingartus uero in Saxonia bellica in strage interfectus est. Echodius autem Buide post patrem in regnum successit.

## **I.9 A profecia de São Columba a respeito dos filhos do rei Áedán**

Noutra ocasião, antes da batalha de que acima falámos, o santo interrogou o rei Áedán acerca do seu sucessor no trono. Quando ele lhe respondeu que não sabia qual dos três filhos haveria de reinar - se Artuir, Eochaid Find ou Domangart - o santo, por sua vez, pronunciou-se da seguinte maneira: “Nenhum desses três será rei, pois cairão em batalha, mortos pelos inimigos. Mas, se tens outros mais jovens, que venham agora até mim. E aquele que de entre eles o senhor tiver escolhido para rei lançar-se-á de súbito no meu colo.” Depois de terem sido chamados de acordo com a palavra do santo, Eochaid Buide, ao chegar, deitou-se no seu regaço. De imediato, o santo beijou-o e abençoou-o, e ao pai disse: “Este é o sobrevivente, e há-de reinar como rei depois de ti, e os seus filhos reinarão depois dele.”<sup>81</sup>

Mais tarde, todas estas coisas, a seu tempo, se cumpriram inteiramente. Com efeito, passado não muito tempo, Artuir e Eochaid Find foram mortos na batalha dos Miathi, referida mais acima. Quanto a Domangart, pereceu na carnificina de uma batalha na Saxónia. Eochaid Buide sucedeu ao pai no reino<sup>82</sup>.

---

<sup>81</sup> Sobre o possível modelo bíblico para este episódio, ver “Introdução”, pp. 40-41.

<sup>82</sup> Eochaid sucedeu ao pai em 609, ano da morte de Áedán, e terá reinado até morrer, em 629. Poderá ter partilhado o trono dos Dál Riata com Connad Cerr, do Cenél Comgaill. Cf. FRASER, 2009, p. 156.

### **I.10 De Domnallo filio Aido**

DOMNALLVS filius Aido adhuc puer ad sanctum Columbam in dorso Cete per nutritores adductus est. Quem intuens percunctatur inquiring: ‘Cuius est filius hic quem adduxistis?’ Illis respondentibus, ‘Hic est Domnallus filius Aido, qui ad te ideo perductus est ut tua redeat benedictione ditatus.’, quem cum sanctus benedixisset, contenuo ait: ‘Hic post super omnes suos fratres superstes erit, et rex ualde famosus. Nec umquam in manus inimicorum tradetur, sed morte placida, in senectute, et intra domum suam, coram amicorum familiarium turba super suum morietur lectum.’ Quae omnia secundum beati uaticinium uiri de eo uere adimpleta sunt.

### I.10. Sobre Domnall, filho de Áed<sup>83</sup>

Domnall, filho de Áed, ainda criança, foi levado por aqueles que o criavam<sup>84</sup> a São Columba, no Cume de Cete<sup>85</sup>. Observando-o, o santo perguntou: “De quem é filho este rapaz que trouxestes?”. Eles responderam: “Este é Domnall, filho de Áed, que foi trazido até ti para que regresse enriquecido com a tua bênção.” O santo, assim que o abençoou, disse-lhe: “Este rapaz, mais tarde, sobreviverá a todos os seus irmãos e será um rei de grande renome. E nunca será entregue nas mãos dos inimigos, mas, na velhice, morrerá de uma morte serena, no interior da sua casa, sobre o seu leito, e na presença de uma multidão de amigos íntimos.”

Todas estas coisas se cumpriram verdadeiramente, de acordo com o vaticínio do bem-aventurado homem a respeito dele.

---

<sup>83</sup> Após a morte de Áed mac Ainmirech (ver “Introdução”, p. 11), em 598, Domnall mac Áedo não sucedeu de imediato ao seu pai no trono de Tara, que obteve apenas em 628 e que ocupou até à sua morte em 642. Contra ele foi quebrada a suposta aliança estabelecida entre Áed e Áedán mac Gabráin em Druimm Cete, quando o neto de Áedán, Domnall Brecc, optou por apoiar o monarca dos Cruithni, Congal Cáech, na batalha de Mag Roth (ver “Introdução”, pp. 10-11). Domnall mac Áedo é o primeiro rei a ser mencionado nos anais como *rex Hiberniae* (AU 642).

<sup>84</sup> Entre a aristocracia irlandesa pré-cristã, era prática corrente e regulada pelas leis entregar filhos aos cuidados de uma outra família, como uma forma de criar laços entre linhagens distintas e contribuindo para as dinâmicas de poder. Com a cristianização, o antigo costume estendeu-se à Igreja e os membros eclesiásticos tornaram-se potenciais *nutritores* de filhos de linhagens nobres. O termo latino *nutritor* corresponde ao irlandês *aite*, e o irlandês *daltae* é traduzido pelo latim *alumnus*, deixando este último transparecer a componente didáctica que prevalecia em contexto eclesiástico. Na nossa tradução evitamos a expressão portuguesa “pais adoptivos”, por julgarmos que a sua conotação moderna pode conduzir a uma interpretação anacrónica da prática irlandesa.

<sup>85</sup> Druimm Cete, provavelmente perto de Derry. Sobre a Convenção dos Reis neste local, ver “Introdução”, p.11.

### **I.11 De Scandlano filio Colmani**

EODEM tempore sanctus et in eodem loco ad Scandlanum filium Colmani apud Aidum regem in uinculis retentum uisitare eum cupiens pergit; ipsumque cum benedixisset confortans ait: 'Filii, noles contristari sed potius laetare et confortare. Aidus enim rex apud quem uinculatus es de hoc mundo te praecedet, et post aliqua exilii tempora xxx. annis in gente tua rex regnaturus es. Iterumque de regno effugaberis, et per aliquot exsolabis dies, post quos a populo reinuitatus per tria regnabis breuia tempora.'

Quae cuncta iuxta uaticinationem sancti plene expleta sunt. Nam post xxx. annos de regno expulsus per aliquod exsolauit spatium temporis, sed post a populo reinuitatus non ut putabat tribus annis sed ternis regnauit mensibus; post quos contenuo obiit.

### **I.11 De Scandlán, filho de Colmán**

Naquela mesma altura e naquele mesmo lugar, o santo, desejando visitar Scandlán, filho de Colmán, que tinha sido agrilhado pelo rei Áed, foi ter com ele<sup>86</sup>. Ao abençoá-lo, reconfortando-o, disse: “Filho, não deves estar triste, mas antes alegrar-te e reconfortar-te. É que o rei Áed, por quem foste agrilhado, partirá deste mundo antes de ti; e, após algum tempo de exílio, haverás de reinar trinta anos como rei entre o teu povo. Fugirás do reino uma segunda vez, e ficarás no exílio durante alguns dias, após os quais reinarás três breves estações, de novo chamado pelo povo.”

Todas estas coisas cumpriram-se inteiramente, de acordo com o vaticínio do santo. Com efeito, trinta anos depois, expulso do reino, esteve exilado por algum tempo, mas, posteriormente, de novo chamado pelo povo, reinou não durante três anos, como pensava, mas durante três meses, imediatamente após os quais morreu.

---

<sup>86</sup> Scandlán mac Colmáin é, com grande probabilidade, o rei de Osraige cujo óbito é registado no ano de 643. A sua presença junto de Áed como refém parece implicar que o seu pai, então monarca de Osraige, era cliente do rei de Tara e tinha falhado ou recusado cumprir as suas obrigações para com Áed, que tomou o jovem príncipe como garantia, tal como previsto na lei irlandesa. O episódio constitui um relevante argumento para a possibilidade de um rei de Tara exercer poder efectivo sobre monarcas de territórios do Munster, província que, neste período, parece ter escapado à influência dos Uí Néill. Cf. CHARLES-EDWARDS, 2002, pp. 488-89.

**I.12 De duobus aliis regnatoribus qui duo nepotes Muiredachi uocitabantur Baitanus  
filius maic Erce et Echodius filius Domnail beati profetatio uiri**

ALIO in tempore per asperam et saxosam regionem iter faciens quae dicitur Artda muirchol, et suos audiens comites Laisranum utique filium Feradachi et Diormitium ministratorem de duobus supra memoratis regibus in uia sermocinari, haec ad eos uerba depromit: ‘O filioli, quare inaniter de his sic confabulamini? Nam illi ambo reges de quibus nunc sermocinamini nuper ab inimicis decapitati disperierunt. In hac quoque die aliqui de Scotia aduentantes nautae haec eadem uobis de illis indicabunt regibus.’

Quod uenerabilis uiri uaticinium eadem die de Euernia nauigatores, ad locum qui dicitur Muirbolc paradisi peruenientes, supra scriptis eius binis comitibus et in eadem nauicula cum sancto nauigantibus de hisdem interfectis regibus expletum retulerunt.

**I.12 A profecia do bem-aventurado homem a respeito de dois outros reis, que, descendentes de Muiredach, se chamavam Báetán, filho de Mac Erce, e Eochaid, filho de Domnall<sup>87</sup>**

Noutra ocasião, São Columba, caminhando por uma região acidentada e rochosa, chamada Arda Muirchol<sup>88</sup>, ao ouvir os seus companheiros, nomeadamente Laisrén, filho de Feradach<sup>89</sup>, e o seu servidor Díarmait, que conversavam pelo caminho acerca dos dois reis acima mencionados, dirigiu-lhes estas palavras: “Ó meus filhos, porque falais assim em vão sobre eles? É que os dois reis de que falais pereceram há pouco tempo, decapitados pelos inimigos. E, neste dia, marinheiros chegados da Irlanda anunciar-vos-ão estas mesmas coisas sobre esses reis.”

Nesse mesmo dia, navegantes chegados da Irlanda ao lugar chamado *Muirbolc* do Paraíso<sup>90</sup> relataram aos seus dois companheiros acima referidos, que navegaram com o santo na mesma embarcação, que tinha sido cumprida a profecia do homem venerando a respeito daqueles dois reis mortos.

---

<sup>87</sup> Báetán mac Maic Ercae era filho de Muirchertach mac Ercae e irmão de Domnall e Forgas, os reis mencionados em I. 7. O seu sobrinho Eochaid mac Domnaill era, como indica o seu patronímico, filho de Domnall. São aqui nomeados como descendentes de Muiredach, o pai de Muirchertach mac Ercae. Estes dois reis do Cenél nÉogain partilharam o trono de Tara após a morte de Ainmire mac Sétnai, mas foram assassinados três anos depois por Crónán mac Tigernaig, monarca dos Cíannachta do Ulster.

<sup>88</sup> Ardnamurchan, península escocesa acidentada, a norte da ilha de Mull.

<sup>89</sup> Laisrén mac Feradaig, terceiro abade de Iona. Ver “Introdução”, p. 15.

<sup>90</sup> *Muirbolc* significa literalmente “saco de mar”, mas deve ser traduzido por “enseada” ou “baía”. Preservamos o irlandês, pois Adomnán optou por não o traduzir. O topónimo não sobreviveu, pelo que não é possível precisar a localização geográfica desta “Enseada do Paraíso”.

### **I.13 De Oingusio filio Aido Commani sancti profetia uiri**

HIC namque de patria cum aliis duobus fratribus effugatus ad sanctum in Britanniam peregrinantem exsul uenit. Cuique benedicens haec de eo profetizans sancto promit de pectore uerba: ‘Hic iuuenis defunctis eius ceteris fratribus superstes remanens multo est regnaturus in patria tempore, et inimici eius coram ipso cadent, nec tamen ipse umquam in manus tradetur inimicorum; sed morte placida senex inter amicos morietur.’ Quae omnia iuxta sancti uerbum plene sunt adinpleta. Hic est Oingussius cuius cognomentum Bronbachal.

### **I.14 Profetia beati uiri de filio Dermiti regis qui Aidus Slane lingua nominatus est scotica**

ALIO in tempore cum uir beatus in Scotia per aliquot demoraretur dies ad supradictum Aidum ad se uenientem sic profetice locutus ait: ‘Praecauere debes filii ne tibi a deo totius Euerniae regni praerogatiuam monarchiae praedestinata parricidali faciente peccato amittas. Nam si quandoque illud commiseris, non toto patris regno sed eius aliqua parte in gente tua breui frueris tempore.’

Quae uerba sancti sic sunt expleta secundum eius uaticinationem. Nam post Suibneum filium Columbani dolo ab eo interfectum, non plus ut fertur quam iiii. annis et tribus mensibus regni concessa potitus est parte.

### **I.13 A profecia do homem santo a respeito de Óengus, filho de Áedo Commain<sup>91</sup>**

Este homem, tendo fugido da sua pátria com outros dois irmãos, veio como exilado ao encontro do santo que peregrinava na Bretanha<sup>92</sup>. Este abençoou-o e, profetizando a seu respeito, do seu santo coração proferiu estas palavras: “Este jovem, depois de falecidos os seus restantes irmãos, sobrevivendo-lhes, reinará na sua pátria por muito tempo e os seus inimigos cairão perante ele. Ele, porém, nunca será entregue nas mãos dos inimigos, mas morrerá idoso, entre amigos, de uma morte serena.”

Todas estas coisas se cumpriram inteiramente de acordo com a palavra do santo. Este homem é Óengus, cuja alcunha é Bronbachal.

### **I.14 A profecia do homem santo a respeito do filho do rei Díarmait, que em língua irlandesa se chamou Áed Sláine**

Noutra ocasião, o bem-aventurado homem, demorando-se alguns dias na Irlanda, falou profeticamente ao acima mencionado Áed, que viera ao seu encontro, dizendo assim: “Tem cuidado, meu filho, não vás perder a prerrogativa da monarquia de todo o reino da Hibérnia, que te foi predestinada por Deus, ao cometeres o pecado do parricídio. Na verdade, se um dia o cometeres, desfrutarás por pouco tempo entre o teu povo, não de todo o reino do teu pai, mas apenas de uma parte dele.”

Assim se cumpriram estas palavras do santo, segundo o seu vaticínio. Após ter assassinado à traição Suibne, filho de Colmán, segundo dizem, teve na sua posse por apenas quatro anos e três meses a parte do reino que lhe fora concedida.<sup>93</sup>

---

<sup>91</sup> Óengus mac Áedo Commain ou Óengus Bronbachal foi rei do Cenél Coirpri Gabra, uma linhagem pouco importante dos Uí Néill, que detinha um pequeno reino no actual condado de Longford. O seu óbito é registado no ano 649.

<sup>92</sup> A lição correcta é *in Britannia*, transmitida por B, mas também por A. O erro da edição resulta de uma leitura equívoca de um diacrítico inserido por uma mão posterior sobre o *a* de *Britannia*.

<sup>93</sup> Sobre este capítulo ver “Introdução”, p. 7.

### **I.15 De rege Roderco filio Tothail qui in petra Cloithe regnauit beati uiri profetia**

ALIO idem in tempore, ut erat sancti uiri amicus, aliquam ad eum occultam per Lugbeum mocu Min legationem misit, scire uolens si ab inimicis esset trucidandus an non. At uero Lugbeus a sancto interrogatus de eodem rege et regno et populo eius respondens quasi misertus dicit: 'Quid de illo inquiris misero, qui qua hora ab inimicis occidatur nullo modo scire potest?' Sanctus tum deinde profatur: 'Numquam in manus tradetur inimicorum; sed in sua super suam plumatiunculam morietur domu.' Quod sancti de rege Roderco uaticinium plene adimpletum est. Nam iuxta uerbum eius in domu sua morte placida obiit.

### **I.16 De duobus pueris, quorum <unus> iuxta uerbum sancti in fine ebdomadis obiit, profetia sancti**

ALIO in tempore duo quidam plebei ad sanctum in Ioua commorantem insula deueniunt. Quorum unus Meldanus nomine de filio suo qui praesens erat sanctum interrogat, quid ei esset futurum. Cui sanctus sic profatur: 'Nonne sabbati dies hodierna est? Filius tuus sexta feria in fine morietur septimanae; octauaque die, hoc est sabbato, huc sepelietur.'

Alter proinde plebeus nomine Glasdercus et ipse de filio quem ibidem secum habuit nihilominus interrogans talem sancti audit responsionem: 'Filius tuus Ernanus suos uidebit nepotes, et in hac insula senex sepelietur.' Quae omnia secundum uerbum sancti de pueris ambobus suis plene temporibus sunt expleta.

### **I.15 A profecia do bem-aventurado homem a respeito do rei Rhydderch, filho de Tudwal, que reinava no Rochedo de Clóth<sup>94</sup>**

Noutra ocasião, este rei, como era amigo do homem santo, enviou-lhe uma legação secreta na pessoa de Luigbe moccu Min, querendo saber se seria morto ou não pelos inimigos. Mas Luigbe, interrogado pelo santo acerca deste mesmo rei, do seu reino e do seu povo, respondeu, como que apiedado, dizendo: “Porque me perguntas acerca daquele pobre homem, que não tem como saber em que momento será morto pelos seus inimigos?”. Então o santo retorquiu: “Ele nunca será entregue nas mãos dos inimigo, mas morrerá na sua casa, sobre a sua almofada.”

Este vaticínio do santo a respeito do rei Rhydderch cumpriu-se inteiramente. De acordo com a sua palavra, o rei faleceu de uma morte serena, em sua casa.

### **I.16 A profecia do santo a respeito de dois rapazes, dos quais um morreu no fim da semana, de acordo com palavra do santo**

Noutra ocasião, em que o santo se encontrava na ilha de Iona, vieram até ele dois plebeus. Um deles, chamado Meldán, perguntou ao santo o que aconteceria ao seu filho, que estava presente. O santo falou-lhe assim: “Hoje é Sábado, não é? O teu filho morrerá na sexta-feira, no fim da semana. No oitavo dia, isto é, num Sábado, será aqui sepultado.”

Então, o outro plebeu, chamado Glasderc, fazendo também ele exactamente a mesma pergunta acerca do seu filho, que tinha ali consigo, ouviu a seguinte resposta do santo: “O teu filho Ernán verá os seus netos e será sepultado idoso nesta ilha.”

Todas estas coisas se cumpriram inteiramente a seu tempo, segundo a palavra do santo a respeito de ambos os rapazes.

---

<sup>94</sup> Rhydderch ap Tudwal foi monarca de um reino bretão centrado em Dumbarton, no actual Dunbartonshire, Escócia. O topónimo *petra Cloithe* corresponde ao Rochedo de Clyde, melhor conhecido por Rochedo de Dumbarton.

**I.17 De Colcio, Aido Draigniche filio, a nepotibus Fechureg orto, et de quodam occulto matris eius peccato, profetia sancti**

ALIO in tempore supramemoratum Colgium, apud se in Ioua commorantem insula, sanctus de sua interrogat genitrice, si esset religiosa an non. Cui ipse inquit ait: ‘Bene moratam et bonae famae meam noui matrem.’ Sanctus tum sic profetice profatur: ‘Mox deo uolente ad Scotiam profectus, matrem diligentius de quodam suo pergrandi peccato interroga occulto, quod nulli hominum confiteri uult.’ Qui haec audiens obsequutus ad Eberniam emigravit. Proinde mater ab eo studiose interrogata, quamlibet primule infitians, tamen suum confessa est peccatum; et iuxta sancti iudicationem penitudinem agens sanata de se quod sancto manifestatum est ualde mirata est.

Colgius uero ad sanctum reuersus per aliquot dies apud eum commoratus, de fine sui interrogans temporis, hoc a sancto audit responsum: ‘In tua quam amas patria primarius alicuius ecclesiae per multos eris annos. Et si forte aliquando tuum uideris pincernam in cena amicorum ludentem, auritoriumque in giro per collum torquentem, scito te mox in breui moriturum.’ Quid plura? Haec eadem beati uiri profetatio sic per omnia est adimpleta, quemadmodum de Colgio eodem est profetata.

### **I.17 A profecia do santo a respeito de Colgu, filho de Áed Draigniche<sup>95</sup>, nascido dos descendentes de Fíachrae<sup>96</sup>, e de um pecado secreto da sua mãe.**

Noutra ocasião, o santo perguntou a Colgu, acima mencionado e que vivia com ele na ilha de Iona, se a sua mãe era ou não religiosa. Ele, respondendo-lhe, disse: “Sei que a minha mãe é uma mulher de boa índole e com boa reputação.” Então o santo pronunciou-se assim profeticamente: “Parte dentro de pouco tempo para a Irlanda, com a vontade de Deus, e interroga com insistência a tua mãe acerca de um gravíssimo pecado que ela ocultou e que não deseja confessar a nenhum homem.” Ao ouvir isto, Colgu obedeceu e pôs-se a caminho da Hibernia. Assim, a sua mãe, tendo sido interrogada por ele, ainda que negando de início, acabou por confessar o seu pecado. Penitenciando-se de acordo com o juízo do santo, foi curada e muito se admirou com o que por ele havia sido revelado a seu respeito.

Colgu, por sua vez, regressando para junto do santo e permanecendo alguns dias com ele, ao interrogá-lo acerca do fim dos seus dias, dele ouviu a seguinte resposta: “Serás, por muitos anos, o superior de uma igreja na tua pátria amada. E se acaso um dia vires o teu criado de mesa a divertir-se num banquete de amigos, girando o jarro<sup>97</sup> em torno do pescoço, fica a saber que morrerás muito em breve.”

Porquê dizer mais? Esta profecia do bem-aventurado homem cumpriu-se ao pormenor, tal como foi profetizada a respeito de Colgu.

---

<sup>95</sup> Colgu mac Áedo Draigniche.

<sup>96</sup> Por Uí Fíachrach conhecem-se várias linhagens distintas, associadas sobretudo a territórios dos Connachta, mas também aos Airgíalla do Ulster. Não é possível precisar a qual delas pertenceu Colgu.

<sup>97</sup> O substantivo *hauritorium* aplica-se a um qualquer recipiente destinado a retirar água, vinho ou outro líquido, não assumindo necessariamente a forma de jarro. Cf. ThLL, s. v. *hauritorium*.

### **I.18 De Laisrano hortulano homine sancto**

VIR beatus quendam de suis monacum nomine Trenanum gente mocu Runtir legatum ad Scotiam exire quadam praecipit die. Qui hominis ei obsequus iusioni nauigationem parat festinus; unumque sibi deesse nauigatorem coram sancto queritur. Sanctus haec consequenter eidem respondens sacro promit de pectore uerba, dicens: ‘Nauta(m) quem tibi non adhuc suppetisse dicis nunc inuenire non possum. Vade in pace. Vsque quo ad Eberniam peruenias prosperos et secundos habebis flatus. Quendamque obuium uidebis hominem eminus occurrurum, qui primus prae ceteris nauis proram tuae tenebit in Scotia. Hic erit comes tui itineris per aliquot in Ebernia dies. Teque inde reuertentem ad nos usque comitabitur uir a deo electus; qui in hoc meo monasterio per omne reliquum tempus bene conuersabitur.’

Quid plura? Trenanus accipiens a sancto benedictionem plenis uelis per omnia transmeauit maria. Et ecce appropinquanti ad portum nauiculae Laisranus mocu Moie citior ceteris occurrit, tenetque proram. Nautae recognoscunt ipsum esse de quo sanctus praedixerat.

### **I.18 Sobre o jardineiro Laisrén, um homem santo**

Certo dia, o bem-aventurado homem ordenou a um dos seus monges, Trénán, da família dos moccu Runtir<sup>98</sup>, que fosse à Irlanda na qualidade de emissário. Este, obedecendo à ordem do homem de Deus, preparou logo a navegação e queixou-se ao santo da falta de um marinheiro. Então o santo, em resposta, proferiu do seu santo coração estas palavras: “Neste momento não posso encontrar o marinheiro que dizes ainda não se ter apresentado ao teu serviço. Vai em paz. Até chegares à Hibérnia, terás ventos prósperos e favoráveis. Verás um homem que aparecerá ao longe indo ao teu encontro, e será esse que, na Irlanda, segurará a proa da tua embarcação primeiro que os restantes. Este será o teu companheiro de viagem na Hibérnia, durante alguns dias, e, homem eleito por Deus, acompanhar-te-á até nós quando de lá regressares. Ele levará uma vida boa neste meu mosteiro, durante todo o tempo que lhe resta.”

Porquê dizer mais? Trénán, recebendo a bênção do santo, atravessou todos os mares de vento em poupa. E eis que Laisrén moccu Moie<sup>99</sup> correu mais depressa que os restantes à pequena embarcação que se aproximava do porto e segurou na proa. Os marinheiros reconheceram ser aquele o homem a respeito de quem o santo profetizara.

---

<sup>98</sup> A identidade de Trénán moccu Runtir é incerta. A sua família, os moccu Runtir, parecem corresponder aos Dál Ruintir, um povo do condado de Louth, na fronteira do Leinster com o Ulster.

<sup>99</sup> Sobre os moccu Moie, ver I. 2, n. 53. Esta é a única referência conhecida a Laisrén moccu Moie.

### **I.19 De ceto magno quomodo sanctus praesciens dixerat**

QVADAM die, cum uir uenerabilis in Ioua demoraretur insula, quidam frater Berachus nomine ad Ethicam proponens insulam nauigare ad sanctum mane accedens ab eo benedici postulat. Quem sanctus intuitus inquit: ‘O filii, hodie intentius praecaueto ne Ethicam cursu ad terram directo per latius coneris transmeare pilagus, sed potius circumiens minores secus nauiges insulas, ne uidelicet aliquo monstruoso perterritus prodigio uix inde possis euadere.’ Qui a sancto accepta benedictione secessit; et nauim conscendens sancti uerbum quasi paruipendens transgreditur. Maiora proinde Aethici transmeans spatia pilagi, ipse et qui ibi inerant nautae uident; et ecce cetus mirae et immensae magnitudinis, se instar montis eregens, ora aperit patula nimis dentosa supernatans. Tum proinde remiges deposito uelo ualde perterriti retro reuersi illam abortam ex beluino motu fluctuationem uix euadere potuerunt. Sanctique uerbum recognoscentes profeticum ammirabantur.

Eadem quoque die sanctus Baitheneo ad supra memoratam insulam nauigaturo mane de eodem intimauit ceto, inquit: ‘Hac praeterita nocte media cetus magnus de profundo maris se subleuauit, et inter Iouam et Ethicam insulam se hodie in superficiem ereget equoris.’ Cui Baitheneus respondens inquit: ‘Ego et illa bilua sub Dei potestate sumus.’ Sanctus ‘Vade’ ait ‘in pace. Fides tua in Christo te ab hoc defendet periculo.’ Baitheneus tum deinde a sancto benedictione accepta a portu enauigat, transcursisque non paruis ponti spatiis ipse et socii cetum aspiciunt; perterritisque omnibus, ipse solus equor et cetum ambis manibus eleuatis, benedicit intrepidus. Eodemque momento bilua magna se sub fluctus inmergens nusquam deinceps eis apparuit.

### **I.19. Como o santo falou com presciência acerca de uma grande baleia**

Certo dia, estava o homem venerável na ilha de Iona, quando um irmão chamado Berach, pretendendo navegar até à ilha de Eth, foi ter com o santo de manhã e pediu-lhe que o abençoasse. Olhando-o, o santo disse: “Filho, hoje evita a todo o custo tentar atravessar para a terra de Eth pela rota directa através do mar alto<sup>100</sup>. Para que não venha a acontecer que mal consigas de lá escapar, aterrorizado por um monstro prodigioso, navega antes por outra rota, contornando as ilhas menores.”

Depois de receber a bênção do santo, Berach afastou-se e, subindo a bordo da embarcação, transgrediu o conselho dele, como se lhe desse pouca importância. E eis que, quando estavam a atravessar a grande extensão do mar de Eth, ele e os marinheiros que o acompanhavam a viram: uma baleia de grande e admirável tamanho, erguendo-se à semelhança de uma montanha, nadava à superfície com as mandíbulas escancaradas e repletas de dentes. Então, os remadores, depois de recolherem a vela, voltaram para trás deveras aterrorizados e conseguiram escapar por pouco à agitação gerada<sup>101</sup> pelo movimento do monstro. E recordando-se da palavra profética do santo, ficaram maravilhados.

Naquele mesmo dia, o santo informou sobre esta baleia Baithéne, ele que pretendia navegar de manhã até à ilha acima mencionada, dizendo-lhe: “A meio desta noite que passou, uma grande baleia emergiu das profundezas e hoje ergueu-se à superfície do mar entre Iona e a ilha de Eth.” E Baithéne respondeu-lhe: “Eu e aquele monstro estamos sob o poder de Deus.” Ao que o santo retorquiu: “Vai em paz. A tua fé em Cristo proteger-te-á deste perigo.” Então, Baithéne, depois de receber a bênção do santo, embarcou e partiu do porto. Percorrida uma grande extensão do oceano, ele e os seus companheiros avistaram a baleia. Enquanto todos ficaram aterrorizados, apenas ele, destemido, com ambas as mãos erguidas, abençoou o mar e a baleia. Nesse preciso instante, o grande monstro mergulhou

---

<sup>100</sup> A ilha de Tiree, tal como Iona parte das Hébridas Interiores, fica imediatamente a noroeste da ilha de São Columba. Esta ilha acolheu vários mosteiros, não só columbanos. Entre estes últimos, o mais importante parece ter sido Mag Luinge, referido em I. 30. A rota alternativa aconselhada pelo santo deveria corresponder a uma navegação em direcção a norte, passando pelas pequenas ilhas Treshnish.

<sup>101</sup> Os manuscritos B corrigem *aborta* para *oborta*, que será certamente a lição correcta. Anderson & Anderson mantêm o erro de A, mas a tradução reflecte a lição de B.

**I.20 De quodam Baitano, qui cum ceteris desertum marinum appetens enauigauerat,  
sancti profetia uiri**

ALIO in tempore quidam Baitanus, gente nepos niath Taloirc, benedici a sancto petiuit, cum ceteris in mari herimum quaesiturus. Cui ualedicens sanctus hoc de ipso profeticum protulit uerbum: ‘Hic homo, qui ad quaerendum in ociano desertum pergit, non in deserto conditus iacebit, sed illo in loco sepelietur ubi oues femina trans sepulchrum eius minabit.’

Idem itaque Baitanus post longos per uentosa circuitus equora herimo non reperta ad patriam reuersus multis ibidem annis cuiusdam cellulae dominus permansit quae scotice Lathreg inden dicitur. Hisdemque diebus accedit quibus post aliqua mortuus tempora sepultus est in roboreto Calcagi, ut propter hostilitatis incursum uicina ad eiusdem loci ecclesiam plebicula cum mulieribus et paruulis confugeret. Vnde contigit ut quadam die mulier depraehenderetur aliqua quae suas per eiusdem uiri sepulchrum nuper sepulti ouiculas minabat. Et unus ex his qui uiderant sanctus sacerdos dixit: ‘Nunc profetia sancti Columbae expleta est multis prius deuulgata annis.’ Qui utique supra memoratus prespiter mihi haec de Baitano enarrans retulit, Mailodranus nomine, Christi miles, gente mocu (Cu)rin.

sob as ondas e não lhes voltou a aparecer.

## **I.20 A profecia do homem santo a respeito de um certo Báetán, que embarcou com outros em busca de um lugar deserto no mar**

Noutra ocasião, um certo Báetán, descendente de Nia Taloiric<sup>101</sup>, preparando-se para partir, na companhia de outros, em busca de um ermo no mar, pediu a bênção ao santo. Ao despedir-se dele, o santo proferiu as seguintes palavras proféticas a seu respeito: “Este homem, que parte em busca de um lugar deserto no oceano, não jazerá enterrado num sítio deserto, mas será sepultado naquele lugar onde uma mulher conduzirá ovelhas por cima do seu sepulcro.

O mesmo Báetán, depois de muito vagar por mares fustigados pelo vento sem encontrar um ermo, regressou à pátria e ali permaneceu muitos anos como senhor de uma pequena igreja, que em irlandês se chama *Láithrech Finden*<sup>102</sup>. Algum tempo depois, morreu e foi sepultado no Carvalhal de Calcach<sup>103</sup>. E nessa altura aconteceu que, por causa de um ataque inimigo, a população vizinha fugiu com mulheres e crianças para a igreja daquele lugar. Daí ter sucedido um dia que uma mulher foi surpreendida a conduzir as suas ovelhas por cima da sepultura recente deste homem. Um dos que a viram, um santo sacerdote, disse: “A profecia de São Columba, anunciada há muitos anos atrás, cumpriu-se agora.”

Foi este presbítero de que acima falei, um soldado de Cristo chamado Máel Odrain, dos moccu Cuirin<sup>104</sup>, quem me contou estas coisas acerca de Báetán.

---

<sup>101</sup> Nada se sabe de Báetán Ua Nia Taloiric, nem da sua filiação, Ua Nia Taloiric, que se traduz por “descendente do campeão de Talorc”. Sharpe observa que Talorc não é um nome irlandês, mas antes picto, o que poderá significar que este Báetán pertencia a uma família resultante de casamentos entre pictos e irlandeses dos Dál Riata. SHARPE, 1995, p. 280.

<sup>102</sup> Topónimo desconhecido. Parece significar “o lugar de Fintan”. A forma *inden*, dada por Adomnán, corresponderá a *Finden*, com lenição da consoante f, que se torna muda, frente ao nominativo do substantivo, neste caso feminino, *láthrach*. Cf. DIL, s. v. *láthrach*.

<sup>103</sup> Derry. Ver I. 2, n. 51.

<sup>104</sup> Nada mais se sabe de Máel Odrain e do seu povo, os moccu Cuirin.

### **I.21 De Nemanio quodam ficto penitente sancti profetatio uiri**

ALIO in tempore sanctus ad Hinbinam insulam peruenit; eademque die ut etiam penitentibus aliqua praecipit cibi consulatio indulgeretur. Erat autem ibi inter penitentes quidam Nemanus filius Cathir qui a sancto iusus rennuit oblatam accipere consultiunculam. Quem sanctus his compellat uerbis: ‘O Nemanie, a me et Baitheneo indultam non recipis aliquam refectionis indulgentiam. Erit tempus quo cum furacibus furtiua carnem in silua manducabis equae.’ Hic idem itaque postea ad seculum reuersus in saltu cum furibus talem comedens carnem iuxta uerbum sancti de graticula sumtam lignea inuentus est.

## I.21 A profecia do homem santo a respeito de Neman, um falso penitente

Noutra ocasião, o santo chegou à ilha de Hinba<sup>105</sup> e, nesse mesmo dia, ordenou que se aliviassem um pouco as restrições na alimentação, até mesmo para os penitentes. Ora encontrava-se naquele lugar, entre os penitentes, um certo Neman, filho de Cathir<sup>106</sup>, que recusou aceitar o pequeno alívio que lhe era oferecido por ordem do santo. Mas ele abordou-o com estas palavras: “Ó Neman, não aceitas a indulgência que te é concedida na refeição por mim e Baithéne<sup>107</sup>. Chegará o momento em que tu, num bosque, comerás na companhia de ladrões a carne de uma égua roubada.” Neman, mais tarde, regressou ao mundo e foi encontrado num bosque, com ladrões, a comer carne tirada de uma grelha de madeira e que era daquela de que o santo falara.

---

<sup>105</sup> O topónimo Hinba não sobreviveu, o que torna impossível a identificação desta ilha que albergava aquela que seria, depois de Iona, a mais importante fundação de São Columba nas Hébrida Interiores. Baseando-se na informação contida na *Vita*, Sharpe sugere um intervalo entre 563, ano da chegada de Columba a território escocês, e 574, ano da ordenação de Áedán mac Gabráin, para a fundação deste mosteiro. SHARPE, 1995, p. 307.

<sup>106</sup> Neman mac Cathir.

<sup>107</sup> Sobre Baithéne como *praepositus* em Hinba, ver “Introdução”, p. 18.

## I.22 De infelici quodam qui cum sua dormiuit genitrice

ALIO in tempore fratres intempesta nocte suscitatur sanctus; ad quos in ecclesia congregatos dicit: 'Nunc dominum intentius precemur. Nam hac in hora aliquod inauditum in mundo peccatum perpetratum est, pro quo ualde timenda iudicialis est uindicta.' De quo peccato crastino die aliquibus paucis percunctantibus intimauit, inquit: 'Post paucos menses cum Lugaido nesciente infelix ille homuncio ad Iouam perueniet insulam.'

Alia itaque die sanctus ad Diormitium, interiectis quibusdam mensibus praecipiens profatur: 'Surge citius. Ecce Lugaidus appropinquat, dicque ei ut miserum quem secum in nauis habet in Maleam propellat insulam, ne huius insulae cuspitem calcet.' Qui praecepto sancti obsequutus ad mare pergit, Lugaidoque aduentanti omnia sancti prosequitur de infelici uiro uerba. Quibus auditis ille infelix iurauit numquam se cibum cum aliis accepturum nisi prius sanctum uideret Columbam eumque alloqueretur. Quae infelicis uerba Diormitius ad sanctum reuersus retulit. Quibus conpertis Sanctus ad portum perrexit. Baitheneoque prolatis sacrae scripturae testimoniis suggerenti ut miseri penitudo susciperetur sanctus consequenter inquit: 'O Baithenee, hic homo fratricidium in modum perpetravit Cain, et cum sua matre mechatus est.' Tum deinde miser in litore flexis genibus leges penitentiae expleturum se promisit, iuxta sancti iudicationem. Cui sanctus ait: 'Si xii. annis inter Brittones cum fletu et lacrimis penitentiam egeris, nec ad Scotiam usque ad mortem reuersus fueris, forsitan deus peccato ignoscat tuo.' Haec dicens sanctus ad suos conuersus dicit: 'Hic homo filius est perditionis, qui quam promisit penitentiam non explebit sed mox ad Scotiam reuertetur, ibique in breui ab inimicis interficiendus peribit.' Quae omnia secundum sancti profetiam ita contigerunt. Nam miser iisdem diebus ad Eberniam reuersus in regione quae uocatur Lea in manus incedens inimicorum trucidatus est. Hic de Nepotibus Turtrei erat.

## I.22 Sobre um infeliz que dormiu com a sua mãe

Noutra ocasião, o santo acordou os irmãos a meio da noite. Quando já se encontravam reunidos na igreja, disse-lhes: “Oremos agora ao Senhor com grande devoção. É que neste momento foi cometido no mundo um pecado inaudito, para o qual a pena prescrita<sup>108</sup> deve ser deveras temível.” No dia seguinte, respondendo a alguns irmãos que o interrogaram acerca deste pecado, anunciou-lhes: “Daqui a poucos meses, aquele pobre infeliz chegará a Iona na companhia de Lugaid, que não sabe o que aconteceu.”

Um dia, passados poucos meses, o santo deu a seguinte ordem a Díarmait: “Levanta-te depressa! Eis que Lugaid se aproxima. Diz-lhe que leve para a ilha de Male<sup>109</sup> aquele miserável que tem consigo no barco, para que ele não pise o solo desta ilha.” Então Lugaid, obedecendo à ordem do Santo, dirigiu-se ao mar e, quando Lugaid chegou, transmitiu-lhe todas as palavras do santo a respeito do homem infeliz. Quando as ouviu, aquele infeliz jurou que nunca aceitaria comer na companhia de outros a não ser que visse primeiro São Columba e falasse com ele. Díarmait regressou e relatou ao santo o que o infeliz dissera. Ao tomar conhecimento disto, o santo dirigiu-se ao porto. Quando Baíthéne, apresentando testemunhos da Sagrada Escritura, sugeriu que fosse recebida a penitência do miserável, o santo retorquiu: “Ó Baíthéne, este homem cometeu fratricídio como Caim e praticou um acto incestuoso com a própria mãe.” Nisto, o miserável ajoelhou-se na costa e prometeu que cumpriria as leis da penitência, de acordo com o juízo do santo. O santo disse-lhe: “Se, com choro e lágrimas, praticares penitência durante doze anos entre os Bretões, e se não regressares à Irlanda até morreres, talvez Deus perdoe o teu pecado.” Falando assim, o santo virou-se para os seus e disse: “Este homem é um filho de perdição: ele não cumprirá a penitência que prometeu, mas regressará passado pouco tempo à Irlanda e ali em breve perecerá morto por inimigos.”

Todas estas coisas aconteceram assim, segundo a profecia do Santo: o miserável, tendo regressado à Irlanda naqueles dias, caiu nas mãos dos inimigos, na região a que

---

<sup>108</sup> Pelos cânones dos penitenciais. Ver “Introdução”, p. 10.

<sup>109</sup> A ilha de Mull, a segunda maior das Hébridas Interiores. Iona situa-se junto à extremidade sudoeste desta ilha, distando dela pouco menos de dois quilómetros.

### **I.23 De I uocali litera**

QVADAM die Baitheneus ad sanctum accedens ait: ‘Necesse habeo ut aliquis de fratribus mecum psalterium quod scripsi percurrens emendet.’ Quo audito sanctus sic profatur: ‘Cur hanc super nos infers sine causa molestiam? Nam in tuo hoc de quo dicis psalterio nec una superflua repperietur litera nec alia deesse excepta I uocali quae sola deest.’ Et sic toto perfecto psalterio sicuti sanctus praedixerat repertum exploratum est.

### **I.24 De libro in aquarium uas sanctus sicuti praedixerat cadente**

QVADAM itidem die ad focum in monasterio sedens uidet Lugbeum gente mocu Min minus librum legentem. Cui repente ait: ‘Praecaue filii, praecaue. Estimo enim quod quem lectitas liber in aquae plenum sit cassurus uasculum.’ Quod mox ita contigit. Nam ille supra memoratus iuuenis post aliquod breue interuallum ad aliquam consurgens in monasterio ministrationem uerbi oblitus beati uiri, libellus quem sub ascella neglegentius inclusit subito in ydriam aqua repletam cecidit.

chamam Lé<sup>110</sup>, e foi assassinado. Ele pertencia aos descendentes de Turtre<sup>111</sup>.

### **I.23 Sobre a vogal I**

Certo dia, Baithéne foi ter com o santo e disse: “Preciso que um dos irmãos reveja comigo um Livro de Salmos que copiei e o emende.” Ao ouvir isto, o santo falou assim: “Porque nos infliges esse aborrecimento sem necessidade? A verdade é que, nesse teu Livro de Salmos de que falas, não há nenhuma letra a mais, nem a menos, à exceção de um I que é a única que está em falta.”

E assim, depois de lido todo o Livro de Salmos, confirmou-se aquilo que o santo predissera.

### **I. 24 Sobre um livro que caiu num jarro de água, tal como o santo predissera.**

Do mesmo modo, certo dia, estando no mosteiro sentado à lareira, viu Luigbe moccu Mín que, afastado, lia um livro. Disse-lhe então de repente: “Tem cuidado, filho, tem cuidado. Julgo que esse livro que estás a ler atentamente cairá num jarro cheio de água.” E assim aconteceu: quando o jovem acima mencionado se levantou pouco depois para executar uma qualquer tarefa no mosteiro, esquecendo-se das palavras do bem-aventurado homem, o livro, que ele negligentemente tinha posto debaixo do braço, caiu de súbito num jarro cheio de água.

---

<sup>110</sup> Lee, o reino dos Fir Lí, a norte do lago Neagh, no Ulster.

<sup>111</sup> Os Uí Thuirtri ocupavam territórios a oeste do lago Neagh. Tal como os Fir Lí, pertenciam ao conjunto de povos conhecidos por Airgialla.

### **I.25 De corniculo atramenti inaniter defusso**

ALIA inter haec die ultra fretum Iouae insulae clamatum est. Quem sanctus sedens in tegoriolo tabulis subfulto audiens clamorem dicit: ‘Homo qui ultra clamat fretum non est subtilis sensus; nam hodie mei corniculum atramenti inclinans effundet.’ Quod uerbum eius ministrator Diormitius audiens paulisper ante ianuam stans grauem expectabat superuenturum hospitem, ut corniculum defenderet. Sed alia mox faciente causa inde recessit; et post eius recessum hospes molestus superuenit, sanctumque osculandum appetens ora uestimenti inclinatum effudit atramenti corniculum.

### **I.26 De alicuius aduentu hospitis quem sanctus praenuntiauit**

ALIO itidem tempore sanctus die iii. feriae fratribus sic profatus est: ‘Crastina quarta feria ieiunare proponimus, sed tamen superueniente quodam molesto hospite consuetudinarium soluetur ieiunium.’ Quod ita ut sancto praeostensum est accedit. Nam mane eadem iiii. feria alius ultra fretum clamitabat proselytus Aidanus nomine, filius Fergnoi; qui ut fertur xii. annis Brendeno ministrauit mocu Alti: uir ualde relegiosus, qui ut aduenit eiusdem diei iuxta uerbum sancti ieiunationem soluit.

## **I.25 Sobre um pequeno tinteiro de chifre derramado por descuido**

Naquele tempo, certo dia ouviu-se um grito do outro lado do estreito da ilha de Iona<sup>112</sup>. O santo, que estava sentado numa cabana sustentada por tábuas<sup>113</sup>, ouviu o grito e disse: “Aquele que está a gritar do outro lado do estreito é um homem desastrado, pois hoje entornará o meu pequeno tinteiro de chifre.” O seu servidor Díarmait, ao ouvir estas palavras, a fim de resguardar o tinteiro, esperou durante algum tempo, de pé frente à porta, que o visitante importuno chegasse. Mas, pouco depois, retirou-se por ter outros afazeres. Depois de se ter retirado, o visitante inconveniente chegou e, aproximando-se do santo para o beijar, entornou o tinteiro de chifre com a borda das suas vestes.

## **I.26 Da chegada de um hóspede, que o santo predisse**

De modo semelhante, numa outra ocasião, numa terça-feira, o santo disse aos irmãos: “Amanhã, na quarta-feira, propomo-nos jejuar. No entanto, o nosso jejum habitual será aliviado, uma vez que chegará um hóspede inconveniente.”

Aquilo que o santo prenunciara assim aconteceu. Naquela quarta-feira de manhã, um outro visitante gritava no lado oposto do estreito: era um homem muito religioso,

---

<sup>112</sup> O estreito entre Iona e a ilha de Mull. Seguem-se dois capítulos em que a situação de alguém que grita a partir da ilha Mull se repete, e o mesmo acontece em I. 32 e I. 42. Estes episódios parecem dar a entender que haveria um barco disponível em Iona para transportar os visitantes que assim anunciavam a sua presença no lado oposto do estreito.

<sup>113</sup> A interpretação desta descrição é dúbia. Em *De Locis Sanctis*, II. 30, 28, Adomnán faz uma descrição semelhante de habitações sustentadas em traves e erguidas sobre as águas do Nilo - *in domibus transuersis trabibus suffultis aquas supra*. No capítulo III. 22 da *Vita*, o autor diz-nos que este *tegoriolum* era construído num local elevado, *in eminentiore loco fabricatum*, mas, como Sharpe observa, o autor refere-se provavelmente a uma elevação natural. Alternativamente, podemos entender uma cabana assente num chão de madeira, sendo verosímil que Adomnán pretendesse, com esta descrição, distinguir este *tegoriolum* com função de *scriptorium*, do *hospitiolum* onde o santo passava as noites, cujo chão era a rocha nua (III. 23). Cf. SHARPE, 1995, pp. 285-86.

### **I.27 De aliquo miserabili uiro qui ultra supradictum clamitabat fretum**

QVADAM quoque die, quendam ultra fretum audiens clamitantem sanctus hoc profatur modo: ‘Valde miserandus est ille clamitans homo, qui aliqua ad carnalia medicamenta petiturus pertentia ad nos uenit. Cui oportunius erat ueram de peccatis hodie penitudinem gerere, nam in huius fine ebdomadis morietur.’ Quod uerbum qui inerant praesentes aduenienti misero intimauere, sed ille paruipendens acceptis quae poposcerat citius recessit; et secundum sancti profeticum uerbum ante finem eiusdem septimanae mortuus est.

### **I.28 De romani iuris ciuitate igni sulfureo celitus prolapso combusta sancti uiri profetia**

ALIO itidem in tempore Lugbeus gente moccu Min, cuius supra mentionem fecimus, quadam ad sanctum die post frugum ueniens triturationem nullo modo eius faciem intueri potuit miro superfussam rubore; ualdeque pertimescens cito aufugit. Quem sanctus conplosis paulum manibus reuocat. Qui reuersus a sancto statim interrogatus cur ocus aufugisset, hoc dedit responsum: ‘Ideo fugi quia nimis pertimui.’ Et post aliquod modicum interuallum fiducialius agens audet sanctum interrogare, inquiring: ‘Num quid hac in hora tibi aliqua formidabilis ostensa uisio est?’ Cui sanctus talem dedit responsonem: ‘Tam terrifica ultio nunc in remota orbis parte peracta est.’ ‘Qualis,’ ait iuuenis, ‘uindicta, et in qua regione facta?’ Sanctus tum sic profatur: ‘Sulfurea de caelo flamma super romani iuris ciuitatem intra Italiae terminos sitam hac hora effusa est, triaque ferme milia uirorum excepto matrum puerorumque numero disperierunt.’ Et antequam praesens finiat annus gallici nautae de Galliarum prouinciis aduentantes haec eadem tibi enarrabunt.

chamado Áedán, filho de Fergnae<sup>114</sup>, que, segundo dizem, serviu durante doze anos Brendan moccu Altae<sup>115</sup>. Quando chegou, aliviou o jejum daquele dia, de acordo com as palavras do santo.

### **I.27 Sobre um pobre homem que gritava do outro lado do estreito já referido**

Certo dia, o santo, ouvindo alguém gritar do outro lado do estreito, pronunciou-se nos seguintes termos: “Devemos lastimar deveras aquele homem que está a gritar. Ele vem ter connosco para pedir medicamentos destinados a males físicos, mas hoje convinha-lhe mais penitenciar-se com convicção pelos seus pecados, pois morrerá no final da semana.”

Os que estavam presentes, quando o infeliz chegou, deram-lhe a conhecer estas palavras. Mas ele fez pouco caso delas e partiu assim que recebeu o que pedira. E, segundo a profecia do santo, morreu antes do final daquela semana.

### **I.28 A profecia do homem santo sobre uma cidade de jurisdição romana que foi consumida por fogo sulfúreo caído do céu**

Noutra ocasião, Luigbe moccu Min, de quem já fizemos menção, quando certo dia foi ter com o santo depois da debilidade do cereal, não foi de modo algum capaz de olhar para o seu rosto inundado por um admirável rubor e, muito assustado, fugiu apressadamente. O santo chamou-o com um breve bater de mãos. Luigbe voltou imediatamente para trás e o santo perguntou-lhe porque havia fugido com tanta pressa. Ele deu-lhe a seguinte resposta: “Fugi porque tive muito medo.” E pouco tempo depois, sentindo-se mais confiante, ousou interrogar o santo nestes termos: “Acaso te foi revelada naquele momento alguma

---

<sup>114</sup> Desconhece-se a identidade deste Áedán mac Fergnai.

<sup>115</sup> São Brandão de Clonfert, o protagonista da *Nauigatio S. Brendani*, originário do actual condado de Kerry, na extremidade sudoeste da Irlanda. Clonfert, a sua principal fundação, situava-se no Connacht, no actual condado de Galway, onde era vizinha do mosteiro de Clonmacnoise. Celebrado a 16 de Maio, nos Anais do Ulster ocorrem duas entradas para o seu óbito, em 577 e 583.

Quae uerba post aliquot menses ueridica fuisse sunt conprobata. Nam idem Lugbeus simul cum sancto uiro ad caput regionis pergens, nauclerum et nautas aduentantis barcae interrogans, sic omnia illa de ciuitate cum ciuibus ab eis audit enarrata quemadmodum a praedicabili uiro sunt praedicta.

### **I.29 De Laisrano filio Feradachi beati uisio uiri**

QVADAM brumali et ualde frigida die sanctus magno molestatus merore fleuit. Quem suus ministrator Diormitius de causa interrogans mestitiae hoc ab eo responsum accipit: ‘Non inmerito ‘O filiule ego hac in hora contristor, meos uidens monacos quos Laisranus nunc graui fatigatos labore in alicuius maioris domus fabrica molestat. Quae mihi ualde displicet.’ Mirum dictu, eodem momento horae Laisranus habitans in monasterio roboreti campi quodam modo coactus, et quasi quadam pira intrinsecus succensus, iubet monacos a labore cessare, aliquamque cibationum consulationem praeparari; et non solum in eadem die otari, sed et in ceteris asperae tempestatis diebus requiescere. Quae uerba ad fratres consulatoria a Laisrano dicta sanctus in spiritu audiens flere cessauit, et mirabiliter gauisus ipse in Ioua insula commanens fratribus qui ad praesens inerant per omnia enarrauit; et Laisranum monacorum benedixit consulatorem.

formidável visão?” Ao que o santo lhe respondeu: “Um terrível castigo foi agora levado a cabo numa parte remota do mundo.” E o jovem perguntou: “Que castigo foi esse e em que região foi levado a cabo?” Então o santo pronunciou-se assim: “Uma chama sulfúrea caiu, naquele momento, sobre uma cidade de jurisdição romana, situada dentro das fronteiras de Itália<sup>116</sup>. Pereceram perto de três mil homens, sem contar com o número de mulheres e crianças. E antes que este ano finde, navegantes gauleses, que chegarão das províncias da Gália, narrar-te-ão estes mesmos acontecimentos.”

Passados alguns meses, comprovou-se que estas palavras tinham sido verdadeiras. Este mesmo Luigbe acompanhou o santo à capital da região<sup>117</sup> e aí interrogou o mestre e os marinheiros dum barco que acabara de chegar. Deles ouviu serem narradas todas aquelas coisas acerca da cidade e dos seus habitantes, tal como tinham sido preditas pelo homem digno de louvor.

### **I.29 A visão do bem-aventurado homem a respeito de Laisrén, filho de Feradach<sup>118</sup>**

Num dia invernos e gélido, o santo chorou, afligido por uma grande tristeza. O seu servidor Díarmait perguntou-lhe qual o motivo da sua tristeza e obteve dele a seguinte resposta: “Ó filho, não é sem razão que eu neste momento me encontro contristado, ao ver os meus monges cansados com o trabalho pesado com que Laisrén os está a molestar na construção de um grande edifício. Muito me desagrada isto.”

---

<sup>116</sup> O Martirológio de Notker de São Gall, do século IX, diz-nos que esta cidade, destruída por um terramoto, se passou a chamar *Noua*. Sharpe defende que Notker, desconhecendo a localização desta cidade, se terá limitado a projectar na sua interpretação do texto de Adomnán o seu conhecimento das erupções do Vesúvio e da cidade de *Neapolis*, Nápoles. SHARPE, 1995, p. 298.

<sup>117</sup> ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. xxxii-xxxiv e SHARPE, 1995, p. 291 assumem que *regio* se refere ao território dos Dál Ríata. O sítio arqueológico de Dunnad, em Argyll, é o candidato mais provável para uma identificação com a sede do poder gaélico em território escocês.

<sup>118</sup> Ver I.12, n. 89.

### **I.30 De Fechno sapiente quomodo penitens ad sanctum Columbam, ab eodem praenunciatus, uenit**

ALIO in tempore sanctus in cacumine sedens montis qui nostro huic monasterio eminus supereminet ad suum ministatorem Diormitium conuersus profatus est, dicens: ‘Miror quare tardius appropinquat quaedam de Scotia nauis, quae quendam aduehit sapientem uirum qui in quodam facinore lapsus lacrimosam gerens penitudinem mox adueniet.’ Post proinde haut grande interuallum ad austrum prospiciens minister uelum nauis uidet ad portum propinquantis. Quam cum sancto aduentantem demonstraret cito surgit, inquires: ‘Eamus proselyto obuiam cuius ueram Christus suscipit penitentiam.’

At uero Feachnaus de nauis descendens sancto ad portum peruenienti obuius occurrit. Cum fletu et lamento ante pedes eius ingenuculans flexis genibus amarissime ingemuit; et coram omnibus qui ibidem inerant peccantias confitetur suas. Sanctus tum cum eo pariter inlacrimatus ad eum ait: ‘Surge filii et consulare. Dimisa sunt tua quae commisisti peccamina. Quia sicut scriptum est: ‘Cor contritum et humiliatum deus non spernit’. Qui surgens gaudenter a sancto susceptus ad Baitheneum tunc temporis in campo Lunge praepositum commorantem post aliquot est emisus dies, in pace commigrans.

Admirável de se dizer! Naquele preciso momento, Laisrén, que vivia no mosteiro da Planície dos Carvalhos<sup>119</sup>, de certo modo forçado e como que incendiado por um fogo interior, ordenou aos monges que parassem de trabalhar e que fosse preparado algo para consolar a fome. E ordenou que repousassem não apenas naquele dia, mas também que descansassem nos restantes dias de mau tempo.

Ouvindo no seu espírito estas palavras reconfortantes, ditas por Laisrán aos irmãos, o santo parou de chorar. Tomado por uma admirável alegria, ele, que estava na ilha de Iona, contou tudo isto aos irmãos que se encontravam consigo naquele momento, e abençoou Laisrán como aquele que consola os monges.

### **I.30 Sobre Fiachnae, um erudito<sup>120</sup>: como, cumprindo penitência, veio ao encontro de São Columba, que predisse a sua chegada**

Noutra ocasião, estava o santo sentado no cume de um monte, que se eleva ao longe acima deste nosso mosteiro<sup>121</sup>, quando se virou para o seu servidor Díarmait e lhe disse: “Pergunto-me porque é que um barco vindo da Irlanda, que traz um homem erudito, se aproxima tão lentamente. Esse homem, que incorreu em falta e cumpre uma dura penitência, chegará em breve.”

Pouco tempo depois, o seu servidor olhou para sul e viu a vela de um barco que se aproximava do porto. Assim que mostrou ao santo o barco que chegava, este levantou-se rapidamente e disse: “Vamos ao encontro do visitante, cuja penitência sincera Cristo aceita.”

Fiachnae, por sua vez, desceu do barco e correu para o santo mal este chegou ao porto. Ajoelhando-se aos seus pés, lamentou-se amargamente entre lágrimas e gemidos, e, perante todos os que ali se encontravam, confessou os seus pecados. Então o santo,

---

<sup>119</sup> Durrow. Ver I. 3, n. 57.

<sup>120</sup> O epíteto *sapiens*, equivalente ao irlandês *ecnae*, era normalmente atribuído a eruditos eclesiásticos versados nos cânones bíblicos e que podiam desempenhar funções de juízes em contendas de jurisdição eclesiástica. Cf. CHARLES-EDWARDS, 2000, pp. 270-271.

<sup>121</sup> Talvez a colina conhecida por Cnoc Mór.

### **I.31 De Cailtano eius monaco sancti profetatio uiri**

ALIO in tempore binos mittens monachos ad suum alium monachum nomine Cailtanum, qui eodem tempore praepositus erat in cella quae hodieque eius fratris Diuni uocabulo uocitatur, stagno adherens Abae fluminis, haec per eosdem nuntios sanctus commendat uerba: ‘Cito euntes ad Cailtanum properate, dicitoteque ei ut ad me sine ulla ueniat morula.’ Qui uerbo sancti obsequuti exeuntes et ad cellam Diuni peruenientes suae legatiunculae qualitatem Cailtano intimauerunt. Qui eadem hora nullo demoratus modo sancti prosequutus legatos ad eum in Ioua insula commorantem eorum itineris comes celeriter peruenit. Quo uiso sanctus ad eum taliter loquutus his compellat uerbis: ‘O Cailtane, bene fecisti ad me oboedienter festinando; requiesce paulisper. Idcirco ad te inuitandum misi, amans amicum, ut hic mecum in uera finias oboedientia uitae cursum tuae. Nam ante huius ebdomadis finem ad dominum in pace transibis.’ Quibus auditis gratias agens deo sanctumque lacrimans exosculatus ad hospitium accepta ab eo benedictione pergit. Eademque subsequuta infirmatus nocte iuxta uerbum sancti in eadem septimana ad Christum dominum emigrauit.

chorando com ele, disse-lhe: “Levanta-te, filho, e reconforta-te. Os pecados que tu cometeste foram perdoados, pois como está escrito: “Deus não despreza um coração contrito e quebrantado<sup>122</sup>.” Levantando-se, Fiachnae foi recebido com alegria pelo santo e, passados alguns dias, partiu em paz, enviado a Baithéne, que naquele tempo vivia como prior na Planície de Long<sup>123</sup>.

### **I.31 A profecia do homem santo a respeito do seu monge Cailtan**

Noutra ocasião, o santo enviou dois monges a um outro monge seu, Cailtan, que naquele tempo era prior na igreja hoje em dia conhecida pelo nome do seu irmão Diún, e que se situa junto ao lago do rio Aub<sup>124</sup>. A estes dois mensageiros o santo confiou as seguintes palavras: “Ide depressa! Apressai-vos a ir ao encontro de Cailtan e dizei-lhe que venha ter comigo sem demora.”

Obedecendo à ordem do santo, os monges partiram e, quando chegaram à Igreja de Diún, deram a conhecer a Cailtan a natureza da sua missão. Ele, sem tardar, fazendo-se companheiro de viagem deles, seguiu naquele mesmo instante os emissários do santo e, em pouco tempo, chegou à ilha de Iona, onde ele se encontrava. Quando o viu, o santo dirigiu-se-lhe com estas palavras: “Cailtan, fizeste bem ao te apressares obedientemente a vir ter comigo. Descansa um pouco. Mandeí que te convidassem a vir ter comigo, eu que te amo como quem ama um amigo, para que aqui termines o percurso da tua vida na minha companhia, em sincera obediência. É que, antes do fim desta semana, passarás em paz para o Senhor.”

Quando ouviu estas palavras, Cailtan deu graças a Deus e, chorando, beijou o santo. Depois de receber dele a bênção, dirigiu-se aos aposentos dos hóspedes. Naquela noite seguinte, adoeceu, e, de acordo com a palavra do santo, na mesma semana partiu para Cristo, o Senhor.

---

<sup>122</sup> Ps 50, 19.

<sup>123</sup> Mag Luinge, “a planície do barco”, na ilha de Tiree. O local exacto desta fundação columbana é incerto.

<sup>124</sup> Nada se sabe a respeito desta igreja columbana, situada em território dos Dál Ríata, junto ao Loch Awe.

### **I.32 De duobus perigrinis fratribus sancti prouida profetatio uiri**

QVADAM dominica die ultra sepe memoratum clamatum est fretum. Quem audiens sanctus clamorem ad fratres qui ibidem inerant, 'Ite,' ait, 'celeriter; perigrinosque de lonquinqua uenientes regione ad nos ocius adducite.' Qui continuo obsequuti transfretantes adduxerunt hospites. Quos sanctus exosculatus consequenter de causa percunctatur iteris. Qui respondentes aiunt: 'Vt hoc etiam anno apud te perigrinemur uenimus.' Quibus sanctus hanc dedit responsionem: 'Apud me ut dicitis anni unius spatio perigrinari non poteritis, nisi prius monasticum promiseritis uotum.' Quod qui inerant praesentes ualde mirati sunt ad hospites eadem hora aduentantes dici. Ad quae sancti uerba senior respondens frater ait: 'Hoc in mente propositum licet in hanc horam usque nullatenus habuerimus, tamen tuum sequemur consilium diuinitus ut credimus inspiratum.'

Quid plura? Eodem horae momento oratorium cum sancto ingressi deuote flexis genibus uotum monachiale uouerunt. Sanctus tum deinde ad fratres conuersus ait: 'Hi duo proselyti uiuam deo se ipsos exhibentes hostiam, longaue in breui christianae tempora militiae complentes, hoc mox eodem mense ad Christum dominum in pace transibunt.' Quibus auditis ambo fratres gratias deo agentes ad hospitium deducti sunt. Interiectisque diebus septem senior frater coepit infirmari. Et eadem peracta septimana ad dominum emigrauit. Similiter et alter post septem alios dies infirmatus, eiusdem in fine ebdomadis ad dominum feliciter transit. Et sic secundum sancti ueridicam profetiam intra eiusdem mensis terminum ambo praesentem finiunt uitam.

### I.32 O vaticínio profético do homem santo a respeito de dois irmãos peregrinos

Certa vez, num Domingo, alguém gritou do outro lado do estreito já várias vezes mencionado. Ouvindo este grito, o santo disse aos monges<sup>125</sup> que estavam presentes: “Ide depressa! Trazei sem mais demora até nós os peregrinos que vieram de uma região distante.” Eles, obedecendo imediatamente, atravessaram o estreito e trouxeram os visitantes. Depois de os beijar, o santo perguntou-lhes qual o motivo da sua viagem. Eles responderam-lhe assim: “Viemos para vivermos este ano no teu mosteiro como peregrinos.” Ao que o santo retorquiu: “Não podereis viver no meu mosteiro durante um ano como peregrinos, como dizeis, se não tiverdes professado primeiro o voto monástico.” Os que ali estavam presentes ficaram muito surpreendidos com o que foi dito aos visitantes que tinham acabado de chegar<sup>126</sup>. O irmão mais velho respondeu às palavras do santo, dizendo: “Ainda que, até este momento, não tivéssemos de todo esse propósito em mente, seguiremos todavia o teu conselho, que acreditamos ser de inspiração divina.”

Porquê dizer mais? Naquele preciso instante, entraram no oratório com o santo e, de joelhos, professaram com devoção o voto monástico. Em seguida, o santo voltou-se para os monges e disse: “Estes dois recém-chegados, que se apresentam a si próprios a Deus como sacrifício vivo<sup>127</sup>, e que em pouco tempo cumprem longos anos como soldados de Cristo<sup>128</sup>, em breve, neste mês, passarão em paz para Cristo, o Senhor.” Quando ouviram isto, os dois irmãos deram graças a Deus e foram conduzidos aos aposentos de hóspedes.

Passados sete dias, o irmão mais velho começou a adoecer. Findada aquela semana, partiu para o Senhor. De modo semelhante, passados outros sete dias, o outro irmão também adoeceu e, no fim daquela semana, passou com alegria para o Senhor. E assim, de

---

<sup>125</sup> Traduzimos aqui *fratres* por “monges”, para evitar a confusão entre os irmãos peregrinos e os monges de Iona. O que se segue sugere que Adomnán se refere aos dois peregrinos como irmãos de sangue, não *fratres* em sentido monástico.

<sup>126</sup> A reacção dos monges de Iona parece indicar que não seria habitual aceitar que a recém-chegados fosse permitido o professar imediato dos votos monásticos.

<sup>127</sup> Cf. Rm 12, 1.

<sup>128</sup> Cf. Sap 4, 13.

### **I.33 De quodam Artbranano sancti profetia uiri**

CVM per aliquot dies in insula demoraretur Scia, uir beatus alicuius loci terrulam mari uicinam baculo percutiens ad comites sic ait: ‘Mirum dictu O filioli hodie in hac huius loci terrula quidam gentilis senex, naturale per totam bonum custodiens uitam, et baptizabitur et morietur et sepelietur.’ Et ecce quasi post unius interuallum horae nauicula ad eundem superuenit portum, cuius in prora quidam aduectus est decrepitus senex, Geonae primarius cohortis; quem bini iuuenes de nauis subleuantes ante beati conspectum uiri deponunt. Qui statim uerbo dei a sancto per interpretem recepto credens ab eodem bapuzatus est. Et post expleta bapuzationis ministeria sicuti sanctus profetizauit eodem in loco consequenter obiit, ibidemque socii congesto lapidum aceruo sepeliunt. Qui hodieque in ora cernitur maritima. Fluiusque eiusdem loci in quo idem bapuzama acciperat ex nomine eius dobur Artbranani usque in hodiernum nominatus est diem ab acculis uocitatur.

acordo com a profecia verdadeira do santo, ambos chegaram ao fim desta vida antes do fim daquele mês.

### I.33. A profecia do santo homem a respeito de um certo Artbranan

Por ocasião de uma estadia de alguns dias na ilha de Sci<sup>129</sup>, o bem-aventurado homem, num certo lugar, bateu com o báculo numa porção de terra junto ao mar, e disse aos companheiros: “Admirável de se dizer, ó meus filhos! Hoje, será baptizado, morrerá e será sepultado aqui, nesta porção de terra deste lugar, um ancião pagão, que durante toda a vida conservou uma bondade natural<sup>130</sup>.”

E eis que, cerca de uma hora depois, chegou àquele ancoradouro um pequeno barco, em cuja proa era transportado um ancião decrépito, chefe do bando guerreiro de Cé<sup>131</sup>. Dois jovens ergueram-no do barco e colocaram-no face ao bem-aventurado homem. Por intermédio de um intérprete, recebeu do santo a palavra de Deus e, acreditando nela, foi imediatamente baptizado por ele. E tal como o santo profetizou, depois de completados os ritos do baptismo, o ancião morreu naquele lugar e ali os seus companheiros o sepultaram, erigindo um monte de pedras, que ainda hoje é visível na costa. O nome *Dobur* de

---

<sup>129</sup> Ilha de Skye, a maior e mais setentrional das Hébridas Interiores, provavelmente território picto no tempo de São Columba.

<sup>130</sup> Cf. MUIRCHÚ, *Vita S. Patricii*, I. 11: *Et inuenit eos porcinarius cuiusdam uiri natura boni licet gentilis*. Sobre a noção, em Adomnán, da bondade natural do pagão, ver O’SULLIVAN, Tomás, “The anti-pelagian motif of the «naturally good» pagan in Adomnán’s *Vita Columbae*, in Wooding (ed.), 2010, pp. 253-73.

<sup>131</sup> A identificação desta que parece ser uma região dos Pictos é problemática. A interpretação preferida por SHARPE, 1995, pp. 294-95 fá-la corresponder a um território picto conhecido por Cé, situado no leste da Escócia, situando a proveniência de Artbranan a uma grande distância de Skye. Mais recentemente, FRASER, 2004, p. 194 chamou a atenção para a tribo dos *Creones*, mencionada por Ptolomeu, e que terá ocupado a actual península escocesa de Knoydart, que confronta a extremidade sudeste da ilha de Skye. Conjecturando que *Creones* poderá ser uma forma adulterada de um etnónimo hipotético *Ceones*, o autor propõe este povo como uma hipótese para a origem da *cohors Geonae* liderada por Artbranan. Porém, perante esta incerteza, preservamos a tradução de Sharpe.

### **I.34 De nauicula transmota sancto praecipiente**

ALIO in tempore trans Britanniae dorsum iter agens aliquo in desertis uiculo agellis reperto ibidemque iuxta alicuius marginem riuoli stagnum intrantis sanctus mansionem faciens, eadem nocte dormientes semisopore degustato suscitatur comites, dicens: ‘Nunc nunc celerius foras exeuntes nostram quam ultra riuum nauiculam posuistis in domo huc citius aduehite, et in uicinore domuncula ponite.’ Qui contemno oboedientes sicut eis praecipitum est fecerunt. Ipsi quoque iterum quiescentibus sanctus post quoddam interuallum silenter dormitium pulsatur, inquiens: ‘Nunc stans extra domum aspice quid in illo agitur uiculo, ubi prius uestram possuistis nauiculam.’ Qui sancti praecipito obsequutus, domum egreditur, et respiciens uidet uicum flamma uastante totum concremari; reuersusque ad sanctum quod ibidem agebatur retulit. Sanctus proinde fratribus de quodam narrauit emulo persecutore, qui easdem domus eadem incenderat nocte.

Artbranan<sup>132</sup>, dado pelos que vivem ali perto à ribeira daquele lugar em que ele recebeu o baptismo, provém, até aos dias de hoje, do seu nome.

### **I.34 De um barco que foi mudado de lugar durante a noite por ordem do santo**

Noutra ocasião, em que o santo atravessava a Espinha da Bretanha<sup>133</sup>, encontrou uma pequena aldeia no meio de campos desertos, e ali se instalou, junto à margem de um regato que desembocava num lago<sup>134</sup>. Nessa mesma noite, o santo acordou os companheiros, que dormiam ainda um sono leve, e disse-lhes: “Saí já! Já, depressa! Trazei o nosso barco, que deixastes naquela casa do outro lado do rio, e colocai-o numa cabana mais próxima de nós.” Eles, obedecendo, fizeram imediatamente como lhes tinha sido ordenado.

Já eles tinham tornado a repousar, quando o santo, algum tempo depois, tocou silenciosamente em Díarmait e disse: “Põe-te agora no exterior da casa e vê o que está a acontecer naquela aldeia, onde primeiro deixastes o vosso barco.” Obedecendo à ordem do santo, Díarmait saiu da casa e, quando olhou, viu toda a aldeia ser consumida por chamas devastadoras. Voltou para dentro e contou ao santo o que lá estava a acontecer.

Em seguida, o santo falou aos irmãos de um certo homem hostil que os perseguia e que naquela noite incendiara aquelas casas.

---

<sup>132</sup> “Ribeira de Artbranan”. *Dobur* é um substantivo irlandês arcaico para “água”, aqui usado na toponímia para se referir a um *fluius*, um curso de água de pequeno caudal, à semelhança do inglês *water*.

<sup>133</sup> Druimm nAlban, principal região montanhosa da Escócia, que para Adomnán delimitava a oeste o território dos Pictos.

<sup>134</sup> Loch Lochy, alinhado com o Loch Ness, a sudoeste. O título introduzido na lista de capítulos refere-o como *stagnum Lochdae*, “lago da Deusa Negra”.

### **I.35 De Gallano filio Fachtni qui erat in diocesi Colgion filii Cellaig**

QVADAM itidem die sanctus in suo sedens tegoriolo Colcio eidem lectitanti iuxta se profetizans ait: 'Nunc unum tenacem primarium de tuae praepositis diociseos daemones ad inferna rapiunt.' At uero hoc audiens Colcius tempus et horam in tabula describens, post aliquot menses ad patriam reuersus Gallanum filium Fachtni eodem horae momento obiisse ab acculis eiusdem regionis percunctatus, inuenit, quo uir beatus eidem a demonibus raptum enarrauit.

### **I.35 Sobre Gallán, filho de Fachtnae<sup>135</sup>, que estava no distrito<sup>136</sup> de Colgu, filho de Cellach<sup>137</sup>**

Certo dia, o santo estava sentado na sua cabana, quando falou profeticamente a este Colgu, que estava a seu lado compenetrado na leitura: “Neste momento, demónios arrastam para o inferno um dos líderes principais do teu distrito.” Ouvindo isto, Colgu registou numa tábua<sup>138</sup> a data e a hora.

Passados alguns meses, regressou à sua pátria e, ao interrogar os habitantes daquela região, descobriu que Gallán, filho de Fachtnae, morrera naquele preciso instante em que o santo lhe dissera que um homem estava a ser arrastado por demónios.

---

<sup>135</sup> Gallán mac Fachtnai.

<sup>136</sup> O termo *diocesis* é aplicado num sentido não eclesiástico, como sinónimo de *regio*. Neste contexto, *primarius* e *praepositus* parecem representar entidades leigas. Ver ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. 65 e SHARPE, 1995, p. 295.

<sup>137</sup> Colgu mac Cellaig.

<sup>138</sup> Uma tábua de cera.

### **I.36 Beati profetatio uiri de Findchano prespitero illius monasterii fundatore quod scotice Artchain nuncupatur in Ethica terra**

ALIO in tempore supra memoratus prespiter Findchanus, Christi miles, Aidum cognomento Nigrum, regio genere ortum, Cruthinicum gente, de Scotia ad Britanniam sub clericatus habitu secum adduxit, ut in suo apud se monasterio per aliquot perigrinaretur annos. Qui scilicet Aidus Niger ualde sanguinarius homo et multorum fuerat trucidator. Qui et Diormitium filium Cerbulis totius Scotiae regnatorem deo auctore ordinatum interfecerat. Hic itaque idem Aidus post aliquantum in perigrinatione transactum tempus accito episcopo quamuis non recte apud supradictum Findchanum prespiter ordinatus est. Episcopus tamen non est ausus super caput eius manum inponere, nisi prius idem Findchanus Aidum carnaliter amans suam capiti eius pro confirmatione inponeret dexteram. Quae talis ordinatio cum postea sancto intimaretur uiro egre tulit. Tum proinde hanc de illo Findchano et de Aido ordinato formidabilem profatur sententiam, inquit: ‘Illa manus dextra, quam Findchanus contra fas et ius ecclesiasticum super caput filii perditionis inpossuit, mox computrescet et post magnos dolorum cruciatus ipsum in terram sepelienda praecedet. Et ipse post suam humatam manum per multos superstes uicturus est annos. Ordinatus uero indebete Aidus sicuti canis ad uomitum reuertetur suum. Et ipse rursus sanguilentus trucidator existet, et ad ultimum lancea iugulatus de ligno in aquam cadens submersus morietur. Talem multo prius terminum promeruit uitae, qui totius regem trucidauit Scotiae.’”

Quae beati uiri profetia de utroque adimpleta est. Nam prespiteri Findchani dexter prae pugnus putrefactus in terram eum praecessit, in illa sepultus insula quae Ommon nuncupatur. Ipse uero iuxta uerbum sancti Columbae per multos post uixit annos. Aidus uero Niger, solummodo nomine prespiter, ad sua priora reuersus scelera dolo lancea transfixus de prora ratis in aquam lapsus stagneam disperit.

**I.36 A profecia do bem-aventurado homem a respeito do presbítero Findchán<sup>139</sup>, fundador daquele mosteiro a que chamam, em irlandês, Artchain, na terra de Eth<sup>140</sup>**

Noutra ocasião, o presbítero Findchán, acima referido, um soldado de Cristo, trouxe consigo da Irlanda para a Bretanha, sob o hábito do clero, Áed, apelidado de O Negro e nascido de uma linhagem real dos Cruithni, para que, junto dele, peregrinasse durante alguns anos no seu mosteiro. Fora este Áed um homem deveras sanguinário, que matara muitos. Havia sido ele quem assassinara Díarmait, filho de Cerball, ordenado rei de toda a Irlanda, por vontade de Deus<sup>141</sup>. Este mesmo Áed, passado algum tempo, durante o qual viveu como peregrino, foi, ainda que indevidamente, ordenado presbítero junto de Findchán, depois de convocado um bispo. Porém, o bispo não se atreveu a colocar a mão sobre a cabeça dele, a menos que o próprio Findchán, que nutria por Áed um amor terreno, colocasse primeiro, em confirmação, a sua mão direita na cabeça dele.

Quando, mais tarde, tal ordenação foi anunciada ao santo homem, este encarou-a com pesar. Emitiu, então, esta formidável sentença a respeito de Findchán e de Áed, que fora ordenado: “Aquela mão direita que Findchán, contra a lei divina e o direito eclesiástico, colocou sobre a cabeça do filho de perdição em breve apodrecerá e, depois de grandes suplícios de dor, será sepultada na terra antes de ele o ser. E ele, sobrevivendo depois de enterrada a sua mão, viverá por muitos anos. Quanto a Áed, que foi indevidamente ordenado, regressará como um cão ao seu vômito e de novo mostrará ser um assassino sanguinário. Por fim, morto por uma lança, cairá do lenho para a água e morrerá afogado. Ele, que matou o rei de toda a Irlanda, já há muito que merecia um tal fim.”

Esta profecia do bem-aventurado homem, a respeito de um e de outro, cumpriu-se. Com efeito, a mão direita do presbítero Findchán apodreceu e precedeu-o debaixo da terra, ao ser sepultada naquela ilha a que chamam *Ommón*<sup>142</sup>. Depois disto, ele viveu por muitos

---

<sup>139</sup> Adomnán é a única fonte conhecida a mencionar este fundador de mosteiros.

<sup>140</sup> A ilha de Tiree. Ver I. 19, n. 100.

<sup>141</sup> Sobre Díarmait mac Cerbaill e Áed Dub, ver “Introdução”, p. 7. Áed Dub mac Suibne foi rei dos Ulaid e terá morrido em 588.

<sup>142</sup> Ilha não identificada.

### **I.37 De quodam sancti solamine spiritus monacis in uia laboriosis miso**

INTER has praedicabiles profetici spiritus profetationes non ab re uidetur etiam de quadam spiritali consulatione nostris commemorare literulis quam aliquando sancti Columbae monaci spiritu eius ipsis in uia obuiante sentiebant.

Alio namque in tempore fratres post mesionis opera uespere ad monasterium redeuntes, et ad illum peruenientes locum qui Scotice nuncupatur Cuul Eilne, qui utique locus inter occidentalem Iouae insulae campulum et nostrum monasterium medius esse dicitur, mirum quid et inconsuetum singuli sibi sentire uidebantur; quod tamen alius alii intimare nullo modo audebat. Et sic per aliquot dies eodem in loco eademque uespertina sentiebant hora. Fuit autem hisdem in diebus sanctus Baitheneus inter eos operum dispensator, qui sic ad ipsos alia die est proloquutus, inquiens: 'Nunc fratres confiteri debetis singuli si aliquod in hoc medio loco inter mesem et monasterium inconsuetum et inopinatum sentitis miraculum. Vnus tum ex eis senior, 'Iuxta tuam,' ait, 'iusionem, quod mihi hoc in loco ostensum est dicam. Nam et in his praetereuntibus dieculis et nunc etiam quandam miri odoris flagrantiam acsi uniuersorum florum in unum sentio collectorum; quendam quoque quasi ignis ardorem, non penalem sed quodam modo suauem; sed et quandam in corde insuetam et incomparabilem infusam laetificationem quae me subito mirabiliter consulatur, et in tantum laetificat, ut nullius meroris, nullius laboris, meminisse possim. Sed et onus quod meo quamuis graue porto in dorso ab hoc loco usquequo ad monasterium perueniatur, quomodo nescio, in tantum releuatur, ut me oneratum non sentiam.'

Quid plura? Sic omnes illi mesores operarii de se singillatim profetentur per omnia sensise, sicuti unus ex eis coram enarrauerat. Singulique simul flexis genibus a sancto postularunt Baitheneo, ut eiusdem miri solaminis causam et originem quod et ipse sicut et ceteri sentiebant illis ignorantibus intimare procuraret. Quibus consequenter hoc dedit responsum, 'Scitis,' inquiens, 'quod noster senior Columba de nobis anxie cogitet, et nos ad se tardius peruenientes egre ferat, nostri memor laboris. Et idcirco quia corporaliter obuiam nobis non uenit spiritus eius nostris obuiat gresibus. Qui taliter nos consolans laetificat.' Quibus auditis uerbis ingeniculantes cum ingenti gratulatione expansis ad caelum manibus Christum in sancto uenerantur et beato uiro.

anos, de acordo com a palavra de São Columba. Quanto a Aéd, o Negro, presbítero apenas de nome, voltou aos crimes de antes e, trespassado à traição por uma lança, pereceu depois de ter caído da proa de um barco para as águas de um lago<sup>143</sup>.

### **I.37 De um alívio enviado pelo espírito do santo a monges trabalhadores que iam no caminho**

Não nos parece despropositado mencionar também nestas nossas páginas, entre estas louváveis profecias do espírito profético, um alívio espiritual que os monges de São Columba sentiram algumas vezes ao se cruzarem pelo caminho com o seu espírito.

Com efeito, noutra ocasião, depois de terem estado a trabalhar na ceifa, os irmãos regressavam ao mosteiro ao fim da tarde, quando, uma vez chegados àquele lugar que em irlandês é chamado *Cúl Eilne* - o lugar que dizem ficar a meio caminho entre a planície ocidental da ilha de Iona e o nosso mosteiro - a cada um lhe pareceu sentir algo surpreendente e fora do comum. Porém, de modo algum ousavam revelá-lo uns aos outros. Sentiram-se assim durante alguns dias, naquele mesmo local e àquela mesma hora da tarde.

Naquele tempo, era São Baithéne quem, entre eles, dirigia os trabalhos, e um dia falou-lhes assim: “Cada um de vós, irmãos, deve agora confessar se sente um milagre fora do comum e inesperado, neste lugar a meio caminho entre a seara e o mosteiro.” Então um deles, um ancião, disse: “Direi, segundo ordenas, o que me foi mostrado neste lugar. Senti, nos últimos dias, e mesmo agora sinto, uma fragrância admirável, como se de todas as flores reunidas numa só; e também um calor como se de fogo, não doloroso, mas de certo modo agradável; e ainda uma alegria infundida no coração, fora do comum e inigualável, que de súbito me consolou milagrosamente e que me alegrou a tal ponto que não me consigo recordar de nenhuma aflição, nem de nenhuma fadiga. E também o fardo que trago às costas, por muito pesado que seja e sem que eu saiba como, torna-se tão mais leve a partir deste lugar até que chegue ao mosteiro, que não me sinto carregado.

---

<sup>143</sup> A morte tripla é um motivo frequente no folclore irlandês.

Sed et hoc silere non debemus quod ab expertis quibusdam de uoce beati psalmodiae uiri indubitanter traditum est. Quae scilicet uox uenerabilis uiri in ecclesia cum fratribus decantantis aliquando per iiii. stadia, hoc est d. passus, aliquando uero per octo, hoc est mille passus, incomparabili eleuata modo audiebatur. Mirum dictu, nec in auribus eorum qui secum in ecclesia stabant uox eius modum humanae uocis in clamoris granditate excedebat. Sed tamen eadem hora qui ultra mille passuum lonquinitatem stabant sic clare eandem audiebant uocem, ut illos quos canebat uersiculos etiam per singulas possent distinguere syllabas. Similiter enim eius uox in auribus prope et longe audientium personabat. Sed hoc de uoce miraculum beati uiri non semper, sed raro accedisse conprobatur, quod tamen sine diuini spiritus gratia nullo modo fieri potuisset.

Sed et illud non est tacendum quod aliquando de tali et incomparabili uocis eius subleuatione iuxta Brudei regis munitionem accedisse traditur. Nam ipse sanctus cum paucis fratribus extra regis munitionem dum uespertinales dei laudes ex more celebraret, quidam magi ad eos propius accedentes in quantum poterant prohibere conabantur, ne de ore ipsorum diuinae laudis sonus inter gentiles audiretur populos. Quo conperto sanctus xl. et iiii. psalmum decantare coepit. Mirumque in modum ita uox eius in aere eodem momento instar alicuius formidabilis tonitruum eleuata est, ut et rex et populus intolerabili essent pauore perterriti.

Porquê dizer mais? Todos eles que trabalhavam na ceifa declararam, cada um falando de si próprio, terem sentido tudo aquilo que um deles descrevera abertamente. Ajoelharam-se todos ao mesmo tempo e pediram a São Baithéne que cuidasse de lhes dar a conhecer, a eles que as ignoravam, a causa e a origem daquele milagroso alívio, que tanto ele próprio como os restantes sentiam. Ele, por sua vez, deu-lhes a seguinte resposta: “Sabeis que o nosso ancião Columba pensa em nós com preocupação e, recordado do nosso esforço, aflige-se quando tardamos a voltar para ele. E porque ele não vem fisicamente ao nosso encontro, é o seu espírito que vem ter connosco enquanto caminhamos e que assim nos consola e nos alegra.” Ao ouvirem estas palavras, ajoelharam-se e, com gratidão ingente e de mãos estendidas para o céu, veneraram Cristo no santo e bem-aventurado homem.

Também não devemos deixar em silêncio aquilo que certos homens que tinham conhecimento disto nos transmitiram a respeito da voz do bem-aventurado homem ao salmodiar.

Esta voz do venerando homem que cantava na igreja com os irmãos elevava-se de um modo incomparável e era ouvida por vezes à distância de quatro estádios, isto é, quinhentos passos, e outras vezes até de oito estádios, ou seja, mil passos<sup>144</sup>. E, admirável de se dizer, aos ouvidos dos que estavam com ele na igreja, a sua voz não excedia em altura o tom da voz humana. Porém, no mesmo momento, aqueles que se encontravam a mais de mil passos ouviam aquela voz com tanta clareza, que conseguiam distinguir, até mesmo sílaba a sílaba, os versículos que ele cantava. É que a sua voz soava do mesmo modo aos que o ouviam de perto e aos que o ouviam ao longe. Mas provou-se que este milagre da voz do bem-aventurado homem não acontecia sempre, mas raramente; milagre que jamais se poderia ter dado sem a graça do Espírito Divino.

Também não deve ser omitido o que se conta que aconteceu certa vez, quando a sua voz se elevou deste modo incomparável, junto ao forte do rei Bruide. Enquanto o próprio santo celebrava, segundo o costume, os louvores de Deus das vésperas, com uns poucos irmãos, no exterior do forte do rei, alguns feiticeiros acercaram-se deles e tentaram impedir que o som do louvor divino que saía das suas bocas fosse ouvido entre a população pagã.

---

<sup>144</sup> Equivalente a uma milha romana, ou 1480 metros.

### **I.38 De quodam diuite qui Lugudius Clodus uocitabatur**

ALIO in tempore cum in Scotia per aliquot sanctus demoraretur dies, alium curru insedentem uidens clericum, qui gaudenter peragrabat campum Breg, primo interrogans de eo quis esset, hoc ab amicis eiusdem uiri de eo accipit responsum: ‘Hic est Lugudius Clodus, homo diues et honoratus in plebe.’ Sanctus consequenter respondens inquit: ‘Non ita uideo: sed homuncio miser et pauper in die qua morietur tria apud se uicinorum praetersoria in una retentabit maceria; unamque electam de uaccis praeterseriorum occidi iubebit sibi. De cuius cocta carne postulabit aliquam sibi partem dari cum meritrice in eodem lectulo cubanti. De qua utique particula mursum accipiens statim ibidem strangulabitur et morietur.’ Quae omnia sicuti ab expertis traditur iuxta sancti profeticum adimpleta sunt uerbum.

Quando o santo se apercebeu disto, começou a cantar o quadragésimo quarto salmo<sup>145</sup>. E, naquele preciso instante, de modo admirável, a sua voz elevou-se no ar tão à semelhança de um formidável trovão, que quer o rei, quer a população foram tomados por um pavor intolerável.

### **I.38 Sobre um homem abastado que se chamava Lugaid, o Manco**

Noutra ocasião, o santo, encontrando-se na Irlanda por alguns dias, viu um outro clérigo que, sentado num carro, percorria com boa disposição a planície de Breg<sup>146</sup>. Perguntou-lhe primeiro quem era ele, e recebeu dos amigos daquele homem a seguinte resposta a seu respeito: “Este é Lugaid, O Manco, homem abastado e honrado entre o povo.” O santo, por sua vez, retorquiu: “Não vejo que assim seja. No dia em que morrer, esse homem miserável e pobre reterá nos seus domínios, no interior de uma cerca de pedra, três animais extraviados<sup>147</sup> dos vizinhos. Mandará abater para si uma vaca escolhida de entre as extraviadas, de cuja carne cozinhada ele pedirá que uma parte lhe seja dada quando ele estiver deitado no mesmo leito com uma meretriz. E então, ao ingerir um naco daquele bocado de carne, imediatamente sufocará e morrerá ali mesmo.

Tudo isto se cumpriu de acordo com a palavra profética do santo, tal como foi transmitido por aqueles que o sabiam.

---

<sup>145</sup> Ps 44: *Eruclauit cor meum verbum bonum (...)*.

<sup>146</sup> Esta planície constituía o centro do reino de Brega. Ver “Introdução”, p. 10.

<sup>147</sup> Única ocorrência conhecida de *praetersoria*. A tradução seguida por todos os autores deriva de uma interpretação contextual. Tem sido sugerida a sua derivação a partir de *praetercurro* ou *praeteruerto*. Esta última, proposta por Bieler, afigura-se-nos mais plausível. BIELER, L., “Review of Anderson and Anderson”, *Irish Historical Studies*, 13, Dublin, 1962-63, p. 183.

### **I.39 De Nemanio filio Gruthriche sancti profetia**

HVNC enim cum sanctus de malis suis corripere paruipendens sanctum subsannabat. Cui respondens uir beatus ait: 'In nomine domini Nemanio aliqua de te ueridica loquar uerba. Inimici tui repperient te in eodem cum meretrice cubantem cubiculo, ibidemque trucidaberis; daemones quoque ad loca penarum tuam rapiunt animam.' Hic idem Nemanus post aliquot annos in uno cum meretrice lectulo repertus in regione Cainle iuxta uerbum sancti ab inimicis decapitatus disperiit.

### **I.40 De quodam prespitero sancti uiri profetatio**

ALIO in tempore sanctus cum in Scotiensium paulo superius moraretur memorata regione, casu dominica die ad quoddam deuenit uicinum monasteriolum quod scotice Trioit uocitatur. Eadem proinde die quendam audiens prespiterum sacra eucaristiae misteria conficientem, quem ideo fratres qui ibidem commanebant ad misarum elegerant peragenda sollempnia quia ualde religiosum aestimabant, repente hanc formidabilem de ore profert uocem: 'Munda et immunda pariter nunc permisceri cernuntur; hoc est munda sacrae oblationis ministeria per inmundum hominem ministrata, qui in sua interim conscientia aliquod grande occultat facinus.' Haec qui inerant audientes tremefacti nimis obstupere. Ille uero de quo haec dicebantur uerba coram omnibus peccantiam compulsus est suam confiteri. Christique commilitones qui in ecclesia sanctum circumstantes occulta cordis audierant manifestantem diuinam in eo scientiam cum magna ammiratione glorificarunt.

### **I. 39 A profecia do santo a respeito de Neman, filho de Gruthrech<sup>148</sup>**

Este homem, quando o santo o repreendeu a respeito das suas más acções, fez pouco caso e escarneceu-o. Em resposta, o bem-aventurado homem disse-lhe: “Neman, em nome do Senhor, de ti direi algumas palavras verdadeiras. Os teus inimigos encontrar-te-ão deitado no mesmo quarto com uma meretriz, e ali serás assassinado; e demónios arrastarão a tua alma para o lugar dos castigos.”

Alguns anos depois, este mesmo Neman foi encontrado num leito com uma meretriz, na região de *Cainle*<sup>149</sup>, e morreu decapitado por inimigos, de acordo com a palavra do santo.

### **I. 40 A profecia do homem santo a respeito de um certo presbítero**

Noutra ocasião, quando o santo se encontrava na região dos Irlandeses que referimos pouco acima<sup>150</sup>, aconteceu ter chegado num Domingo a um pequeno mosteiro vizinho, quem em irlandês se chama *Trioit*<sup>151</sup>. Assim, nesse dia, ouvindo a ministrar os mistérios sagrados da Eucaristia um presbítero, que os irmãos que ali viviam haviam elegido para celebrar as missas por julgarem que ele era muito religioso, o santo de súbito emitiu da sua boca estas terríveis palavras: “Agora vêem-se misturadas a pureza e a impureza: a pureza do ministério do Sagrado Sacrifício ministrada por um homem impuro, que ao mesmo tempo esconde na sua consciência um grande pecado.” Os que ali estavam presentes e ouviram isto, deveras assustados, ficaram estupefactos. Mas aquele a respeito de quem eram ditas estas palavras foi compelido a confessar perante todos o seu pecado. Os soldados de Cristo, que estavam em roda do santo na igreja e o tinham ouvido revelar os segredos do coração, nele glorificaram o conhecimento divino com grande admiração.

---

<sup>148</sup> Neman mac Gruthriche.

<sup>149</sup> Região não identificada.

<sup>150</sup> O *campus Breg*, em I. 38.

<sup>151</sup> O mosteiro de Trevet, poucos quilómetros a sudeste de Tara.

#### **I.41 De Erco fure mocu Druidi qui in Coloso insula commanebat sancti profetizatio uiri**

ALIO in tempore sanctus in Ioua commanens insula accitis ad se binis de fratribus uiris, quorum uocabula Lugbeus et Silnanus eisdem praecipiens dixit: ‘Nunc ad Maleam transfretate insulam, et in campulis mari uicinis Ercum quaerite furacem; qui nocte praeterita solus occulte de insula Coloso perueniens sub sua feno tecta nauicula inter arenarum cumulos per diem se occultare conatur, ut noctu ad paruam transnauiget insulam ubi marini nostri iuris uituli generantur et generant, ut de illis furanter occisis edax ualde furax suam replens nauiculam ad suum repedet habitaculum.’

Qui haec audientes obsequuti emigrant, furemque in locis a sancto praesignatis absconsum reperiunt, et ad sanctum sicuti illis praeciperat perduxerunt. Quo uiso sanctus ad eum dicit: ‘Quare tu res alienas diuinum transgressus mandatum sepe furaris? Quando necesse habueris, ad nos ueniens necessaria accipies postulata.’ Et haec dicens praecipit berbices occidi et pro focis dari misero furaci, ne uacuis ad sua remearet.

Et post aliquantum tempus sanctus in spiritu uicinam furis praeuidens mortem ad Baitheneum, eo in tempore praepositum commorantem in campo Lunge, mittit ut eidem furi quoddam pingue pecus et ui. modios nouissima mittat munera. Quibus a Baitheneo sicut sanctus commendauerat transmissis ea die inuentus est morte subita praeuentus furax misellus; et in exequiis eius transmissa expensa sunt xenia.

#### **I.41 A profecia do homem santo a respeito do ladrão Erc moccu Druidi, que vivia na ilha de Coll<sup>152</sup>**

Noutra ocasião, o santo, que se encontrava a viver na ilha de Iona, chamou a si dois dos irmãos, cujos nomes eram Luigbe e Silnán, e deu-lhes a seguinte ordem: “Atravessai agora até à ilha de Mull e procurai o ladrão Erc nos terrenos junto ao mar. Na noite passada, ele chegou sozinho dissimuladamente da ilha de Coll e tenta agora esconder-se durante o dia entre as dunas sob o seu barco que cobriu com feno, para de noite navegar até à pequena ilha onde as focas que nos pertencem se reproduzem e se criam. Ladrão deveras voraz, tem por intuito encher o seu barco com as que matar no acto do roubo e regressar à sua casa.

Eles, ouvindo isto, partiram e encontraram o ladrão escondido no lugar previamente indicado pelo santo. Tal como este lhes ordenara, levaram-no até ele. Ao vê-lo, o santo disse-lhe: “Porque roubas tu amiúde bens alheios, transgredindo o mandamento divino? Quando tiveres necessidade, vem ter connosco e receberás o que precisares e pedires.” E, depois de dizer isto, mandou que fossem mortos carneiros e que fossem dados em lugar das focas ao miserável ladrão, para que não regressasse a casa de mãos vazias.

Algum tempo depois, o santo, prevendo no seu espírito que a morte do ladrão se avizinhava, enviou a Baithéne, que naquele tempo vivia como prior na Planície de Long<sup>153</sup>, ordens para que enviasse àquele ladrão um animal gordo e seis módios<sup>154</sup> de cereal como derradeiros presentes. No dia em que estes foram enviados por Baithéne, tal como o santo o incumbira, o pobre ladrão foi encontrado tomado por uma morte súbita. As ofertas que lhe haviam sido enviadas foram gastas nas suas exéquias.

---

<sup>152</sup> A ilha de Coll, a nordeste da já referida ilha de Tiree (I. 19 e I. 36).

<sup>153</sup> Ver I. 30, n. 123.

<sup>154</sup> Medida de volume normalmente utilizada para cereais, à semelhança do alqueire.

#### **I.42 De Cronano poeta sancti profetia uiri**

ALIO in tempore sanctus cum iuxta stagnum Cei, prope hostium fluminis quod Bos dicitur, die aliqua cum fratribus sederet, quidam ad eos scoticus poeta deuenit. Qui cum post aliquam recessisset sermocinationem, fratres ad sanctum, 'Cur,' aiunt, 'a nobis regrediente Cronano poeta aliquod ex more suae artis canticum non postulasti modolabiliter decantari?' Quibus sanctus: 'Quare et uos nunc inutilia profertis uerba? Quomodo ab illo misero homuncione carmen postularem laetitiae, qui nunc ab inimicis trucidatus finem adusque ocius peruenit uitae.' His a sancto dictis, et ecce ultra flumen aliquis clamat homo dicens: 'Ille poeta qui a uobis nuper sospes rediit hora in hac ab inimicis in uia interfectus est.' Omnes tunc qui praesentes inerant ualde mirati se inuicem intuentes obstupere.

#### I.42 A profecia do homem santo a respeito do poeta Crónán

Noutra ocasião, estava o santo certo dia sentado com uns irmãos junto ao lago Cé, nas proximidades da foz do rio que em latim se diz Boi<sup>155</sup>, quando um poeta irlandês<sup>156</sup> se aproximou deles. Como este se fosse embora depois de terem conversado um pouco, os irmãos perguntaram ao santo: “Porque é que, segundo o costume, não pediste ao poeta Crónán, que agora se afasta de nós, para cantar com melodia uma canção da sua autoria?” Ao que o santo lhes respondeu: “Porquê também vós proferis agora palavras vãs? Como podia eu pedir uma canção alegre àquele pobre coitado, que neste instante atinge repentinamente o fim da sua vida, morto por inimigos?” Mal o santo tinha dito isto e eis que um homem gritou do outro lado do rio, dizendo: “O poeta que ainda agora saiu são e salvo de junto de vós foi neste momento morto no caminho por inimigos.” Todos os que então estavam ali presentes, muito admirados, entreolharam-se estupefactos.

---

<sup>155</sup> Adomnán traduz o irlandês *bó*. O rio Boyle encontra-se com o Lough Key no actual condado de Roscommon, no centro oeste da Irlanda.

<sup>156</sup> Um *fili*, detentor de um elevado estatuto na sociedade irlandesa medieval, como membro de uma hierarquia de eruditos responsável pela preservação e transmissão do conhecimento tradicional na língua nativa, em especial das leis e genealogias.

**I.43 De duobus tigernis sancti uaticinatio uiri, qui ambo motuis uulnerib(us)  
disperierant**

ALIO itidem in tempore sanctus in Ioua conuersans insula repente inter legendum summo cum ingenti ammiratione gemitu ingemuit mesto. Quod uidens qui praesens inerat Lugbeus mocu Blai coepit ab eo percunctari subiti causam meroris. Cui sanctus ualde mestificatus hanc dedit responsionem: ‘Duo quidam nunc regii generis uiri in Scotia motuis inter se uulneribus transfixi disperierunt, haut procul a monasterio quod dicitur Cell rois in prouincia Maudgornorum. Octauaque die hac peracta ebdomade ultra fretum alius clamitabit, qui haec de Euernia ueniens ita taliter facta enarrabit. Sed hoc O filiote quando uixeris nemini indices.’

Octaua proinde ultra fretum clamatum est die. Sanctus tum supra memoratum ad se Lugbeum uocans silenter ad eum ait: ‘Qui nunc clamitatur ultra fretum ipse est de quo tibi prius dixeram, longeus uiator. Vade et adduc eum ad nos.’ Qui celeriter adductus inter cetera hoc etiam retulit: ‘Duo,’ inquit, ‘in parte Maudgornorum nobiles uiri se motuo uulnerantes mortui sunt, hoc est, Colman Canis filius Aileni, et Ronanus filius Aido filii Colgen de Anteriorum genere, prope fines illorum locorum ubi illud monasterium cernitur quod dicitur Cell roiss.’

Post haec illius uerba narratoris idem Lugbeus, Christi miles, sanctum seorsum coepit interrogare, dicens: ‘Quaeso mihi de his talibus narres profeticis reuelationibus, quomodo si per uisum tibi an auditu an alio hominibus incognito manifestantur modo.’ Ad haec sanctus: ‘De qua nunc,’ ait, ‘inquiris ualde subtili re nullatenus tibi quamlibet

### **I.43 O vaticínio do homem santo sobre dois senhores<sup>157</sup> que morreram ao ferirem-se mutuamente**

Noutra ocasião, estava o santo a viver em Iona, quando, a meio da leitura, de súbito soltou com enorme sobressalto um profundo gemido de angústia. Vendo isto, Luigbe moccu Blai, que estava presente, perguntou-lhe qual o motivo daquela súbita angústia. O santo, deveras afligido, deu-lhe a seguinte resposta: “Morreram agora, na Irlanda, não longe do mosteiro a que chamam Cell Rois, no território dos Mugdorna<sup>158</sup>, dois homens de descendência real, trespassados por golpes que desferiram mutuamente. No oitavo dia após o final desta semana, um homem vindo da Irlanda gritará do outro lado do estreito e relatará o acontecido tal como eu o disse. Mas não reveles isto a ninguém, meu filho, enquanto eu viver.”

E assim, no oitavo dia, alguém gritou do outro lado do estreito. Então o santo, chamando Luigbe, acima mencionado, disse-lhe em voz baixa: “Aquele que agora está a gritar do outro lado do estreito é o viajante idoso de quem antes te falei. Vai e trá-lo até nós.” Tendo sido rapidamente trazido, o homem relatou também, entre as restantes notícias, o seguinte: “Na região dos Mugdorna, dois homens nobres morreram depois de se terem ferido mutuamente; eram eles Colmán Cão, filho de Ailén<sup>159</sup>, e Rónán, filho de Áed, filho de Colgu, dos Orientais<sup>160</sup>. Isto aconteceu próximo dos confins da região onde se encontra aquele mosteiro a que chamam Cell Rois.

Depois de assim ter falado aquele que relatava estas notícias, o mesmo Luigbe, um soldado do Cristo, perguntou à parte ao santo: “Peço-te que me fales dessas revelações proféticas; de como te são mostradas: se pela visão ou pela audição, ou se por outro modo desconhecido para os homens.” Ao que santo retorquiu: “Não poderei de modo algum

---

<sup>157</sup> Adomnán latiniza o vocábulo irlandês *tigern* ou *tigerna*, “senhor, chefe”.

<sup>158</sup> Os Mugdorna, um povo dos Airgíalla, ocupavam territórios no actual condado de Monaghan, no sul do Ulster. Cell Rois situava-se no que é hoje a cidade de Carrickmacross.

<sup>159</sup> Colmán Cú mac Ailéni, irmão de Máel Dúin mac Ailéni, rei dos Mugdorna até 611.

<sup>160</sup> Os Airthir, nominativo plural do substantivo irlandês *airther*, na sua acepção geográfica, “leste”. A escolha que Adomnán faz ao traduzir *airthir* por *anteriores* parece remeter para o sentido primário do substantivo, “a parte da frente”. Noutras fontes, este povo dos Airgíalla é referido como *Orientales*. Rónán mac Áedo não sobreviveu ao seu pai Áed mac Colgen, rei dos Airthir até 609.

aliquam intimare particulam potero, nisi prius flexis genibus per nomen excelsi dei mihi firmiter promittas hoc te obscurissimum sacramentum nulli umquam hominum cunctis diebus uitae meae enarraturum.’ Qui haec audiens flexit contenuo genua et prostrato in terram uultu iuxta sancti praeceptionem plene omnia promisit. Qua statim perfecta promissione sanctus ad surgentem sic locutus inquit: ‘Sunt nonnulli quamlibet pauci admodum quibus diuina hoc contulit gratia, ut etiam totum totius terrae orbem, cum ambitu oceanici et caeli, uno eodemque momento quasi sub uno solis radio mirabiliter laxato mentis sinu clare et manifestissime speculentur.’

Hoc miraculum sanctus quamuis de aliis electis dicere uideatur, uanam utique fugiens gloriam, de se ipso tamen dixisse, per oblicum licet, nullus dubitare debet qui Paulum legit apostolum uas electionis de talibus narrantem sibi reuelatis uisionibus. Non enim ita scripsit, ‘scio me,’ sed ‘scio hominem raptum usque ad tertium caelum.’ Quod quamlibet de alio dicere uideatur, nemo tamen dubitat sic de propria humilitatem custodiens enarrare persona. Quem etiam et noster Columba in spiritalium uisionum narratione sequutus est superius memorata, quam ab eo supradictus uir, quem plurimum sanctus amabat, magnis precibus praemis uix potuit extorquere, sicut ipse coram aliorum personis sanctorum post sancti Columbae transitum testatus est. A quibus haec quae de sancto supra narrauimus indubitanter didicimus.

confiar-te nem que uma ínfima parte deste assunto delicado, acerca do qual agora me questionas, a menos que primeiro te ajoelhes e me prometas com segurança, em nome do excelso Deus, que, enquanto eu viver, nunca contarás a nenhum homem este secretíssimo mistério.” Ouvindo isto, Luigbe ajoelhou-se de imediato e, de rosto prostrado por terra, prometeu tudo quanto o santo ordenara. Assim que a promessa foi concluída, levantou-se, e o santo falou-lhe assim: “Há alguns homens, ainda que muito poucos, a quem a graça divina concede que contemplem, com o âmagão da sua mente milagrosamente expandido, a totalidade da circunferência da terra inteira, a toda a volta rodeada pelo oceano e pelo céu, vendo-a com grande nitidez e pormenor e num mesmo instante, como se estivesse sob um único raio de sol<sup>161</sup>.”

Mesmo que ele pareça referir este milagre em relação a outros eleitos, evitando a vanglória, ninguém que lê o apóstolo Paulo, ele que é um vaso de eleição<sup>162</sup>, deve duvidar que o santo, ainda que de forma indirecta, falava todavia de si próprio e narrava tais visões a si reveladas. Com efeito, São Paulo não escreveu “Eu sei que eu”, mas antes “Eu conheço um homem que foi arrebatado até ao terceiro céu<sup>163</sup>”. E ainda que pareça falar de outro, ninguém duvida, porém, que falava assim acerca da sua própria pessoa, conservando a sua humildade. Também o nosso Columba o tomou como exemplo no relato das suas visões espirituais, acima referido. O homem de que falámos acima, a quem o santo tanto amava, logrou a custo extorquir dele este relato, depois de lhe dirigir grandes súplicas, tal como ele próprio testemunhou na presença de outros santos. Foram eles que nos deram a conhecer fidedignamente estas coisas que acima narrámos.

---

<sup>161</sup> GREG. M., *dial.* 2, 35: (...) *omnis mundus, uelut sub uno solis radio collectus, ante oculos eius adductus est*; e 4, 8: (...) *mentis laxatu simu, quasi sub uno solis radio cunctum in suis oculis mundum collectum uidit*.

<sup>162</sup> Act 9, 15.

<sup>163</sup> II Cor 12, 2.

#### **I.44 De Cronano episcopo**

ALIO in tempore quidam de Muminensium prouincia proselytus ad sanctum uenit qui se in quantum potuit occultabat humiliter, ut nullus sciret quod esset episcopus. Sed tamen sanctum hoc non potuit latere. Nam alia die dominica a sancto iusus Christi corpus ex more conficere sanctum aduocat, ut simul quasi duo prespiteri dominicum panem frangerent. Sanctus proinde ad altarium accedens repente intuitus faciem eius sic eum conpellat: ‘Benedicat te Christus, frater. Hunc solus episcopali ritu frange panem. Nunc scimus quod sis episcopus: quare hucusque te occultare conatus es, ut tibi a nobis debeta non redderetur ueneratio?’ Quo audito sancti uerbo humilis perigrinus ualde stupefactus Christum in sancto ueneratus est. Et qui inerant praesentes nimis ammirati glorificarunt deum.

#### **I.45 De Ernano prespitero sancti profetia uiri**

ALIO ititdem in tempore uir uenerandus Ernanum prespiterum senem suum auunculum ad praepositorum illius monasterii transmisit quod in Hinba insula ante plures fundauerat annos. Itaque cum ipsum sanctus emigrantem exosculatus benediceret hoc de eo intulit uaticinium, dicens: ‘Hunc meum nunc egredientem amicum non me spero iterum in hoc saeculo uiuentem uisurum.’

Itaque idem Ernanus post non multos dies quadam molestus egrimonia ad sanctum uolens reportatus est. Cuius in peruentione ualde gauisus ire obuius ad portum coepit. Ipse uero Ernanus quamlibet infirmis propriis tamen uestigiis a portu obuiare sancto conabatur ualde alacer. Sed cum esset inter ambos quasi xxiiii. pasuum interuallum subita morte praeuentus, priusquam sanctus faciem eius uideret uiuentis, expirans in terram cecidit; ne uerbum sancti ullo frustraretur modo. Vnde in eodem loco ante ianuam canabae crux infixata est; et altera ubi sanctus restitit illo expirante similiter crux hodieque infixata stat.

#### **I.44 Sobre o bispo Crónán**

Noutra ocasião, veio ao encontro do santo um visitante da província dos Mumu<sup>164</sup>, que humildemente tentava esconder-se tanto quanto lhe era possível, para que ninguém soubesse que ele era um bispo. Contudo, isto não podia passar despercebido ao santo. Num Domingo, quando o santo ordenou que ele consagrasse, segundo o costume, o corpo de Cristo, o visitante chamou o santo para que partissem o pão do Senhor como dois presbíteros. Então o santo dirigiu-se ao altar e, de súbito olhando para o rosto dele, falou-lhe assim: “Cristo te abençoe, irmão. Parte este pão sozinho, segundo o rito episcopal<sup>165</sup>. Sabemos agora que és um bispo. Porque te tentaste esconder até agora, de tal modo que não te foi prestada a veneração que por nós te é devida?” Ao ouvir as palavras do santo, o humilde peregrino, deveras estupefacto, venerou Cristo no santo. E os que ali estavam presentes, muito maravilhados, glorificaram Deus.

#### **I. 45 A profecia do homem santo a respeito do presbítero Ernán**

Noutra ocasião, o homem venerando enviou o presbítero Ernán, seu tio idoso<sup>166</sup>, para que se tornasse prior do mosteiro que fundara há muitos anos atrás na ilha de Hinba. O santo, quando da partida dele, beijando-o, abençoou-o e proferiu a seu respeito este vaticínio: “Não tenho esperança de voltar a ver em vida neste mundo este meu amigo que agora parte.”

Então, alguns dias depois, o mesmo Ernán, afligido por uma doença, foi trazido por sua vontade de volta ao santo. O santo, muito contente com a chegada dele, pôs-se a caminho do porto para o encontrar. Ernán, por sua vez, ainda que enfermo, tentou todavia deixar o porto para ir ao encontro do santo pelos seus próprios pés. Mas, quando um espaço de cerca de vinte e quatro passos os separava, caiu por terra soltando o último suspiro,

---

<sup>164</sup> A província do Munster.

<sup>165</sup> Ver “Introdução”, p. 14, n. 34.

<sup>166</sup> Uma vez que não há registo de um irmão do pai de São Columba com este nome, Ernán seria provavelmente um tio materno.

#### **I.46 De alicuius plebei familiola sancti profetia uiri**

ALIO quoque in tempore quidam inter ceteros ad sanctum plebeus uenit in loco hospitantem qui scotice uocitatur Coire salcháin. Quem cum sanctus ad se uespere uenientem uidisset, ‘Vbi,’ ait, ‘habitas?’ Ille inquit: ‘In regione quae litoribus stagni Crog reth est contermina ego inhabito.’ ‘Illam quam dicis prouinciolam’ ait sanctus ‘nunc barbari populantur uastatores.’ Quo audito miser plebeus maritam et filios deplangere coepit. Quem sanctus ualde merentem uidens consulans inquit: ‘Vade homuncule, uade. Tua familiola tota in montem fugiens euassit; tua uero omnia pecuscula secum inuasores abigerunt, omnemque domus suppellectilem similiter saeui raptores cum praeda rapuere.’ Haec audiens plebeus ad patriam regresus cuncta sicuti a sancto praedicta sic inuenit expleta.

tomado por uma morte súbita, antes que o santo visse o seu rosto em vida, e para que a palavra deste não se tornasse de algum modo vã.

Daí que naquele lugar, frente à entrada do secadouro de cereal<sup>167</sup>, tenha sido colocada uma cruz. E, nos nossos dias, outra cruz ergue-se igualmente no lugar onde o santo se deteve quando Ernán soltou o seu último suspiro.

#### **I. 46 A profecia do homem santo a respeito da família de um plebeu**

Noutra ocasião, veio um plebeu, entre os demais, ter com o santo, que se encontrava hospedado no lugar que em irlandês se chama *Coire Salcháin*<sup>168</sup>. Quando, ao entardecer, o santo o viu vindo na sua direcção, perguntou-lhe: “Onde moras?” Ele respondeu-lhe: “Moro na região limítrofe às margens do lago de Crog reth<sup>169</sup>.” Ao que o santo lhe disse: “Neste momento, bárbaros saqueadores estão a devastar a província de que falas.” Quando ouviu isto, o pobre plebeu começou a chorar a sua mulher e os seus filhos. O santo, vendo-o tão angustiado, reconfortou-o com as seguintes palavras: “Vai, homem, vai. Toda a tua família escapou, fugindo para a montanha; mas os invasores levaram com eles todos os teus animais, e, ladrões selvagens, roubaram também com o saque os teus bens domésticos.” Ouvindo isto, o plebeu regressou à sua terra e descobriu que tudo acontecera tal como o santo predissera.

---

<sup>167</sup> Na tradução de *canaba* seguimos SHARPE, 1995, pp. 308-309. Baseando-se na associação entre este termo latino e o vernáculo *áith* para um tipo de forno destinado à secagem das espigas prévia à debulha, o tradutor defende uma aceção especializada de *canaba* em latim hibernico, designando o conjunto do aparato do forno e da estrutura edificada que o continha.

<sup>168</sup> Local não identificado, na Escócia.

<sup>169</sup> ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. 83, n. 109 sugerem o Loch Rannoch, na Escócia.

#### **I.47 De quodam plebeo Goreo nomine filio Aidani sancti profetia uiri**

ALIO itidem in tempore quidam plebeus omnium illius aetatis in populo Korkureti fortissimus uirorum a sancto percunctatur uiro qua morte esset praeueniendus. Cui sanctus: 'Nec in bello,' ait, 'nec in mari, morieris. Comes tui itineris a quo non suspicaris causa erit tuae mortis.' 'Fortassis,' inquit Goreus, 'aliquis de meis comitantibus amicis me trucidare cogitet; aut marita ob alicuius iunioris uiri amorem me maleficio mortificare.' Sanctus: 'Non ita,' ait, 'continget.' 'Quare,' Goreus inquit, 'de meo interfectore mihi nunc intimare non uis?' Sanctus: 'Idcirco,' ait, 'nolo tibi de illo tuo comite nocuo nunc manifestius aliquid edicere, ne te eius crebra recogniti recordatio nimis mestificet, donec illa ueniat dies qua eiusdem rei ueritatem probabis.'

Quid inmoramur uerbis? Post aliquot annorum excursus idem supra memoratus Goreus casu alia die sub nauis resedens cultello proprio cristiliam de astili eradebat. Tum deinde alios prope inter se belligerantes audiens citius surgit, ut eos a belligeratione separaret; eodemque cultello illa subitatione neglegentius in terra dimiso eius genucla offenso grauiter uulnerata est. Et tali faciente comite, causa ei mortificationis aborta est; quam ipse continuo secundum sancti uaticinationem uiri mente percussus, recognouit. Postque aliquantos menses eodem aggrauatus dolore moritur.

### **I. 47 A profecia do homem santo a respeito dum certo plebeu chamado Guaire, filho de Áedán**

Também noutra ocasião, um certo plebeu, o mais forte dos homens daquele tempo entre o povo dos Corcu Réti<sup>170</sup>, perguntou ao homem santo por que morte seria tomado. O santo respondeu-lhe: “Não morrerás nem em batalha, nem no mar. Um companheiro da tua viagem, de quem não suspeitas, será a causa da tua morte.” E Guaire disse: “Talvez um dos amigos que me acompanham tenha a intenção de me assassinar, ou a minha mulher a de me matar por meio de um feitiço, pelo amor de um homem mais novo.” Ao que o santo retorquiu: “Não acontecerá assim.” E Guaire inquiriu: “Porque não me queres informar agora sobre quem me matará?” Ao que o santo respondeu: “Não quero dar-te agora a conhecer algo de mais explícito sobre aquele teu perigoso amigo, para que a recordação frequente daquilo que sabes não te aflija em demasia, até que chegue aquele dia em que constatarás a verdade deste assunto.”

Porquê demorarmo-nos nas palavras? Passados alguns anos, certo dia aconteceu que o mesmo Guaire, de quem falámos acima, estava a raspar a casca<sup>171</sup> dum vara com a sua própria faca, sentado sob um barco. Foi então que, ao ouvir perto dele os outros lutando entre si, se levantou rapidamente para acabar com a luta, e o seu joelho foi gravemente ferido ao chocar com aquela faca, que, por causa daquele movimento repentino, ele deixou negligentemente cair ao chão. De tal acção do companheiro nasceu<sup>172</sup> a causa da sua morte. E ele de imediato reconheceu com consternação que acontecera de acordo com o vaticínio do homem santo. Alguns meses depois, afligido por esta dor, morreu.

---

<sup>170</sup> Os Dál Ríata.

<sup>171</sup> Única ocorrência conhecida de *crustilia*. Tem sido interpretada, dado o contexto, como derivando de *crusta*. Cf. ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. 84, n. 113; SHARPE, 1995, p. 311.

<sup>172</sup> *oborta*; ver I. 19, n. 101.

**I.48 De alia etiam re quamlibet minore puto non esse tacenda sancti iucunda  
praescientia et profetizatio uiri**

ALIO namque in tempore cum sanctus in Ioua inhabitaret insula, unum de fratribus aduocans sic compellat: ‘Tertia ab hac inlucescente die exspectare debebis in occidentali huius insulae parte, super maris oram sedens. Nam de aquilonali Euerniae regione quaedam hospita grus uentis per longos aeris agitata circuitus post nonam diei horam ualde fessa et fatigata superueniet, et pene consumptis uiribus coram te in litore cadens recumbet. Quam misericorditer subleuare curabis, et ad propinquam deportabis domum, ibidemque hospitaliter receptam per tres dies et noctes ei ministrans sollicite cibabis. Et post, expleto recreata triduo, nolens ultra apud nos perigrinari, ad priorem Scotiae dulcem unde orta remeabit regionem plene resumptis uiribus. Quam ideo tibi sic deligenter commendo, quia de nostrae paternitatis regione est oriunda.’

Obsecundat frater, tertiaque die post horam nonam ut iusus praescitae aduentum prestulatur hospitae; aduentantemque de litore leuat lapsam, ad hospitium portat infirmam, essurientem cibant. Cui ad monasterium uespere reuerso sanctus non interrogans sed narrans ait: ‘Benedicat te deus mi filii, quia perigrinae bene ministrasti hospitae; quae in perigrinatione non demorabitur, sed post ternos soles ad patriam repeda(b)it.’ Quod ita ut sanctus praedixit et res etiam probauit. Nam trinalibus hospitata diebus, coram hospite ministro de terra se primum uolando eleuans in sublime, paulisperque in aere uiam speculata, ociani transuadato equore ad Euerniam recto uolatus cursu die repedaui tranquillo.

**I.48 De outro assunto, ainda que de menor importância, mas a respeito do qual julgo que não devem passar em silêncio a aprazível presciência e a profecia do santo homem**

Noutra ocasião, estando a viver em Iona, o santo chamou um dos irmãos e disse-lhe assim: “No terceiro dia a contar deste que agora clareia, deverás esperar sentado na costa, na parte ocidental desta ilha. É que, depois da nona hora do dia, chegará da região norte da Irlanda um visitante muito cansado e fatigado, um grou<sup>173</sup> sacudido pelo vento em longos círculos pelos ares; e quase sem forças cairá no litoral e ficará prostrado ante ti. Cuidarás de o erguer misericordiosamente e levá-lo-ás para a casa ali próximo. Aí será recebido com hospitalidade durante três dias e três noites, e tu tratarás dele solícitamente, dando-lhe de comer. Findo o período de três dias, refeito e não desejando permanecer por mais tempo em peregrinação junto de nós, regressará, com as suas forças plenamente restabelecidas, à doce região da Irlanda, de onde primeiro veio. É por ele ser oriundo da nossa região pátria que to confio com tantos cuidados.”

O irmão obedeceu e, ao terceiro dia, depois da nona hora, aguardou, como lhe fora ordenado, a chegada do visitante previsto. Quando este chegou e caiu, ele ergueu-o da costa; levou-o debilitado para o abrigo; a ele que estava faminto, alimentou-o. Depois de ter regressado ao mosteiro ao entardecer, o santo disse-lhe, sem o interrogar, mas afirmando: “Que Deus te abençoe, meu filho, pois trataste bem o visitante peregrino, que não se demorará na sua peregrinação, mas tornará à pátria passados três dias.”

O que aconteceu veio também provar isto, tal como o santo o predisse. Com efeito, depois de ter estado hospedado por três dias, o grou elevou-se primeiro do chão, na presença daquele que o recebera e que dele cuidara, e evolou-se nas alturas. Tendo observado por momentos o caminho em pleno ar, atravessou a extensão do oceano e, em voo recto, regressou à Irlanda naquele dia tranquilo.

---

<sup>173</sup> Ou uma garça. Sharpe duvida que Adomnán fizesse a distinção entre *grus* (grou) e *ardea* (garça), uma vez que na sua língua nativa uma mesma palavra, *corr*, designava ambas as espécies de aves. SHARPE, 1995, p. 311.

#### **I.49 De bello quod in munitione Cethirni post multa commissum est tempora, et de quodam fonticulo eiusdem terrulae proximo beati praesentia uiri**

ALIO in tempore uir beatus cum post regum in dorso Cethe conductum, Aidi uidelicet filii Ainmurech, et Aidani filii Gabrani, ad campos reuerteretur equoreos, ipse et Comgellus abbas quadam serena aestei temporis die haut procul a supra memorata munitione resedent. Tum proinde aqua de quodam proximo ad manus lauandas fonticulo ad sanctos in eneo defertur uasculo. Quam cum sanctus Columba accipisset ad abbatem Comgellum a latere sedentem sic profatur: ‘Ille fonticulus O Comgelle de quo haec effusa nobis allata est aqua ueniet dies quando nullis uisibus humanis aptus erit.’ ‘Qua causa’, ait Comgellus, ‘eius fontana corrumpetur unda?’ Sanctus tum Columba: ‘Quia humano’, inquit, ‘cruore replebitur. Nam mei cognationales amici, et tui secundum carnem cognati, (hoc est Nellis nepotes, et Cruthini populi) in hac uicina munitione Cethirni belligerantes committent bellum. Vnde in supra memorata fonte aliquis de mea cognitione trucidabitur homuncio; cuius cum ceteris interfecti sanguine eiusdem fonticuli locus replebitur.’

Quae eius ueridica suo tempore post multos uaticinatio expleta est annos. In quo bello ut multi norunt populi Domnallus Aidi filius uictor sublimatus est; et in eodem secundum sancti uaticinium uiri fonticulo quidam de parentela eius interfectus est homo. Alius mihi Adomnano Christi miles Finanus nomine, qui uitam multis anchoriticam annis iuxta roboreti monasterium campi inreprehensibiliter ducebat, de eodem bello se praesente commiso aliqua enarrans, protestatus est in supradicto fonte truncum cadauerinum uidisse; eademque die ad monasterium sancti Comgil quod scotice dicitur Cambas commiso reuersum bello, quia inde prius uenerat; ibidemque duos sancti Comgilli senes monachos repperisse, quibus cum de bello coram se acto et de fonticulo humano cruore corrupto aliquanta enarraret, illi consequenter: ‘Verus profeta Columba’, aiunt, ‘qui haec omnia, quae hodie de bello et de fonticulo expleta enarras, ante multos annos futura nobis audientibus coram sancto Comgello iuxta Cethirni sedens munitionem praenuntiauerat.’

#### **I.49 A presciência do homem santo a respeito da batalha travada muito tempo depois no forte de Cethern, e a respeito de uma fonte perto da terra deste forte**

Noutra ocasião, quando o bem-aventurado homem regressava às planícies costeiras, depois da convenção dos reis na Colina de Cett - eram eles Aéd, filho de Ainmire, e Áedán, filho de Gabrán - ele e o abade Comgall<sup>174</sup>, num dia estival de céu limpo, estavam sentados não muito longe do forte acima referido. Então, água de uma fonte próxima foi trazida aos santos num recipiente de bronze, para que lavassem as mãos. Como São Columba a recebesse, falou assim ao abade Comgall, que estava sentado ao seu lado: “Virá o dia, ó Comgall, em que aquela fonte, da qual foi trazida esta água que verteram para nós, não terá qualquer utilidade para os homens.” E Comgall perguntou: “Por que motivo serão corrompidas as suas águas de nascente?” Então São Columba disse: “Porque será inundada por sangue humano. É que os meus parentes próximos e os teus parentes de sangue, isto é, os descendentes de Níall e o povo dos Cruithni, entrarão em guerra e travarão uma batalha no forte vizinho de Cethern<sup>175</sup>. E então um parente meu será assassinado na nascente de que acima falei; e, morto com os restantes, o seu sangue inundará o lugar daquela fonte.”

Muitos anos depois, cumpriu-se a seu tempo este vaticínio verdadeiro do santo. Naquela batalha, como muitos povos ficaram a saber, Domnall, filho de Áed, foi exaltado como vencedor, e, de acordo com o vaticínio do homem santo, um homem da sua linhagem foi morto naquela fonte.

Um outro soldado de Cristo, chamado Fínán, que por muitos anos levou irrepreensivelmente uma vida de anacoreta junto ao mosteiro da Planície dos Carvalhos<sup>176</sup>,

---

<sup>174</sup> São Comgall fundou, em 555 ou 559, o importante mosteiro de Bangor, onde São Columbano foi seu monge e aluno. Pertencia à principal *gens* dos Cruithni, os Dál nAirdi, e terá vivido até 601 ou 602. A *Vita S. Comgalli* (PLUMMER, 1910, vol. II, pp. 3-21) sobrevive numa versão tardia do século XIII.

<sup>175</sup> A batalha de Dún Cethirn foi travada em 629 entre o então rei dos Uí Néill do Norte, Domnall mac Áedo (ver I. 10, n. 1), e Congal Cáech, rei dos Cruithni que deteve por pouco tempo o trono de Tara (ver “Introdução“, pp. 10-11). Com a derrota deste último, Domnall mac Áedo foi aclamado rei de Tara, mas Congal Cáech voltaria a atacar o parente de São Columba em 637, na já referida batalha de Mag Roth. Desconhece-se o localização exacta de Dún Cethirn, algures a oeste de Coleraine, no actual condado de Londonderry, no Ulster.

<sup>176</sup> Mosteiro de Durrow.

### **I.50 De diuersorum discretione xeniorum sancto reuelata uiro diali gratia**

EODEM in tempore Conallus episcopus Cule rathin, collectis a populo campi Eilni pene innumerabilibus xeniis, beato uiro hospitium praeparauit post conductum supra memoratorum regum turba prosequente multa reuertenti. Proinde sancto aduenienti uiro xenia populi multa in platea monasterii strata benedicenda adsignantur. Quae cum benedicens aspiceret, xenium alicuius opulenti uiri specialiter demonstrans: ‘Virum’, ait, ‘cuius est hoc xenium pro misericordiis pauperum et eius largitione dei comitatur misericordia.’

Itemque aliud discernit inter alia multa xenium, inquiens: ‘De hoc ego xenio uiri sapientis et auari nullo modo gustare possum nisi prius ueram de peccato auaritiae penitudinem egerit.’ Quod uerbum cito in turba diulgatum audiens adcurrit Columbus filius Aidi conscius, et coram sancto flexis genibus penitentiam agit, et de cetero auaritiae abrenuntiaturum se promittit, et largitatem cum morum emendatione consequatur. Et iusus a sancto surgere ex illa hora est sanatus de uitio tenacitatis. Erat enim uir sapiens sicuti sancto in eius reuelatum erat xenio.

contou-me, a mim Adomnán, alguns factos a respeito daquela batalha, travada na sua presença, e declarou ter visto na fonte acima mencionada o tronco de um cadáver; e que, naquele mesmo dia, regressou da batalha que fora travada ao mosteiro de São Comgall, que em irlandês se chama Cambas<sup>177</sup>, pois dali viera antes; que ali encontrou dois monges idosos de São Comgall, a quem contou alguns factos a respeito da batalha que presenciara e sobre a fonte corrompida por sangue humano; e que a isto eles disseram: “Columba foi um verdadeiro profeta, ele que, há muitos anos atrás, sentado junto ao forte de Cethern, na presença de São Comgall, nós ouvimos predizer que aconteceriam todas estas coisas a respeito da batalha e da fonte, que nos contas terem hoje sido cumpridas.

### **I. 50 Sobre a distinção de ofertas diferentes, revelada ao homem santo pela graça divina**

Naquele mesmo tempo, Conall, bispo de Cúl Raithin, tendo colectado ofertas quase inumeráveis do povo da Planície de Eilne<sup>178</sup>, preparou aposentos para hospedar o bem-aventurado homem, que regressava da convenção dos reis acima mencionados, seguido por uma grande multidão. Assim, quando o homem santo chegou, as numerosas ofertas do povo, dispostas no pátio do mosteiro, foram-lhe confiadas para que ele as abençoasse. Quando as observou ao abençoá-las, indicou em particular a oferta de um certo homem abastado, e disse: “A misericórdia de Deus acompanha o homem a quem pertence esta oferta, pela sua misericórdia para com os pobres e pela sua generosidade.”

De modo semelhante, destacou outra oferta entre tantas outras, e disse: “Não posso, de modo algum, provar desta oferta de um homem sábio e avarento, a menos que primeiro ele pratique penitência sincera pelo pecado da avareza.” Ouvindo estas palavras,

---

<sup>177</sup> Camus, junto ao rio Bann, a sul de Coleraine.

<sup>178</sup> Mag nEilni, a oeste do rio Bann, era território de um ramo dos Dál nAiridi. O mosteiro de Cúl Raithin, actual Coleraine, também sede episcopal, parece ter sido a igreja principal desta *tíath* e uma das mais importantes dos Cruithni.

Ille uero diues largus, Brendenus nomine, de cuius xenio paulo superius dictum est, audiens et ipse sancti uerba de se dicta ingeniculans ad pedes sancti precatur, ut pro eo ad dominum sanctus fundat precem. Qui ab eo primum pro quibusdam suis obiurgatus peccatis penitudinem gerens, de cetero se emendaturum promissit. Et sic uterque de propriis emendatus et sanatus est uitiiis.

Simili scientia sanctus et alio tempore xenium alicuius tenacis uiri inter multa cognouit xenia, Diormiti nomine, ad cellam magnam Deathrib in eius aduentu collecta.

Haec de beati uiri profetica gratia, quasi de plurimis pauca, in huius libelli textu primi craxasse sufficiat. Pauca dixi, nam hoc de uenerabili uiro non est dubitandum, quod ualde numerosiora fuerint quae in notitiam hominum sacramenta interius celata uenire nullo modo poterant quam ea quae quasi quaedam parua aliquando stillicidia ueluti per quasdam rimulas alicuius pleni uassis feruentissimo nouo distillabant uino. Nam sancti et apostolici uiri uanam euitantes gloriam plerumque in quantum possunt interna quaedam arcana sibi intrinsecus a deo manifestata celare festinant. Sed deus nonnulla ex eis, uellint nollint ipsi,

que depressa foram divulgadas entre a multidão, Columb, filho de Áed, reconhecendo-se culpado, correu para o santo e, de joelhos, penitenciou-se ante ele e prometeu que dali em diante renunciaria à avareza, emendaria os seus hábitos e seguiria o caminho da generosidade. O santo ordenou que ele se erguesse e, a partir daquele momento, ficou curado do vício da mesquinhez. Na verdade, ele era um homem sábio, tal como fora revelado ao santo na oferta dele.

Quanto ao homem rico e generoso, chamado Brendan, de cuja oferta falámos um pouco mais acima, também ele ouvindo as palavras do santo ditas a seu respeito, ajoelhou-se aos pés do santo e rogou-lhe que vertesse em seu favor uma prece ao Senhor. Foi primeiro admoestado por ele por causa de alguns pecados seus e, penitenciando-se, prometeu emendar-se dali em diante. E assim, um e outro foram emendados e curados dos seus vícios pessoais.

Noutra ocasião e com conhecimento semelhante, o santo reconheceu a oferta de um homem somítico, chamado Díarmait, entre muitas ofertas colectadas para a grande igreja de Díthruib<sup>179</sup>, por ocasião da sua chegada.

Que baste ter escrito, no texto deste primeiro livro, como poucas de entre muitas, estas coisas acerca do dom profético do bem-aventurado homem. Disse poucas, uma vez que, no que diz respeito ao homem venerando, não devemos duvidar que muito mais numerosos foram os mistérios escondidos no seu íntimo, que não puderam chegar ao conhecimento dos homens, do que aqueles que, como pequenas gotas, pingavam por vezes através das fendas de um jarro já cheio de um muito fermentado vinho novo<sup>180</sup>. Com efeito, os homens santos e apostólicos, evitando a vanglória, apressam-se quase sempre a ocultar tanto quanto podem alguns segredos íntimos que lhes são revelados por Deus. Mas, quer eles o queiram quer não, Deus divulga alguns deles e, qualquer que seja o modo,

---

<sup>179</sup> Tradução de Cell Mór Díthruib, sendo que o último elemento, não traduzido por Adomnán, corresponde ao genitivo singular de *díthrub*, “local solitário”. Parece corresponder à actual igreja de Kilmore, na margem ocidental do rio Shannon, no condado de Roscommon.

<sup>180</sup> Cf. Mt 9, 17; Mc 2, 22; Lc 5, 37-38.

deuulgat et in medium quoquo profert modo; uidelicet glorificare uolens glorificantes se sanctos, hoc est ipsum dominum, cui gloria in saecula saeculorum.

Huic primo libro hic inponitur terminus.

dá-los a conhecer aos homens, desejando decerto glorificar os santos que O glorificam, a ele o Senhor, de quem é a glória para os séculos dos séculos.

Aqui é posto termo a este livro primeiro.



## BIBLIOGRAFIA

### Textos e Traduções

ANDERSON, Alan Orr & ANDERSON, Marjorie Ogilvie (ed. e trad.), *Adomnán's Life of Columba*, Oxford Medieval Texts, Clarendon Press, 1991.

*Biblia Sacra Vulgata*, Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.

COLGRAVE, B. & MYNORS, R. (ed. e trad.), *Bede's Ecclesiastical History of the English People*, Oxford Medieval Texts, 1969.

FONTAINE, J. (ed. e trad.), *Sulpice Sévère: Vie de S. Martin*, 3 vols., Sources Chrétiennes, 133-135, Paris, 1967-1969.

HANSON, Richard P. C. (ed. e trad.), *Saint Patrick: Confession et Lettre à Coroticus*, Sources Chrétiennes, 249, Paris, 1978.

HOWLETT, David (ed. e trad.), *Muirchú Moccu Macthéni's 'Vita Sancti Patrici', Life of Saint Patrick*, Four Courts Press, 2006.

MAC AIRT, S. & MAC NIOCAILL, G. (ed. e trad.), *The Annals of Ulster (to AD 1131)*, Dublin, 1983.

MEEHAN, Denis (ed. e trad.), *Adamnan's De locis Sanctis, Scriptores Latini Hiberniae*, vol. III, Dublin, 1983.

MIGNE, J. -P. (ed.), *Patrologiae cursus completes. Series Latina*, Paris, 1844-1855; 1862-1865.

NESTLE-ALAND (ed.), *Novum Testamentum Graece et Latine*, Deutsche Bibelgesellschaft, 2002.

PLUMMER, C. (ed.), *Vitae Sanctorum Hiberniae*, 2 vols, Oxford, 1910.

PRICOCO, Salvatore (intr. e com.), SIMONETTI, Manlio (ed. e trad.), *Gregorio Magno: Storie di Santi e di Diavoli (Dialoghi)*, 2 vols, Fondazione Lorenzo Valla, 2005-2006.

REEVES, William (ed.), *The Life of Columba Written by Adamnan*, Dublin, 1857.

SHARPE, R. (trad.), *Adomnán of Iona: Life of St Columba*, Penguin, 1995.

STOKES, Whitley (ed. e trad.), “The Annals of Tigernach, Third Fragment (AD 489-766)”, *Revue Celtique*, 17, 1896, pp. 133-136.

STOKES, Whitley, *Goidelica: Old and Early Middle-Irish Glosses, Prose and Verse*, London, 1872.

## **Estudos**

BIELER, Ludwig, “Review of Anderson”, in *Irish Historical Studies*, 13, 1962-63, pp. 175-184.

BIELER, Ludwig, “The Celtic Hagiographer”, *Studia Patristica*, 5, 1962, pp. 243-265.

BOURKE, Cormac (ed.), *Studies in the Cult of Saint Columba*, Four Courts Press, Dublin, 1997.

BRUCE, J., *Prophecy, miracles, angels and divine light: the eschatology, pneumatology and missiology of Adomnán's Life of Columba*, Paternoster, Milton Keynes, 2004.

BRUNHÖLZL, Franz, *Histoire de la Littérature Latine du Moyen Âge: Tome I - De Cassiodore à la fin de la renaissance carolingienne*, trad. H. Rochais, compléments bibliographiques par Jean-Paul Bouhotp, Brepols, 1991.

BRÜNING, Gertrud “Adamnans Vita Columbae und Ihre Ableitungen”, in *Zeitschrift für Celtische Philologie*, 11, 1917, pp. 213-304.

BYRNE, Francis J., *Irish Kings and High-Kings*, Four Courts Press, Dublin, 2<sup>a</sup> Edição, 2001.

CHARLES-EDWARDS, T. M., *Early Christian Ireland*, Cambridge University Press, 2000.

CHIESA, Paolo & CASTALDI, Lucia, (eds), *La Trasmissione dei Testi Latini del Medioevo (Te. Tra. I)*, SISMEL, 2004.

ENRIGHT, M. J., “Royal succession and abbatial prerogative in Adomnán’s *Vita Columbae*”, *Peritia*, 4, 1985, Brepols, 1985, pp. 83-103.

FRASER, J., *From Caledonia to Pictland – Scotland to 795*, Edinburgh University Press, 2009.

FRASER, J., “Adomnán, Cumméne Ailbe, and the Picts”, *Peritia*, 17-18, Brepols, 2003-2004.

HERBERT, Máire, *Iona, Kells and Derry: The History and Hagiography of the Monastic Familia of Columba*, Clarendon Press, Oxford, 1988.

HERREN, Michael, “Old Irish lexical and semantic influence on Hiberno-Latin”, in P. Ní Catháin e M. Richter (ed.), *Ireland and Europe: The Early Church*, Stuttgart, 1984, pp. 197-209.

HERREN, Michael, “Insular Latin *C(h)araxare* (craxare) and its derivatives”, *Peritia*, 1, 1982, pp. 273-280.

LECLERCQ, Jean, “Un Recueil d’Hagiographie Colombanienne”, in *Analecta Bollandiana*, 73, 1955, pp. 193-96.

MCCARTHY, Daniel P., “On the shape of the insular tonsure”, *Celtica* 24, Dublin, 2003, pp. 140-167.

MECKLER, Michael, “Kinship in Adomnan's *Vita S. Columbae*”, in Dorothea Walz, (ed.), *Scripturus vitam: lateinische Biographie von der Antike bis in die Gegenwart* ((Festschrift für Walter Berschin), Heidelberg, 2002, pp. 723-730.

MECKLER, Michael, “Colum Cille’s Ordination of Aedán mac Gabráin”, *Innes Review*, 41, 1990, pp. 139-150.

NASCIMENTO, Aires. A. (ed. e trad.), *Navegação de S. Brandão nas fontes portuguesas medievais*, Edições Colibri, Lisboa, 1998.

Ó CRÓINÍN, Dáibhí (ed.), *A New History of Ireland I - Prehistoric and Early Ireland*, Oxford, 2005.

Ó CRÓINÍN, Dáibhí, *Early Medieval Ireland: 400-1200*, Longman, London, 1995.

PICARD, Jean-Michel, “Adomnán’s *Vita Columbae* and the Cult of Colum Cille in Continental Europe”, in *Proceedings of the Royal Irish Academy*, 98, Dublin, 1998, pp. 1-23.

PICARD, Jean-Michel, “*Eloquentia Exuberantia*: Words and forms in Adomnán’s *Vita Columbae*”, *Peritia*, 6-7, 1987-88, Brepols, pp. 141-157.

PICARD, Jean-Michel, “The metrical prose of Adomnán’s *Vita Columbae*: an unusual system”, in P. Ní Catháin e M. Richter (ed.), *Ireland and Europe: The Early Church*, Stuttgart, 1984, pp. 258-271.

STANSBURY, M., “The composition of Adomnán’s *Vita Columbae*”, *Peritia* 17-18, Brepols, 2003-2004, pp. 154-182.

TANAKA, Miho, “Iona and the kingship of Dál Riata in *Adomnán's Vita. Columbae*”, *Peritia*, 17-18, Brepols, 2003-2004, pp. 199-214.

WOODING, Jonathan M. (ed.), *Adomnán of Iona: theologian, lawmaker, peacemaker*, Four Courts Press, Dublin, 2010.

INDEX LOCORVM SACRAE SCRIPTVRAE

	<i>pág.</i>
Deuteronomium	
19, 15	73
Iosue	
1, 9	69
I Samuhel	
16, 1-14	40
Psalmi	
50, 19	127
44	143
Prouerbia	
22, 1	57
Sapientia	
4, 13	129
Matthaeus	
3, 16	55
9, 17	167
9, 29	83
10, 16	52
14, 16	83
Marcus	
1, 10	55

2, 22	167
<b>Lucas</b>	
3, 22	55
5, 37-38	167
<b>Iohannes</b>	
1,32	55
<b>Actus Apostolorum</b>	
9, 15	153
<b>Ad Romanos</b>	
9, 8	57
12, 1	129
<b>I ad Corinthios</b>	
5, 3	73
6, 17	73
<b>II ad Corinthios</b>	
12, 2	153
<b>Ad Galatas</b>	
4, 28	57

INDEX LOCORVM

	<i>pág.</i>
ADOMNÁN	
<i>De Locis Sanctis</i>	
II. 30, 28	119
II. 4, 3	81
II. 7, 3	81
BEDA	
<i>Hist. eccl.</i>	
2. 20	69
3. 1	69
3.3	13
3. 4	21, 23
3. 25	40
5. 15	31
5. 21	31
CASSIVS DIO	
LXXVI, 9	91
DIONYSIVS. EXIGVVS	
<i>epist. de pasch. 1</i>	
20	53
EVAGRIVS	
<i>uita Anton.</i>	
40	59

GILDAS	
<i>Brit.</i>	
17	53
GREGORVS MAGNVS	
<i>dial.</i>	
2, <i>Prol.</i> , 1	55
2, 12-22	36
2, 23-33	36
2, 34-35	36
2, 35	153
2, 37	36
4, 8	153
MUIRCHÚ	
<i>Vita S. Patricii</i>	
I.11	131
PATRICIVS	
<i>conf.</i>	
41	15
SVLPICIVS SEVERVS	
<i>Mart.</i>	
<i>Praef.</i> 3	53
1. 8	53
1. 9	53, 57
19. 5	53
26, 3	59



## Índice

<b>Prefácio</b>	5
<b>Introdução</b>	7
<b>1. Uma ilha, muitos tronos: esboço político da Irlanda de São Columba a Adomnán</b>	7
<b>2. Bispos e abades numa Igreja diferente: o exemplo de Iona nos séculos VI e VII</b>	13
<b>3. Columba: o homem por detrás do santo</b>	23
<b>4. Adomnán: o homem por detrás da obra hagiográfica</b>	28
<b>5. A <i>Vita S. Columbae</i></b>	34
5.1. <i>Miracula per tris diuisa libros</i> : estrutura, fontes e modelos	34
5.2. <i>Quasi unus profetarum Dei</i> : as profecias de São Columba no contexto das intenções da obra hagiográfica	38
5.3. Apontamentos sobre a prosa de Adomnán	42
5.4. <i>Humana onomata aut gentium obscura uocabula</i> : fórmulas onomásticas na <i>Vita S. Columbae</i>	45
5.5. Da tradução	49
<b>Vida de São Columba: Livro I</b>	51
<b>Bibliografia</b>	171
<b>Index Locorum Sacrae Scripturae</b>	176
<b>Index Locorum</b>	178
<b>Anexos</b>	183
Anexo I: A tradição manuscrita da versão longa da <i>Vita S. Columbae</i>	185



# **Anexos**



## **Anexo I - A tradição manuscrita da versão longa da *Vita S.***

### ***Columbae***

Aquela que é provavelmente a versão integral mais próxima do texto concebido pelo autor chegou até nós em apenas cinco manuscritos, cuja ascendência remete para duas cópias que poderão ter sido produzidas ainda em vida de Adomnán – A e B.

A difusão da biografia de São Columba para o continente, acompanhando o estabelecimento do seu culto na Europa Central pela acção dos monges peregrinos irlandeses, foi veiculada na versão mais antiga da *Vita* contida em A. Por outro lado, tanto quanto sabemos, o texto transmitido pelos manuscritos B não atravessou o mar para além das costas da Grã-Bretanha. Mas no continente, o texto de Adomnán conheceu maior sucesso em recensões abreviadas do texto de A, algumas delas baseando-se já apenas remotamente na estrutura da narrativa original<sup>1</sup>.

O mais antigo manuscrito contendo a *Vita* – Schaffhausen, Generalia I (A)<sup>2</sup> - é um códice de sessenta e nove fólios onde apenas está presente o texto de Adomnán e, no retro do último fólio, o Pai-nosso em grego. Redigido com uma escrita regular e cuidada derivada da semi-uncial<sup>3</sup>, apresenta os títulos dos capítulos a tinta vermelha, a qual, por vezes conjugada com tinta amarela, foi também utilizada na decoração não só das letras com que principiam os capítulos, como também as que marcam segmentos internos dos episódios narrados. Esta decoração é, porém, simples, consistindo sobretudo no preenchimento das letras e por vezes em pontos que as contornam. O texto encontra-se distribuído em duas colunas por página, em geral de vinte e sete ou vinte e oito linhas. A ortografia, qualificada por William Reeves como “bárbara, ou no mínimo provinciana”, é característica dos antigos manuscritos irlandeses, quer insulares, quer continentais<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Para uma lista dos manuscritos contendo versões abreviadas da *Vita* ver BRÜNING, 1917.

<sup>2</sup> Uma digitalização de todo o códice, de excelente qualidade, encontra-se disponível no sítio *e-codices: Virtual Manuscript Library of Switzerland*, na página <http://www.e-codices.unifr.ch/en/sbs/0001/1>.

<sup>3</sup> ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. lxix.

<sup>4</sup> REEVES, 1857, p. xvii; Reeves foi o primeiro autor a apresentar uma descrição exaustiva do manuscrito, na qual lista minuciosamente todas as particularidades da ortografia utilizada, que prefere normalizar no texto da sua edição.

Para além das evidências relacionadas com o estado de conservação do códice e com as características da escrita e ortografia utilizadas, uma subscrição em 68v<sup>5</sup>, a tinta vermelha, remete consensualmente a produção do manuscrito para o início do século VIII. O nome do subscritor, Dorbbénne, é raro, ocorrendo apenas duas vezes nos Anais do Ulster, em ambas associado a Iona. Um certo Dorbbéne é brevemente referido como pai de Fáelchú, abade de Iona entre 716 e 722, assumindo o cargo já com setenta e três anos de idade. O segundo Dorbbéne mencionado nos Anais foi ele próprio abade de Iona durante alguns meses em 713, falecendo nesse mesmo ano. Certamente demasiado novo para ser o pai de Fáelchú, e tendo com grande probabilidade conhecido Adomnán, que morrera há apenas nove anos atrás, em 704, é a ele que se atribui a autoria de A, estabelecendo deste modo o ano 713 como *terminus ante quem* para a redacção do códice<sup>6</sup>.

Uma segunda mão, escrevendo em minúscula carolina do século IX<sup>7</sup>, é responsável por algumas correcções até 48v. Pouco relevantes do ponto de vista textual, estas alterações são, por um lado, normalizações ortográficas face às peculiaridades da ortografia insular, e, por outro, correcções duvidosas que apenas confundem o sentido do texto.

Um episódio inserido em 54v, escrito pela mão que se supõe ser de Dorbbéne, foi decerto previsto durante o decurso da cópia, já que o espaço em que viria a ser introduzido foi deixado em branco para o receber posteriormente. Tendo calculado mal o espaço de que necessitaria para fazer o acrescento, o copista foi forçado a utilizar uma letra de dimensões bastante menores do que as da que usara para o texto restante. É quase certo que o texto original de Adomnán não incluía este passo, que começa por mencionar explicitamente a fonte de que foi retirado – um livro relatando os milagres de São Columba escrito por Cumméne, o Branco<sup>8</sup>. Ora em nenhum outro lugar da obra Adomnán faz referência directa às suas fontes. Demais, Jean-Michel Picard demonstra, através da análise linguística do

---

<sup>5</sup> *Quicumque hos uirtutum libellos Columbae legerit pro me Dorbeneo deum deprecetur, ut uitam post mortem aeternam possedeam.*

<sup>6</sup> REEVES, 1857, p.xiv; ANDERSON & ANDERSON, 1991, pp. lxi-lxii.

<sup>7</sup> ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. lxxi.

<sup>8</sup> Em 1668 o beneditino francês Mabillon julgou ter identificado o livro de Cumméne numa das versões abreviadas da *Vita* (BHL 1884). Esta atribuição foi pela primeira vez refutada por Gertrud Brüning; cf. BRÜNING, 1917, pp. 264-69. Anderson & Anderson recapitulam os argumentos que demonstram que o texto deriva necessariamente de A; cf. ANDERSON & ANDERSON, 1991, pp. lxiii-lxv.

passo, que este não pode ter sido composto por Adomnán<sup>9</sup>.

Acerca das circunstâncias da chegada de A ao continente pouco se sabe. Facto é que, em 1621, o jesuíta irlandês Stephen White, na sua demanda por manuscritos insulares no continente, descobre o códice no mosteiro de Reichenau, do qual fez uma cópia que seria a base do texto incluído por John Colgan, em 1647, no seu *Trias Thaumaturga*<sup>10</sup>, e utilizado na primeira edição dos Bolandistas, em 1698<sup>11</sup>. Que A estaria neste mosteiro já no século XIII, parece demonstrá-lo uma ténue nota na margem inferior do retro do primeiro fólio, onde ainda é possível ler *liber Aug*<sup>12</sup>. No entanto, o manuscrito não surge listado nos catálogos de Reichenau datados do século IX.

A vinda de A para o continente sempre foi entendida na sequência das incursões viquingues nas ilhas escocesas, já nos finais do século VIII. Mais recentemente, Picard contraria esta ideia, defendendo que A terá abandonado os territórios insulares antes da conjuntura despoletada pelos Viquingues, propondo o Norte de França, e em particular os mosteiros de Péronne e Fosses, como primeiros receptáculos continentais da *Vita Columbae*<sup>13</sup>. Nesta região, a interação entre a monarquia franca e os círculos de monges irlandeses de Péronne, num primeiro momento sob a influência de São Columbano, e posteriormente acentuada por São Fursa e o seu irmão Foillán, fundador de Fosses, terá sido responsável pela introdução do culto dos principais santos irlandeses ainda no século VII<sup>14</sup>. Perante este quadro de relações, Picard chega a especular, sem que nada o possa provar, que o códice de Dorbbénne poderá ter sido encomendado por estes mosteiros sob o

---

<sup>9</sup> PICARD, Jean-Michel, “The Purpose of Adomnán’s *Vita Columbae*”, in *Peritia*, 3, 1982, pp. 160-77 *apud* ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. lxi.

<sup>10</sup> Esta obra consiste num volume em que o Franciscano irlandês John Colgan reuniu os textos das vidas de São Patrício, Santa Brígida e São Columba, editados e anotados.

<sup>11</sup> B.H.L. 1886

<sup>12</sup> Cf. ANDERSON & ANDERSON, 1991, p. liv; o nome latino do mosteiro de Reichenau era *Augia Diues*.

<sup>13</sup> PICARD, Jean-Michel “Adomnán’s *Vita Columbae* and the Cult of Colum Cille in Continental Europe”, in *Proceedings of the Royal Irish Academy*, 98, Dublin, 1998, pp. 1-23.

<sup>14</sup> *Ibid.* p. 5; ao fundar o mosteiro de Fosses em 650, Foillán recebe o patrocínio de Ita, mulher de Pipino I, bem como da sua filha Gertrudes. No texto biográfico do século VII desta princesa tornada santa, a *Vita Gertrudis*, um outro irmão de Foillán, Ultán, profetiza a morte de Gertrudes para o dia de São Patrício. Por outro lado, o mais antigo manuscrito da *Vita Brigittae* de Cogitoso (Paris, Lat. 2999), datado do século IX, provém do mosteiro de Saint Amand.

patronato de Fursa<sup>15</sup>.

Um segundo manuscrito, contendo a mais antiga e única cópia conhecida da versão integral da *Vita* tal como transmitida por Dorbbéne, vem em auxílio da hipótese de Picard. M – Metz, Grand Séminaire 1<sup>16</sup> – é um manuscrito de meados ou da segunda metade do século IX, redigido numa mão atribuída à escola episcopal de Reims e destinado ao mosteiro de Saint Mihiel, entre Reims e Metz. A *Vita Columbae* de Adomnán ocupa os primeiros setenta e nove fólios. Completam o códice a *Vita Columbani* e um *Hymnus Sancti Columbanide* de Jonas de Bóbio, seguidos das *Vitae* dos discípulos de Columbano escritas também por Jonas: *Vita Atalae*, *De beato Eustasio*, *De beato Bertulfo*, *De Monachis Ebobiensibus*<sup>17</sup>.

O texto de M termina no que corresponde ao fólio 67 de A, omitindo as linhas finais em jeito de epílogo, bem como a subscrição de Dorbbéne, que ocupam o fólio 68 em A. De resto, alguns elementos apontam para a ascendência de A sobre M. O passo acrescentado em A, atribuído à obra de Cumméne, está presente em M. Tal como A, M inclui um lista incompleta dos capítulos do Livro I, acrescentando no entanto um capítulo<sup>18</sup>. É, todavia, uma versão bastante corrupta de A. É prolífero em omissões, em especial no que

---

<sup>15</sup> *Ibid.* p. 6.

<sup>16</sup> Para a descrição detalhada do códice ver LECLERCQ, Jean, “Un Recueil d’Hagiographie Colombanienne”, in *Analecta Bollandiana*, 73, 1955, pp. 193-96; note-se que Leclercq afirma que o texto de M segue o de B (B.H.L. 1886), que na verdade corresponde a A. O paradeiro deste manuscrito era desconhecido desde o século XVII. REEVES, 1857, p. xxxviii, menciona apenas uma nota do historiador irlandês setecentista James Ussher, na sua cópia da colação de A feita por White, na qual Ussher refere um códice *San Miellanus* contendo a *Vita Columbae*. BRÜNING, 1910, parece desconhecer a sua existência. BIELER, 1962, é o primeiro a colacionar parcialmente M, tecendo algumas conclusões preliminares a respeito do lugar deste códice na tradição manuscrita da *Vita*.

<sup>17</sup> Cf. PICARD, 1998, pp. 5-6; M é um dos mais antigos manuscritos para estes textos, partilhando um arquétipo comum com manuscritos provenientes da região de Saint Amand/Nivelles/Fosses. Nele, Jonas de Bóbio é referido como *Jonas Elnonensis*, privilegiando na vida de Jonas os três anos que terá passado na Flandres, na companhia de Amando, fundador de Saint Amand. Mais uma vez as evidências parecem apontar para a presença de A nesta região.

<sup>18</sup> As diferenças no número de capítulos listados são pouco significativas para a transmissão do texto, uma vez que qualquer copista poderia ter a iniciativa de acrescentar um título em falta na lista do manuscrito original, limitando-se a copiá-lo a partir do título que introduz o respectivo capítulo.

diz respeito aos patronímicos e outro tipo de filiações em língua irlandesa, bem como a pequenos segmentos de texto marcados pelo vocabulário por vezes excêntrico de Adomnán. As variantes em relação a A consistem na sua maior parte em normalizações ortográficas e na substituição de vocabulário pouco familiar por outro mais corrente. Onde as lições divergentes alteram o sentido do texto, frequentemente o tornam inepto, e, mesmo quando não o fazem, não consideramos nenhuma leitura preferível a A, indo assim de encontro à opinião que Ludwig Bieler já expressara<sup>19</sup>.

Registámos sete ocorrências em que M concorda com A contra B:

<i>Capitulationes</i> : I.6 letha	lethani B
I.1 quod est maioris miraculi	<i>om.</i> B
I.3 monasteriorum	monasterium B
I.3 doctrina eloquentia	doctrinali eloquentia B
II.1 in uinum <i>om.</i>	aquam in uinum conuertit B
II.5 describo <i>om.</i>	annorum describo B
II.26 quem forte uenati canes persequabantur	<i>om.</i> B

Se, como Picard propõe, A estava no Norte de França já no século VIII, tendo aí permanecido durante alguns anos, o copista de M, trabalhando na segunda metade do século IX, teria utilizado uma cópia de A produzida antes de o códice ter sido finalmente transferido para a região do Bodensee. Na verdade, teria de ter aqui chegado entre 841 e 872, uma vez que sabemos que foi neste período que o mais antigo manuscrito de uma das versões abreviadas foi compilado a partir de A<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> BIELER, 1962, p. 181-82.

<sup>20</sup> St. Gall, 555. Redigido em St. Gall, sob o abade Grimoaldo (841-72), é o mais antigo manuscrito contendo uma versão abreviada da *Vita*. O texto, reproduzido em cerca de quinze manuscritos, resulta da exclusão de alguns capítulos, na sua maior parte relativos a factos intimamente ligados a Iona e à Irlanda, possivelmente considerados de pouco interesse para a edificação dos leitores continentais. Esta versão – BHL 1887 – deu origem à primeira impressão da *Vita* em 1604, inserida no tomo V das *Antiquae Lectiones* de Henry Canisius. Já no século XII incluída no *Legendarium Windebergense* e no *Magnum Legendarium Austriacum*, acabou por ser a principal forma em que foi difundida a biografia de São Columba; cf. PICARD, 1998, pp. 9-10.

A segunda versão completa da *Vita* – B – é representada por três manuscritos<sup>21</sup>:

BL Add. 35110, f. 96v-143r (B1). Códice da segunda metade do século XII, provavelmente escrito em Durham, por uma mão anglo-normanda, também responsável por minuciosas correções efectuadas após revisão integral do texto. A *Vita* é precedida por uma lista de bispos de Durham, que finda com o episcopado de Hugh du Puiset, o que permite balizar a cópia entre 1154 e 1195. Um conjunto de excertos de Beda relativos a São Columba, e outros textos hagiográficos, ocupam os restantes fólhos.

BL Cottonian Tiberius D III, f. 192r-217r (B2). Escrito por uma mão atribuível aos finais do século XII ou aos primeiros anos do século XIII, este códice sobreviveu ao incêndio de 1731 com partes de todas as páginas destruídas ou ilegíveis. Sabe-se, porém, que já antes do incêndio seis fólhos haviam desaparecido, causando uma lacuna que se estende de *diebus uerbis*, em I.2, a *in litore flexis*, em I.22. O manuscrito contém uma colecção de *Vitae* organizadas por dias. À *Vita S. Columbae* segue-se um poema em hexâmetros leoninos<sup>22</sup>, prece a São Columba para que favoreça o rei Alexandre da Escócia (1107-24), a pedido do qual a cópia terá sido feita, e também o escriba de nome Simeão e o seu superior Guilherme, que a terão levado a cabo numa certa *insula pontificum*, cuja localização pode ser apenas especulada. Tanto Anderson como Bieler afirmam que este manuscrito escocês, copiado na primeira metade do século XII, pode ser o modelo dos três manuscritos contendo o texto.

B3: BL Royal 8 D IX, f. 1r-70r (B3). É um códice do século XV ou dos inícios do século XVI, do qual se perderam os primeiros fólhos, incluindo cerca de oito que continham o início do texto de Adomnán, que principia a meio de I.3. Uma Regra de Santo Agostinho comentada é o único texto do manuscrito para além da *Vita*. Vários elementos atestam a ascendência comum destes três manuscritos, separando-os nitidamente de A. Por um lado, não existem em B quaisquer vestígios do passo de Cumméne, acrescentado em A e, como

---

<sup>21</sup> Para a descrição deste conjunto de manuscritos ver ANDERSON & ANDERSON, 1991. REEVES, 1857, apenas descreve e colaciona B2 e B3.

<sup>22</sup> O poema encontra-se editado em REEVES, 1857, p. xxix.

vimos, perpetuado sem exceções na sua descendência continental. Também três frases do texto de A, em relação às quais nada leva a suspeitar que não fizessem parte do texto original de Adomnán<sup>23</sup>, são omitidas em B:

I.1 quod est maioris miraculi

II.26 quem forte uenati canes persequebantur

II.3 hoc famen factum est *hi Teilte*

Por outro lado, todos os manuscritos de B incluem um episódio inédito após II.20, mas que, ao contrário do que verificamos no episódio retirado do livro de Cumméne e adicionado em A, é congruente com o estilo próprio de Adomnán, podendo ter sido inserido posteriormente sob a autoridade do autor<sup>24</sup>. B, por um lado, contém algumas *lectiones* mais correctas que em A, e, por outro, supre omissões de A que comprometem o sentido do texto:

I.3 monasteriorum A	monasterium B
I.3 doctrina eloquentia A	doctrinali eloquentia B
II.1 in uinum <i>om.</i> A	aquam in uinum conuertit B
II.5 describo <i>om.</i>	annorum describo B
II.10 petro A	petra B
III.15 lapsae A	lapso B

Uma lista dos companheiros de Columba na sua peregrinação à Grã-Bretanha, e outra mencionando os nomes de alguns parentes do Santo, acompanha o final da *Vita* nos três códices. Os títulos de II.19 a II.28 e II.44 foram alterados e completados em B, na maior parte dos casos com informações contidas no texto do capítulo.

Um indício que leva a pressupor a antiguidade do texto de B prende-se com a ortografia do vocabulário em irlandês, que por vezes conserva formas arcaicas atribuídas a

---

<sup>23</sup> Cf. BIELER, 1962, p. 180.

<sup>24</sup> *Ibid.* p. 179.

uma fase do Irlandês Antigo um pouco anterior à das formas presentes em A<sup>25</sup>. O mesmo conservadorismo não atinge a ortografia do latim, claramente normalizada face à que seria utilizada no arquétipo de B, e preservada em A.

B1, B2 e B3 apresentam omissões que inviabilizam quaisquer relações de filiação entre estes três manuscritos:

I.15 nam iuxta uerbum eius in domu *om.* B1

I.32 prouida *om.* B2

I.34 noctu *om.* B1

II.9 ueracibus *om.* B2

II.23 iugulator necdum aliis eiusdem uiri *om.* B2

II.42 totidemque noctes *om.* B1

III.5 quia magis Iogenanum fratrem eius diligeret *om.* B2

B2 e B3 não só contêm ambas listas de capítulos para o Livro II e Livro III<sup>26</sup>, como apresentam alguns erros comuns que sugerem uma descendência a partir de uma mesma cópia intermédia de B:

II.23 qui B2 B3

quod A B1

II.39 uocatus B2 B3

uocitatus A B1

III.8 omnibus B2 B3

homininus A B1

III.23 uocibilis B2 B3

noscibilis A B1

Independentes entre si, A e B derivam em última instância do que seria o manuscrito original de Adomnán. Neste códice, o texto não incluía quer a passagem acrescentada mais tarde pelo copista de A, quer o passo suplementar após II.20, em B. A lista de capítulos introduzindo o primeiro livro também já faria parte do texto. Nela foi

---

<sup>25</sup> Para uma análise dos antropónimos em Irlandês Antigo em B cf. ANDERSON & ANDERSON, 1991, pp. lxxv-lxxix.

<sup>26</sup> Cf. nota 19.

preservado em A e B um erro do arquétipo: no título de I.39, o nome *Enano* contradiz aquele que encontramos mais à frente à cabeça do respectivo capítulo, *Nemano*.

Se considerarmos as características das adições em A e em B, algumas conclusões hipotéticas não se afiguram inverosímeis. O texto de A poderá ser mais próximo de uma suposta primeira versão do autor. Contudo, o passo atribuído a Cumméne, com os seus contornos estilísticos intrusivos, dificilmente pode ser entendido como o resultado da vontade de Adomnán, mas antes como uma decisão de Dorbbénne. Em B, porém, nada impede que a história em II.20 seja aceite como tendo sido introduzida por Adomnán, numa cópia melhorada do modelo comum a A que conteria também a enumeração dos companheiros e parentes de São Columba. Se assim for, Dorbbénne terá produzido a sua cópia após a morte do autor. Mas se o arquétipo de B foi supervisionado por Adomnán, e, portanto, já existiria à data da cópia de A, fica por explicar a razão pela qual Dorbbénne decidiu reproduzir a primeira versão de Adomnán e não o texto revisto.

Quanto a M, deve ser considerado enquanto *codex descriptus* de A, e de interesse apenas para a história da circulação da *Vita S. Columbae* no continente, à semelhança de todos os manuscritos das versões abreviadas que preservam com algum rigor as palavras do nono abade de Iona. Interesse todavia limitado, uma vez que M, em virtude das suas omissões e erros, não pode ter sido o modelo de nenhuma destas recensões.